

MARIA MANUELA DE DEUS

**POVOAMENTO NEOLÍTICO E CALCOLÍTICO
NA REGIÃO DE MONTARGIL**

Dissertação de Mestrado em Pré-História e Arqueologia,
orientada pelo Professor Doutor Victor S. Gonçalves

Vol. 1

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE LISBOA

Lisboa, 2002

Para meus pais, Mariana e Manuel



Índice

1. Introdução	8
2. O Espaço: delimitação da área de estudo	11
2.1 O contexto geográfico: o interior alentejano	11
2.2 As unidades Fisiográficas: caracterização dos maciços de Montargil e de Touris no contexto da bacia terciária do Tejo	12
3. Trabalhos anteriores na área em estudo: o núcleo megalítico de Montargil	18
4. Sítios inventariados: trabalho de campo e critérios descritivos	22
4.1 Vestígios de povoamento	22
4.2 Megalitismo funerário	24
4.3 Megalitismo não funerário	25
5. A cultura material: justificação da metodologia de análise	27
5.1 Os recipientes cerâmicos	27
5.2 Os pesos do tear	31
5.3 A pedra polida	31
5.4 A pedra lascada	33
5.4.1 Lascas, lâminas e lamelas	33
5.4.2 Pontas de seta	35
5.4.3 Micrólitos geométricos	36
5.4.4 A macroutensilagem	37
5.5 A pedra afeiçãoada	37
5.6 As placas votivas	37
5.7 Outros	39

6. Alguns comentários sobre a neolitização do Alentejo interior	40
7. Alguns comentários sobre o Calcolítico do Alentejo interior	44
8. Os vestígios de povoamento: a amostra disponível	47
8.1 O povoado do Bernardo 1	50
8.1.1 Trabalhos arqueológicos	51
8.1.2 A componente artefactual	52
8.1.2.1 Os dados de superfície	53
8.1.2.2 Os dados de escavação	55
8.1.3 A interpretação crono-estratigráfica possível	58
8.1.4 Funcionalidades e estratégias de ocupação do espaço	59
8.2 O povoado Calcolítico da Serra 1	63
8.2.1 Trabalhos arqueológicos	63
8.2.2 Estruturas	66
8.2.3 A componente artefactual	66
8.2.3.1 Os recipientes cerâmicos	67
8.2.3.2 Pesos de tear	73
8.2.3.3 Pedra polida	74
8.2.3.4 Pedra afeiçoada: elementos de moagem e percutores	75
8.2.3.5 Pedra lascada	75
8.2.3.6 Objectos relacionados com o Sagrado	78
8.2.3.7 Elementos de adorno	79
8.2.3.8 “Pesos de rede”	79
8.2.4 Análise faunística	80
8.2.5 Interpretação funcional e enquadramento cronológico	81
8.3 O Neolítico antigo/médio: implantação e cultura material	84
8.4 O Neolítico final/Calcolítico: implantação e cultura material	88
8.5 Estratégias de ocupação do espaço	91
8.5.1 Topografia, acessibilidade e defensabilidade	91
8.5.2 Os recursos naturais: geologia, solos e hidrografia	94

9. Megalitismo não funerário	98
9.1 O recinto megalítico de Alminho	98
10. Megalitismo funerário: a amostra disponível	102
10.1 A arquitectura dos monumentos	104
10.2 A orientação dos monumentos	109
10.3 Os artefactos votivos	110
10.3.1 Os recipientes cerâmicos	112
10.3.2 A pedra polida	113
10.3.3 A pedra lascada	114
10.3.4 As placas votivas	114
10.4 Restos osteológicos humanos	116
10.5 Distribuição espacial. Implantação na paisagem e visibilidades	117
11. Integração cronológico-cultural e enquadramento regional	122
12. Síntese final	129
Referências bibliográficas	133

Agradecimentos

Em primeiro lugar quero agradecer ao Professor Doutor Victor Gonçalves pelo apoio e confiança demonstrados ao longo da elaboração deste trabalho.

À Câmara Municipal de Ponte de Sor, na pessoa do seu Presidente, Dr. José Taveira Pinto, único apoio logístico e financeiro, sem o qual não teria sido possível realizar este projecto. Dos Serviços Sócio-Culturais da autarquia, cumpre-me destacar a Domicília, a Margarida e o Dr. Espadinha. Ao Paulo Vaz a disponibilidade na elaboração dos levantamentos topográficos.

A quem, acreditando na importância da formação académica, proporcionou as condições para a elaboração deste trabalho, nomeadamente, o Eng.º Monge Soares e o Professor João Zilhão da Direcção do Instituto Português de Arqueologia e a Dr.ª Ana Paula Assunção, chefe da divisão Sócio-Cultural da Câmara Municipal de Loures.

Ao grupo PONTIS, que está na origem deste trabalho e do qual guardarei a recordação dos bons momentos vividos. Devo um agradecimento especial à Maria João Valente e à Fernanda de Sousa, pela forma incondicional com que disponibilizaram os dados inéditos da escavação no sítio do Bernardo 1. Ainda a Fernanda de Sousa pela qualidade dos seus desenhos da pedra lascada.

À Ivone Canavilhas, companheira dos trabalhos em Montargil, que acompanhou de perto todo o trabalho, demonstrando disponibilidade e amizade absolutas. À Margarida Salvador, minha colega de mestrado, pelo companheirismo, ajuda e amizade demonstrados.

Ao Dr. Manuel Calado, pelas sugestões e apoio que tem dado desde o início da formação do grupo PONTIS até ao presente trabalho.

Ao António Faustino, pela ajuda prestada ao longo do projecto e na classificação da indústria lítica.

A todos os que colaboraram nos trabalhos de prospecção e escavação contribuindo para a recolha dos dados apresentados. Aos proprietários dos terrenos que autorizaram a realização das sondagens arqueológicas.

Ao Museu Nacional de Arqueologia, na pessoa do Dr. Luís Raposo, pelo acesso à colecção das antas de Montargil e pela facilidade na consulta do Legado de Leite de

Vasconcellos. Ainda à Luísa Guerreiro pela disponibilidade com que acedeu aos pedidos de quem chega sempre com o tempo limitado.

A um conjunto de pessoas que contribuiu, de uma forma ou outra, para a realização deste trabalho: ao João Branco, ao Carlos Pedro e ao Paulo Nascimento pela resolução dos problemas informáticos, arranjo gráfico do trabalho e pelo auxílio na recta final; à Lídia Coelho Lopes pela leitura atenta; ao Miguel Duarte de Almeida pelas fotografias dos materiais depositados no MNA; ao Carlos Tomás pela colaboração e amizade; à Márcia Diogo, à Paula Maurício e ao Samuel Melro pela realização de alguns desenhos; ao António Rodrigues pela elaboração dos mapas em SIG a partir da CMP folha 380 digitalizada; ao Dr. Fernando Real pela classificação de matérias-primas líticas; à Cidália Duarte pelo estudo bioantropológico do espólio das antas de Montargil; à Cristina Araújo pela classificação de indústria lítica; à Mónica Antunes pelo apoio em determinados momentos; ao José Correia por toda a ajuda, sobretudo na recta final.

1. Introdução

Quando em 1995 tive oportunidade de participar nas prospecções que um grupo de colegas havia iniciado no concelho de Ponte de Sor contactei, pela primeira vez, com a realidade arqueológica de Montargil, a qual não despertou de imediato o meu interesse. Porém, à medida que se foram relocalizando os monumentos megalíticos e encontrando os vestígios de habitat pré-históricos, a ideia de um estudo sobre o povoamento Neolítico e Calcolítico foi, concomitantemente, ganhando forma e entusiasmo em todos os elementos do grupo. A mim, coube-me a tarefa de tentar concretizá-la, com o seu auxílio, sob a forma de uma dissertação de tese de mestrado. Entretanto, a identificação de materiais atribuíveis ao Neolítico antigo e ao Mesolítico ampliou o enquadramento cronológico e cultural do presente trabalho. O limite cronológico mais antigo é, neste momento, impossível de estabelecer, podendo situar-se algures dentro dos 7º ou 6º milénios a. C. O limite mais recente parece situar-se por volta de meados do 3º milénio a. C., num momento pleno do Calcolítico. ^{2ª metade} / ^{pleno}

Terminadas as prospecções no âmbito da elaboração da Carta Arqueológica de Ponte de Sor, apresentámos em 1998 um projecto de estudo e valorização da pré-história recente de Ponte de Sor, do qual sou responsável. O grupo de trabalho manteve a designação PONTIS (Grupo de estudos arqueológicos de Ponte de Sor) e é constituído por vários elementos: Maria João Valente e Maria Fernanda Boto (responsáveis pela escavação do sítio do Bernardo); António Martins, Lídia Coelho Lopes, Mónica Antunes e Rui Almeida e ainda a colaboração permanente de Ivone Canavilhas e Vera Freitas. Este projecto previa a intensificação de prospecções em determinadas zonas, a realização de sondagens arqueológicas e futuras escavações em área. As preferências por diferentes épocas da História, manifestadas pelos elementos do grupo, bem como as circunstâncias profissionais e as actividades que se foram desenvolvendo na região, inclusive noutros períodos cronológicos, levaram à reestruturação dos objectivos do projecto e, conseqüentemente, desta dissertação. Em termos espaciais a área foi limitada praticamente à região de Montargil onde não foi possível realizar algumas das sondagens previstas nem fazer escavações em área.

A natureza da informação de que disponho é díspar, permitindo diferentes níveis de leitura. Foram feitas sondagens em povoados cujos dados são ainda limitados quando se ensaiam interpretações de carácter estratigráfico e contextual. Muitos dos sítios conhecidos são-no tão só através de recolhas de superfície. Disponho de alguns artefactos, provenientes de escavações antigas, depositados no M.N.A.. Permanecem os vestígios mais visíveis da arquitectura, os monumentos megalíticos. E existe, claro, a paisagem.

Esta diversidade de elementos de trabalho levanta vários problemas quando se tentam estabelecer relações crono-culturais e conduz, necessariamente, a diferentes opções metodológicas a que farei referência mais adiante.

Partindo da análise dos dados disponíveis, este trabalho tem como objectivos principais contribuir para o conhecimento das diversas estratégias de implantação na paisagem praticadas pelas comunidades que ocuparam a região entre o 6º e meados do 3º milénios, em anos de calendário.

Este trabalho insere-se na linha de pesquisa de outros que têm sido realizados na região, que procuram relacionar o povoamento com as sepulturas megalíticas, vocacionando a prospecção para a identificação de povoados. De entre estes, têm especial relevância, para o estudo em questão, as investigações efectuadas em áreas limítrofes como Pavia (Calado e Rocha, 1996; Rocha, 1996, 1998, 2000), Évora (Calado, 1995, 1997; Calado e Rocha, 1996), serra d'Ossa (Calado, 1995) e Reguengos de Monsaraz (Gonçalves, 1995, 1999; Gonçalves e Sousa, 1997, 2000). Para a integração regional do megalitismo funerário, interessam também os trabalhos realizados no Nordeste alentejano (Oliveira, 1995, 2000; Parreira, 1996). Embora mais recentes, os trabalhos realizados na região de Monforte (Boaventura e Lopes, 1998) trarão certamente grandes novidades para a discussão do povoamento megalítico do Alto Alentejo Central.

Para além do tratamento da informação agora recolhida, pretendo abordar numa perspectiva metodológica coerente e mais actual, dados que, relacionados com a própria época em que foram obtidos, se apresentam de formas muito variadas.

Espero pois, que esta dissertação seja um contributo para o conhecimento do(s) processo(s) de neolitização e de fixação das comunidades agro-pastoris nesta área de transição do Ribatejo para o Alentejo.

A realização deste trabalho, após ter sido feita a inventariação de sítios, é certamente uma consequência natural, mas espero que seja também o impulso para a etapa seguinte. Mais do que certezas, parece-me que este trabalho suscita dúvidas que deverão ser tidas como hipóteses e perspectivas de investigação. Assim pretendo, passo a passo, continuar a caminhada.

2. O Espaço: delimitação da área de estudo

Como já foi referido na introdução deste trabalho, a escolha da região resultou do prévio conhecimento da sua realidade arqueológica. Embora seja sempre um limite artificial, dada a impossibilidade de inferir fronteiras em Pré-história, é imperativo delimitar uma área que dê enquadramento espacial à investigação.

No caso em estudo optou-se por um critério de definição geológica, que se pensa poder estar em sintonia com a realidade arqueológica. A quase totalidade dos indícios de ocupação pré-histórica pós-paleolítica na região de Montargil localiza-se nos terrenos do maciço antigo e numa estreita faixa de argilas e grés do Paleogénico e Miocénico. Esta faixa resulta da erosão dos depósitos terciários mais recentes e situa-se na base dos maciços, no contacto dos dois complexos geológicos. Os terrenos constituídos pelo enchimento da bacia terciária do Tejo são praticamente desprovidos de vestígios arqueológicos.

O principal afloramento do substrato hercínico localiza-se junto à povoação de Montargil e prolonga-se para Oeste numa área de cerca de 38 km². A cerca de 4 km a Norte desta povoação, localiza-se o maciço de Touris, de pequenas dimensões (c. 4,5 km²), que devido ao seu interesse arqueológico será considerado neste trabalho. Por razões práticas a área será genericamente designada como região de Montargil.

Todavia, a representação desta delimitação geológica é feita com alguma permeabilidade. Optei assim por definir um rectângulo onde estão incluídos os principais elementos hidrográficos da região: a Este e a Sul os limites foram estabelecidos pela ribeira de Sor, a Oeste, sensivelmente pela ribeira da Erra e a Norte um pouco a montante do maciço de Touris, próximo da ribeira de Chambel.

2.1. O contexto geográfico: o interior alentejano

Actualmente, e do ponto de vista administrativo, a região de Montargil faz parte do Alto Alentejo, do distrito de Portalegre, do concelho de Ponte de Sor e da freguesia de

Montargil. Os limites do município de Ponte de Sor são definidos a Norte, a Oeste e a Sudoeste pelos concelhos ribatejanos de Abrantes, Chamusca e Coruche. A Sul e a Este confina com os concelhos alentejanos de Mora, Avis, Alter do Chão, Crato e Gavião. Esta área localiza-se, portanto, na transição do Ribatejo para o Alentejo, factor que se reflecte nas características geográficas do território e na paisagem. Por um lado, não apresenta ainda os grandes espaços abertos e de peneplanície que caracterizam a região alentejana, por outro, não é constituída pelas extensas várzeas, férteis e intensamente cultivadas da planície aluvial do Tejo, típicas de algumas regiões ribatejanas. A paisagem apresenta um conjunto de superfícies planálticas, muito dissecadas pela rede hidrográfica e cobertas por associações vegetais que se encontram na charneca ribatejana, como o montado de sobro, por vezes mais cerrado que no Alentejo (Martins, 1999). Segundo a Carta das Regiões Naturais do Atlas do Ambiente (Pina Manique e Albuquerque, 1985) esta zona está incluída na região natural do Ribatejo, sub-região da Charneca de Montargil.

Sobre esta questão é interessante verificar que, em finais do séc. XVIII, a vila de Montargil estava “situada na Província da Estremadura confinante com a Província do Alentejo e do Patriarcado de Lisboa Comarca de Santarem” (s.n., 1758:1411).

2.2. As unidades Fisiográficas: caracterização dos maciços de Montargil e de Touris no contexto da bacia terciária do Tejo

Na caracterização geográfica da área de estudo, opta-se por fazer, em primeiro lugar, um enquadramento da região, descrevendo os terrenos que envolvem os socos de maciço antigo e que se inserem na bacia terciária do Tejo. Estes correspondem, em traços gerais, às folhas 31 B, 32 A, 31 D e 32 C da Carta Geológica de Portugal à escala 1:50 000, localizam-se na bacia hidrográfica da Ribeira de Sor, e adiante são também designados como região de Ponte de Sor. Posteriormente, será feita a descrição dos substratos antigos que afloram na zona de Montargil e que constituem o espaço central do presente trabalho. Para a caracterização geográfica procurou-se abordar diversas componentes, como a hidrogeologia, os solos, a geomorfologia, etc., partindo do pressuposto de que o conhecimento das características naturais da região pode auxiliar na compreensão das

modalidades de ocupação do espaço durante a época em questão. Para tal, recorreu-se sobretudo à bibliografia cartográfica disponível e a alguns trabalhos de geografia e geomorfologia.

Situada na parte oriental da bacia terciária do Tejo, a região de Ponte de Sor é constituída essencialmente por dois complexos geológicos. A maioria dos terrenos é ocupada por coberturas sedimentares da bacia cenozóica do Tejo, da qual se destacam alguns afloramentos do substrato antigo, que não chegaram a ser totalmente cobertos pelos sedimentos da bacia, ou que foram descobertos pela erosão dos cursos de água (Carvalho, 1986).

Estas coberturas sedimentares terciárias e quaternárias são constituídas por várias litologias, predominando os materiais greso-argilosos e greso-conglomeráticos. Na base do enchimento da bacia existem depósitos de argilas, com concreções calcárias e arcoses do Paleogénico. A estes sobrepõe-se o complexo argilo-gresoso de Coruche do Pliocénico e Miocénico indiferenciados (Zbyszewski e Carvalhosa, 1984: 9). No topo deste enchimento existe um manto aluvial de calhaus rolados, atribuído ao Pliocénico, que chega a atingir cerca de 30 metros de espessura e que, em termos morfológicos, define uma superfície planáltica que a Oeste de Ponte de Sor atinge 200-210 m de altitude e que corresponde à superfície culminante da bacia. Este manto aluvial é constituído maioritariamente por quartzito (80%) e por quartzo (20%). Na cartografia geológica encontram-se várias designações para este manto de conglomerados: “grés e conglomerados de serra de Almeirim”, “grés e conglomerados de serra de Almeirim - cascalheiras dos planaltos”, “cascalheiras e areia” e “Conglomerados de serra de Almeirim” (Martins, 1999: 19). Existem alguns relevos residuais pliocénicos nos pontos mais altos, como acontece a Oeste do maciço de Montargil e em alguns pontos entre este e o maciço de Touris.

Ao longo da ribeira de Sor e também do rio Sorraia, existem depósitos de antigos terraços fluviais, escalonados nas suas vertentes. Na maioria dos casos são cascalheiras de areias mais ou menos grosseiras cuja dimensão varia entre os 4 e os 65 metros, atribuídas ao Plistocénico.

Embora se observem ao longo de várias linhas de água, os depósitos aluvionares estão melhor representados nos vales dos principais cursos de água na ribeira de Sor e no rio

Sorraia. Estas aluviões são essencialmente arenosas e formadas por cascalho, apresentando algumas intercalações lodosas ou argilosas.

Destacando-se da cobertura da bacia sedimentar, afloram, pontualmente, algumas saliências do soco antigo. É este o caso do maciço de Montargil de orientação sensivelmente W – E e do maciço de Touris. Estes afloramentos do maciço paleozóico fazem parte da extensa faixa cristalofílica hercínica de Évora – Aracena, pertencente à zona Ossa – Morena. A área de Montargil é a continuação, para nordeste, de uma faixa que também se encontra representada na zona de Pavia. Segundo os autores da Notícia Explicativa da Carta Geológica 1:50 000 (Zbyszewski e Carvalhosa, 1984), estes socos do maciço antigo foram postos a descoberto devido à erosão das coberturas terciárias e quaternárias. Porém, trabalhos de geomorfologia mais recentes colocam a hipótese de o maciço de Montargil não ter sido totalmente coberto pelos sedimentos da bacia, pois é contornado pelos principais cursos de água, não havendo situações de epigenia (Martins, 1999: 24)

Em termos gerais, na base da sequência metamórfica do maciço de Montargil encontram-se os calcários cristalinos dispostos em estreita faixa, praticamente no sentido norte-sul, separando as formações metasedimentares dos granitos. Sobre estes, ocorrem micaxistos e anfíbolitos intercalados, designados como Formação do Monte de Portugal. Estes estão bem representados em torno da vila de Montargil e numa faixa, de sentido norte-sul, na zona do Monte de Portugal. É também nesta zona, que sofreu um elevado grau de metamorfismo, que se instalaram as rochas graníticas. Sob a designação de paragneisses e quartzomicaxistos, existe um grupo de metamorfitos constituídos, essencialmente, por quartzo e micas, que por razões práticas foi genericamente designado por paragneisses (Zbyszewski e Carvalhosa, 1984: 14). Este tipo de rochas, também referenciadas como Formação de Faia, localizam-se sobretudo a Este do Monte de Portugal, prolongando-se por uma faixa horizontal a Sul de Montargil. A Este de Montargil existe uma mancha de terrenos constituídos por filitos e metagrauwaques. Na parte Oeste do maciço estão bem representadas rochas intrusivas, nomeadamente, gnaisses graníticos, granitos gnáissicos, pegmatitos e granitos grosseiros associados. No quadrante Sudeste, observa-se uma zona

onde também predominam as rochas intrusivas, constituídas por gabros e dioritos que são atravessados por filões graníticos.

No que se refere ao maciço de Touris, pode observar-se no extremo Noroeste a presença de granito calco-alcálico biotítico de grão grosseiro. A Este e a Sul existe uma zona de filitos e metagrauvaques, metavulcanitos e quartzomicaxistos.

Nos bordos dos maciços de Touris e Montargil existe uma faixa irregular de argilas e grés, às vezes arcósico, com níveis carbonatados, de formação Paleogénica e Miocénica.

A região de Ponte de Sor é recortada por uma densa rede de linhas de água tributárias das bacias hidrográficas da ribeira de Sor e, mais próximo de Montargil, do rio Sorraia. Concretamente, a região de Montargil, situa-se na margem direita da bacia hidrográfica deste rio que é formado pela junção das ribeiras de Sor e da Raia, cujas águas seguem pelo Sorraia até desaguar, mais a jusante, no rio Tejo. A ribeira de Sor, que nasce na vertente S/SE da Serra de S. Mamede contacta a Este com os maciços de Touris e Montargil e segue o seu percurso no sentido NE – SW, terminando no Sorraia.

A ribeira de Sor é o principal curso de água da região e o seu vale um dos mais largos. Para si convergem vários vales que são ocupados por linhas de água temporárias que só correm durante os períodos mais chuvosos (Carvalho, 1964: 4). A ribeira de Erra, um dos principais afluentes da margem direita do rio Sorraia, é o curso de água mais significativo localizado a Oeste da região de Montargil. A ribeira de Maltim, seu afluente da margem esquerda, passa junto ao bordo Norte dos terrenos do maciço de Montargil. Entre este e o maciço de Touris localiza-se uma linha de água que corresponde actualmente a um braço da albufeira de Montargil que foi implantada na ribeira de Sor.

Segundo a Carta de Precipitação, a área de Montargil apresenta uma precipitação média anual de c. de 700 mm e nalgumas zonas limítrofes de 600 mm. Quanto à hidrogeologia, verifica-se que é o complexo areno-argiloso Mio-Pliocénico, que envolve os substratos antigos, que constitui o melhor sistema aquífero da região devido a uma maior permeabilidade dos solos. Nas áreas ocupadas pelos maciços de Touris e de Montargil, a morfologia do terreno denuncia um fácil escorrimento das águas da chuva, sendo a infiltração reduzida tal como as disponibilidades em águas subterrâneas. A pouca

permeabilidade dos solos está também relacionada com a constituição litológica que origina, em alguns casos, solos muito argilosos.

Os solos do maciço antigo são predominantemente ácidos, enquadrando-se nas classes de PH de 4,6 a 5,5 e 5,6 a 6,5.

A caracterização da capacidade de uso dos solos foi efectuada de acordo com a interpretação da Carta de Capacidade de Uso dos Solos, folhas 31-B e 31-D. Na zona central e com maior altitude da serra de Montargil desenvolve-se uma faixa de solos de Classe E, de orientação E-W, que vai de Montargil, passando pelas zonas de Portugal e Maltim até Atalhadouros, no limite Oeste do maciço. Para além dos solos das Classes D e E que são predominantes nas vertentes sul do maciço, existe: uma mancha de solos de Classe C+D na zona de St. André; duas manchas de solos de Classe B a norte do Monte da Anta (no local onde houve fabrico de cal em época contemporânea) e entre o Monte de Portugal e o geodésico de Cavaleiros; solos com capacidade de uso B+C e C nas zonas do Alminho e do Bernardo, bem como ao longo da ribeira de Sor, sobretudo na margem direita; uma pequena mancha de solos de Classe A numa zona a sul próxima do povoado calcolítico Serra 1 e da Anta do Monte do Cabeço. A Norte da grande faixa central de solos de Classe E predominam solos de Classe D, ocorrendo zonas onde existem solos de Classe C+D. À excepção das estreitas faixas de solos de Classe C que se encontram ao longo das principais linhas de água, os solos das Classes D e E estendem-se desde o maciço de Montargil ao maciço de Touris, incluindo este.

Os solos da região de Montargil são maioritariamente solos com pouca capacidade agrícola, com restrições à exploração de matos e floresta e com riscos de erosão muito elevados. Estes localizam-se sobretudo nos pontos mais elevados do maciço e em alguns terrenos que o rodeiam, formados por coberturas sedimentares. Estão também presentes alguns solos de capacidade de uso C, ou seja mediana, susceptíveis de utilização agrícola pouco intensiva, de acordo com parâmetros agrícolas Gactuais. A presença de solos com elevada capacidade de uso e susceptíveis de utilizações agrícolas mais intensivas é muito pontual (apenas existem duas pequenas manchas de solos de Classe A e B).

No que se refere aos recursos mineiros, a região em estudo afigura-se pouco interessante. Embora fazendo parte do maciço cristalino-eruptivo de Évora, onde existem alguns tipos de mineralizações, sobretudo de jazigos de ferro, não há notícia da sua

ocorrência ou da sua exploração nesta região. Em épocas relativamente recentes, e na actualidade, alguns materiais têm sido aproveitados apesar dos recursos minerais serem escassos. No maciço de Touris existem explorações, sem expressão económica, de granitos porfiróides, aproveitados para brita e alvenaria. Pequenas explorações para fabrico de cal foram instaladas nas zonas dos calcários cristalinos. Destas explorações foi possível observar um forno de cal na pequena faixa de calcários localizada próxima do Monte da Anta, no maciço de Montargil. A Norte e a Sul do rio Sorraia foram exploradas algumas argilas do complexo Mio-Pliocénico para fabrico de telhas e tijolos. Também algumas areias do complexo Miocénico e cascalheiras de antigos terraços fluviais pliocénicos têm sido explorados e utilizados na construção.

Como já foi verificado, nas áreas onde o substrato antigo aflora existe uma grande variedade de rochas, que terão assumido, uma importância significativa para as comunidades pré-históricas que habitaram a região. É o caso dos granitos, gnaisses e xistos utilizados na construção de monumentos, da ocorrência de blocos de quartzo translúcido que foram amplamente utilizados na região para o talhe de objectos líticos e do anfíbolito usado no fabrico de utensílios de pedra polida. Sobre a utilização do anfíbolito refiro a hipótese levantada por Cardoso e Barros e Carvalhosa de esta ser uma das hipotéticas áreas de obtenção de matéria-prima para o fabrico dos artefactos de pedra polida que surgem no povoado calcolítico de Leceia (Cardoso e Barros e Carvalhosa, 1985).

3. Trabalhos anteriores na área em estudo: o núcleo megalítico de Montargil

Num concelho como o de Ponte de Sor, onde a investigação arqueológica era, até há pouco tempo, quase ausente, o Núcleo Megalítico de Montargil adquiriu grande destaque. Falar dos trabalhos mais antigos sobre a ocupação pré-histórica desta região é, necessariamente, falar do conjunto de monumentos megalíticos localizado na serra de Montargil, dado que, só muito recentemente, foram referenciados vestígios de habitat de forma sistemática (PONTIS, 1999).

A história da actividade arqueológica nesta área parece remontar aos trabalhos de Leite de Vasconcellos que, a convite do Dr. Manuel Rodrigues Matos e Silva, de Ponte de Sor, se deslocou a Montargil em Junho de 1910 (Vasconcellos, 1910). Nesta “excursão” arqueológica, de apenas quatro dias, aquele investigador procedeu à escavação de alguns monumentos megalíticos, nomeadamente: a anta do Bernardo, uma anta no Monte dos Irmãos, outra na herdade de Cavaleiros e quatro na herdade do Zambujeiro. A dúvida que persistia (Deus, 1999) sobre a escavação destas quatro antas ou de outras situadas na herdade do Zambujal, parece estar definitivamente esclarecida. Georg e Vera Leisner (Leisner e Leisner, 1953) referem que Leite de Vasconcellos se terá enganado ao publicar a notícia das suas explorações porque escreveu Zambujal em vez de Zambujeiro. O argumento apresentado por aqueles investigadores residia no facto de na herdade do Zambujal apenas existirem três antas. Porém, era possível que aquando da visita de Leite de Vasconcellos existissem de facto quatro antas, pelo que, convinha esclarecer a questão. Consultando o Legado de Leite de Vasconcellos, nomeadamente um volume onde se encontram relatos de viagens¹, e inquirindo alguns habitantes de Montargil, uma vez que era conhecido o nome do então proprietário da herdade, foi possível confirmar a dedução dos investigadores alemães.

¹ O relato da excursão arqueológica a Ponte de Sor encontra-se escrito a lápis, numa pequena tira de papel quadriculado, dentro de um dos volumes do Legado de Leite de Vasconcelos, existente no MNA. Não contém indicações sobre o espólio recuperado e a referência aos monumentos é ainda mais vaga do que efectuada na publicação. Trata-se sobretudo de um pequeno relato “logístico” da viagem.

O trabalho que mais se destaca é o desenvolvido pelo casal de arqueólogos alemães, Georg e Vera Leisner. Em 1934 percorreram a serra de Montargil, tendo desenhado a planta de algumas antas e aumentado, de forma significativa, a listagem de monumentos conhecidos. Regressaram mais tarde a esta região para colaborarem com Octávio da Veiga Ferreira (Ferreira, 1963; Leisner e Leisner, 1953, 1959) na escavação de uma “mamoá” - Anta do Monte do Cabeço - e para procederem ao estudo de outras antas. Assim, data de 1953 a publicação dos resultados desta segunda viagem, a qual inclui as plantas das antas escavadas anteriormente e o estudo dos materiais, incluindo os que foram recolhidos por Leite de Vasconcellos e que estavam depositados no Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia (Leisner e Leisner, 1953, 1959).

Para além do registo das antas, do espólio e dos resultados de escavação, elaboraram algumas observações sobre este conjunto megalítico. Notaram que a maioria das antas se localiza no planalto da serra e nos caminhos íngremes que descem em direcção à ribeira de Sor (Leisner e Leisner, 1953: 227). À semelhança do verificado por Manuel Heleno noutras zonas do Alentejo, os Leisner distinguiram duas fácies arquitectónicas neste conjunto de antas: uma composta por antas de câmaras maiores, de planta poligonal e com corredor de acesso; outra caracterizada por pequenas construções alongadas, baixas e sem corredor.

Em 1984, Maria das Dores Girão da Cruz inicia, no âmbito de um trabalho académico, a elaboração da Carta Arqueológica de Montargil. Procedeu à sistematização e actualização dos dados publicados pelos Leisner e identificou novos monumentos. O documento elaborado por esta arqueóloga foi, aliás, um instrumento de trabalho fundamental para a tarefa de prospecção e identificação dos monumentos megalíticos de Montargil, realizada no âmbito da elaboração da Carta Arqueológica de Ponte de Sor. Apesar deste relatório estar direccionado essencialmente para as manifestações megalíticas, são também identificados alguns achados isolados, todavia sem referir a existência de prováveis povoados (Cruz, 1986).

Passada uma década voltamos a ter notícia do estado de conservação de alguns monumentos. Isabel Ferreira Norte (historiadora da arte), numa proposta de criação de um roteiro megalítico em Montargil, procedeu à descrição de várias antas e delineou algumas estratégias para a sua valorização (Norte, 1994).

Várias antas terão sido escavadas por curiosos da arqueologia cujos resultados permanecem desconhecidos. Sabemos, por exemplo, que a anta 1 das Charnequinhas (uma das maiores de Montargil, designada pelos Leisner como Parcerinhos) e outra na herdade de Portugal foram escavadas pelo Dr. Salinas Calado e pelo Sr. A. Courinho (Leisner e Leisner, 1953: 228). Outras há que denotam ter sido escavadas não se sabendo no entanto quem foram os responsáveis por tais intervenções. Há ainda a considerar o espólio proveniente de antas não identificadas que se encontra disperso ou à guarda de particulares.

Em 1995 o grupo PONTIS inicia as primeiras prospeções para a elaboração da Carta Arqueológica de Ponte de Sor que veio a ser publicada em 1999 (PONTIS, 1999). Neste trabalho procedeu-se à relocalização e descrição dos monumentos, tendo sido reencontradas algumas antas que se julgavam destruídas.

Paralelamente a este último projecto, Ivone Canavilhas fez o levantamento dos megálitos de Montargil. Numa perspectiva de arqueologia da paisagem, realizou este trabalho no âmbito do M.A., apresentado em 1996 na Universidade de Reading, Londres (Canavilhas, 1996).

A primeira referência ao único monumento megalítico não funerário conhecido, o cromeleque do Alminho, surge na Carta Geológica da região de Montargil realizada pelos Serviços Geológicos de Portugal (Zbyszewski e Carvalhosa, 1984).

À semelhança do que sucede em outras regiões do Alentejo, também nesta área era, até há pouco tempo, considerável o desequilíbrio entre o número de monumentos megalíticos e o número de povoados referidos na bibliografia arqueológica. Na região de Montargil, até meados da década de 90, não parecia existir alusões a sítios de habitat pré-históricos, em contrapartida, ascendia a cerca de trinta o número de antas conhecidas. Este panorama alterou-se em 1999, altura em que foram feitas as primeiras referências sobre o povoamento não funerário (PONTIS, 1999).

Outros trabalhos desenvolvidos em regiões limítrofes, de carácter mais ou menos sistemático, revelam-se importantes paralelos para o caso em estudo.

Muito próximo de Montargil situa-se o povoado calcolítico do Cabeço do Pé da Erra (Coruche), intervencionado nos anos 80 e integrado num projecto de estudo da antropização do Vale do Sorraia (Gonçalves, 1982; 1983-84a; 1983-4b).

O projecto que está a ser desenvolvido por Leonor Rocha sobre o povoamento dos 4º e 3º milénios a.C. na vizinha área de Pavia assume especial importância para o estudo desta região pelas relações comparativas que se podem tentar estabelecer (Rocha, 1996, 1999b).

Para além do núcleo megalítico de Montargil, há notícia de mais dois monumentos no concelho de Ponte de Sor, designados como antas 1 e 2 de Cabeceiros (Vasconcellos, 1910). Actualmente estas antas encontram-se destruídas (PONTIS, 1999: 70-71), do seu espólio apenas é conhecida uma interessante placa de xisto, decorada em ambas as faces, proveniente de um dos monumentos que terá sido destruído por máquinas agrícolas em 1977 (Vasconcellos, 1910; Vilaça, 1984: 63).

4. Sítios inventariados: trabalho de campo e critérios descritivos

4.1 Vestígios de povoamento

Com base na Carta Arqueológica de Ponte de Sor realizaram-se algumas prospecções direccionadas para situações áreas e para a verificação dos sítios integrados no âmbito cronológico desta dissertação.

A cartografia utilizada durante os trabalhos de campo foi a Carta Militar de Portugal, Fl. 380 (Montargil) à escala 1:25000, a Carta Geológica de Portugal, Fl. 31 D à escala 1:50 000 e a Carta de Capacidade de Uso dos Solos, Fl. 31 D à escala 1:50 000.

Os dados resultantes do trabalho de campo foram registados em três tipos diferentes de fichas descritivas, uma para os povoados e achados avulsos, uma para o megalitismo funerário e outra para o megalitismo não funerário. Estas fichas foram criadas numa base de dados Access 97.

Na elaboração das fichas seguiu-se de perto as orientações metodológicas apresentadas por alguns autores (Calado, 1995; Rocha, 1996; Gonçalves e Sousa, 2000) por parecerem adequadas aos objectivos desta dissertação.

No que concerne à visibilidade afigurou-se interessante aplicar as abordagens efectuadas por outros autores. David Fraser no estudo dos monumentos megalíticos de Orkney e Caithness reparte o horizonte em três classes de visibilidades: (1) restrita quando o horizonte se localiza a menos de 500 m.; (2) intermédia quando se situa entre os 500 m. e os 5 Km e (3) distante quando a visibilidade excede os 5 Km (Fraser, 1983: 299). Na análise das estratégias de visibilidade desenvolvida para dois povoados na área da Ribeira de Cheleiros (Sousa, 1996) e para o povoamento pré-histórico de Reguengos de Monsaraz (Gonçalves e Sousa, 2000) são consideradas três escalas de visibilidade, algo distintas das anteriores; (1) curta distância quando a percepção visual vai até aos 500 m; (2) média distância quando se situa entre os 500 m e 1 km e (3) longa distância a partir de 1 km. Apesar de as metodologias atrás referidas se aplicarem a situações diferentes, após as primeiras observações no terreno constatou-se que, face à fisionomia da paisagem e à realidade arqueológica em estudo, era conveniente testar a aplicação de classes com outras

distâncias de visibilidade. Esta opção foi aplicada quer a monumentos megalíticos quer a povoados, tendo em atenção que os factores que determinaram a escolha dos locais para estabelecimento de *habitats* foram, muito provavelmente, diversos dos que conduziram à selecção dos sítios para construção dos monumentos funerários.

A ficha elaborada para ^{vestígios de povoado} (os povoados e achados avulsos) é composta pelos seguintes critérios descritivos:

Identificação

Designação: topónimo mais próximo na Carta Militar ou microtopónimo

Tipo: *povoado*, quando a implantação ou a quantidade, o tipo (presença de cerâmica) e a dispersão de materiais permitem sem grandes reservas considerar que se trata de um local de habitat.

mancha de ocupação quando existem muitos materiais, pouco característicos (sobretudo indústria macrolítica, elementos de mó e percutores) e dispersos de forma homogénea numa determinada área mas que não permitem dizer com segurança que se trata de um povoado

achados avulsos quando foram identificados poucos materiais ou quando se encontram numa área relativamente grande e difícil de delimitar

N.º : é o número de ordem do sítio na Cartografia apresentada

Cronologia: considerou-se *Mesolítico*, *Neolítico Antigo/médio*, o *Neolítico Final/Calcolítico* e o *Calcolítico pleno/final*. Nos casos em que abunda material lítico de difícil caracterização cronológica, atribuiu-se a designação *indeterminado*

Concelho: Ponte de Sor

Freguesia: Montargil

CMP: 380

N: W: Foram lidas as coordenadas UTM

Alt.:

Implantação

Topografia: foram consideradas as seguintes formas de relevo: *cumeada*, *cabeço*, *lomba*, *esporão*, *patamar*, *rechã*, *vertente*, *vale*.

Geologia: com base na observação do terreno e na leitura da Carta Geológica foi identificado o substrato geológico e o tipo de solos do local

Acessibilidade: foi lida tendo em conta as características físicas da paisagem, não os acessos actuais, e foi considerada como *fácil*, *média* e *difícil*

Visibilidade: Foi obtida através da observação durante os trabalhos de campo e para cada quadrante foi determinada uma de três classes de visibilidade designadas como *restrita* (situada até aos 250 m)

intermédia (situada entre os 250 m e 500 m)

distante (situada entre os 500 m e os 750 m)

Defensabilidade: foi considerada em função do declive e comando como *elevada*, *média* ou *reduzida*

Sítios observáveis: habitats e monumentos megalíticos conhecidos, observados a partir do sítio

Recursos

Geologia: do local de implantação do sítio e da área envolvente

Recursos hídricos: foram classificados como *reduzidos*, *médios* e *elevados* com base na CMP folha 380, tendo em conta a proximidade de linhas de água ou nascentes no raio de 1 km

Solos: foram classificados com base na Carta de Capacidade de Uso dos Solos, no raio de 1 km

Vestígios arqueológicos

Estruturas defensivas: vestígios observados

Vestígios habitacionais: ocorrência de barros de cabana e eventuais restos de muros

Materiais: breve descrição do tipo de materiais recolhidos. É anexa uma ficha informatizada com a análise dos materiais arqueológicos

Bibliografia: apresentação da bibliografia sumária

Observações: informações pertinentes que não foram consideradas nos outros campos

4.2 Megalitismo funerário

Na criação da ficha de descrição dos monumentos megalíticos funerários teve-se em linha de conta as propostas de Victor Gonçalves (Gonçalves, 1992 e 1999a) e Leonor Rocha (Rocha, 1996: 17-19).

Identificação

Designação: a denominação utilizada na Carta Arqueológica de Ponte de Sor (Pontis, 1999)

Tipo:

Nº : é o número de ordem do sítio na Cartografia apresentada

Cronologia: considerou-se *Neolítico Antigo/médio* e *Neolítico Final/Calcolítico*

Concelho: Ponte de Sor

Freguesia: Montargil

CMP: 380

N: W: Foram lidas as coordenadas UTM

Alt.:

Descrição

Câmara

N.º de esteios: refere-se ao número de esteios presentes, o que pode não coincidir com o de descrições anteriores e consequentemente com as plantas

Chapéu: *in situ*, quando se encontra sobre os esteios da câmara;

tombado, quando se encontra dentro da câmara ou tombado para um dos lados

partido, se está fragmentado no interior ou exterior do monumento

inexistente, quando não há vestígios

Diâmetro: refere-se sempre ao diâmetro máximo medido no interior

Planta: foram definidas duas grandes categorias; *poligonal* e *alongada*

Corredor

Esteios norte: número de esteios *in situ* no lado norte do corredor

Esteios sul: número de esteios *in situ* no lado sul do corredor

Larg. Máx.: largura máxima do corredor lida em metros

Larg. Mín.: largura mínima do corredor lida em metros

Comp.: comprimento máximo do corredor visível à superfície

Nº de Tampas: o total das que se encontram mais ou menos *in situ* ou ligeiramente deslocadas sobre a mamoa

Covinhas: foram consideradas as seguintes hipóteses quanto à sua localização: *chapéu*, *esteio* e *outro*

Matéria-prima:

Mamoa: foi classificada como

danificada quando se encontra bem legível ou pouco destruída

vestígios quando ainda é ligeiramente perceptível

destruída quando ainda não existe vestígios de *tumulus*

Orientação: foi lida em graus a partir de duas partes do monumento conforme proposto por Victor Gonçalves (Gonçalves, 1999a: 17)

Perpendicular ao esteio de cabeceira:

Eixo do corredor:

Conservação: foi classificada como *elevada*, *média*, *reduzida* e *destruída*

Escavação: é referido o nome do autor da escavação. Quando os Leisner verificaram que o monumento já havia sido escavado por desconhecidos e quando se verificou que existem sinais evidentes de ter sido “escavado” considerou-se *desconhecido*

Espólio: foi considerado *sim* ou *não*, conforme o seu conhecimento

Implantação

Topografia: foram consideradas as seguintes formas de relevo: *cumeada, cabeça, esporão, lomba, patamar, rechã, vertente* e *vale*.

Geologia: observação do local de implantação do monumento durante os trabalhos de campo com recurso à Carta Geológica

Acessibilidade: foi lida tendo em conta as características físicas da paisagem, não os acessos actuais, e foi considerada como *fácil, média* e *difícil*

Visibilidade: foi obtida através da observação durante os trabalhos de campo e para cada quadrante foi determinada uma de três classes de visibilidade designadas como *restrita* (situada até aos 250 m)

intermédia (situada entre os 250 m e 500 m)

distante (situada entre os 500 m e os 750 m)

Sítios observáveis: habitats e monumentos megalíticos conhecidos, observados a partir do sítio

Recursos

Geologia: partindo da leitura da Carta Geológica foram observados os recursos geológicos na área envolvente

Recursos hídricos: foram classificados como *reduzidos, médios* e *elevados* com base na CMP folha 380, tendo em conta a proximidade de linhas de água ou nascentes no raio de 1 km

Solos: foram classificados com base na Carta de Capacidade de Uso dos Solos referindo-se ao local de implantação do monumento

Materiais arqueológicos: materiais recolhidos á volta do monumento

Bibliografia:

Observações:

4.3 Megalitismo não funerário

Apesar de até ao momento só ser conhecido um sítio desta categoria, o recinto do Alminho, foi elaborada uma ficha descritiva que segue a estrutura das anteriores.

Identificação

Designação:

Tipo:

N.º : é o número de ordem do sítio na Cartografia apresentada

Cronologia: considerou-se *Neolítico Antigo/médio*

Concelho: Ponte de Sor

Freguesia: Montargil

CMP: 380

N: W: Foram lidas as coordenadas UTM

Alt.:

Descrição

Nº de menires:

Matéria-prima:

Arte: *covinhas* ou *gravações*

Conservação: foi classificada como *elevada, média, reduzida* e *destruída*,

Implantação

Topografia: foram consideradas as seguintes formas de relevo: *cabeça, lomba, esporão patamar, rechã, vertente* e *vale*.

Geologia: Com base na observação do terreno e na leitura da Carta Geológica foi identificado o substrato geológico e o tipo de solos

Acessibilidade: foi lida tendo em conta as características físicas da paisagem, não os acessos actuais, e foi considerada como *fácil, média e difícil*

Visibilidade: Foi obtida através da observação durante os trabalhos de campo e para cada quadrante foi determinada uma de três classes de visibilidade designadas como *restrita* (situada até aos 250 m) *intermédia* (situada entre os 250 m e 500 m) *distante* (situada entre os 500 m e os 750 m)

Sítios observáveis: habitats e monumentos megalíticos conhecidos, observados a partir do sítio

Recursos

Geologia: observação do local de implantação do monumento, durante os trabalhos de campo com recurso à Carta Geológica

Recursos hídricos: foram classificados como *reduzidos, médios e elevados* com base na CMP folha 380, tendo em conta a proximidade de linhas de água ou nascentes no raio de 1 km

Solos: foram classificados com base na Carta de Capacidade de Uso dos Solos referindo-se ao local de implantação do monumento

Materiais arqueológicos: recolhidos junto do recinto

Bibliografia:

Observações:

5. A cultura material: justificação da metodologia de análise

Antes de mais, é conveniente fazer algumas advertências sobre as características da amostra disponível. Em termos numéricos, a colecção de materiais arqueológicos é relativamente reduzida, tendo em atenção a quantidade de sítios arqueológicos considerados. Para além disso, é composta por elementos de natureza diversa e recolhidos em contextos distintos - recolhas de superfície, sondagens em dois povoados e numa anta e escavações antigas em necrópoles. Desta forma, os vários conjuntos artefactuais potenciam distintos níveis de informação, o que conduziu, necessariamente, a diferentes abordagens metodológicas.

Os pressupostos que nortearam a selecção dos critérios descritivos foram idênticos para todas as categorias de materiais arqueológicos. Procurou-se utilizar, como base de trabalho, “propostas tipológicas” e “catálogos de formas” desenvolvidos por investigadores no estudo de colecções do centro e sul de Portugal, de preferência reconhecidas e adaptadas por outros arqueólogos a trabalhar na região. Procurei ainda, que fossem tipologias abertas para melhor se adequarem à realidade em questão e, conseqüentemente, serem funcionais.

5.1 Os recipientes cerâmicos

No estudo dos recipientes cerâmicos foram elaboradas duas matrizes de análise devido às limitações específicas das amostras.

Os fragmentos com elementos indicadores (bordo, fundo, carena, elementos de prensão ou motivos decorativos) são, regra geral, escassos, de reduzidas dimensões, não permitem a reconstituição total da forma e, por vezes, nem uma classificação muito precisa. Tanto nos materiais de superfície como nos de escavação, optou-se por desenhar os exemplares onde foi possível calcular pelo menos a orientação, mas de preferência também o diâmetro. Aqueles que não permitiram calcular a orientação e o diâmetro foram apenas descritos de acordo com a respectiva matriz de análise.

No estudo dos fragmentos de recipientes recolhidos no sítio Serra 1, quer em contexto de escavação, quer em prospecção, justificou-se elaborar uma grelha de análise mais completa. Face às características da amostra, impunha-se a determinação de uma matriz de análise flexível, aberta e adequada à realidade em questão, de modo a cumprir a sua função enquanto instrumento de trabalho. No caso em estudo não era operacional a utilização de uma tipologia rígida, com inúmeros tipos morfológicos bem definidos. Como fez notar Manuel Calado para este tipo de conjuntos artefactuais, “A utilidade de tipologias baseadas em peças inteiras é muito escassa (...) o resultado acaba por ser, com frequência, a definição de tipos cujas características não podem ser observadas na maioria das peças recolhidas” (Calado, 1995: 51).

A proposta tipológica utilizada por Carlos Tavares da Silva e Joaquina Soares (Silva e Soares, 1976/77) no estudo de cinco povoados calcolíticos do Baixo Alentejo e Algarve tornou-se, com mais ou menos adaptações, a base de trabalho de vários estudos desenvolvidos no sul do território hoje português. Para além desta tipologia, privilegiaram-se as abordagens metodológicas de outros investigadores (Gonçalves, 1989a: 149; Calado, 1995: 48-55), o que já havia sido feito por Leonor Rocha para o estudo destes vestígios na região de Pavia (Rocha, 1996).

A proposta de classificação de formas apresentada por Manuel Calado (Calado, 1995: 53), baseada no ângulo formado pelo bordo e parede do fragmento com o plano de abertura, revelou-se um adequado instrumento de análise para o conjunto em causa, uma vez que não é possível calcular o índice de profundidade dos recipientes. Porém, optou-se por recorrer à terminologia habitualmente utilizada em contextos cronológicos idênticos, até para, mais facilmente, estabelecer relações entre sítios e colecções. Desta forma, foram identificados potes, esféricos, recipientes de paredes rectas, taças e pratos.

Só existem três recipientes cerâmicos inteiros ou que permitem reconstituição morfológica. Foram recolhidos por Leite de Vasconcellos em dois monumentos megalíticos da região e estão em depósito no MNA. No caso das peças em que actualmente se desconhece o seu paradeiro, considere-se os atributos que foi possível obter através da publicação de Georg e Vera Leisner (Leisner e Leisner, 1953 e 1959). A descrição destas peças é efectuada de acordo com a mesma matriz de análise dos recipientes cerâmicos

provenientes das escavações da Serra 1, tendo sido analisados os seguintes aspectos descritivos:

Na identificação foi considerado o número atribuído no presente trabalho (N.º); o Sítio onde foi recolhido; o número de inventário (Inv); a quadrícula (Quad) e a camada (Cam).

Estado (EST)

- 1.intacto ou reconstituído
- 2.ligeiramente fragmentado
- 3.bordo
- 4.bordo e bojo
- 5.bordo, bojo e fundo
- 6.bojo e fundo
- 7.fundo

Em relação á homogeneidade da pasta (PAST)

- 1.compacta
- 2.semi-compacta
- 3.pouco compacta

Os componentes não plásticos(CNP) foram agrupados quanto ao seu número e frequência (CNPn) em:

- 1.abundantes
- 2.em número razoável
- 3.escassos

quanto às suas dimensões (cnp/d) em:

- 1.finos (1 a 25 mm)
- 2.médio (25 a 5 mm)
- 3.grandes (> que 5 mm)

quanto à matéria-prima identificada (CNPm) em:

- 1.quartzo
- 2.xisto/grauvaque
- 3.mica
- 4.feldspato

O Estado das superfícies interna (SI) e externa (SE) foram classificadas quanto ao acabamento em:

- 1.rugosa
- 2.alisada
- 3.polida
- 4.com engobe
- 5.outros

A cozedura (COZ) foi classificada como:

- 1.oxidante
- 2.redutora
- 3.oxidante com arrefecimento redutor
- 4.redutora com arrefecimento oxidante

Quanto à direcção do bordo (DB) consideraram-se as seguintes categorias:

- 1.direito
- 2.extrovertido
- 3.introvertido
- 4.espassado

Quanto ao seu espessamento (Ebd) foi classificado em:

- 1.não espessado
- 2.espessado internamente
- 3.espessado externamente
- 4.espessado interna e externamente
- 5.indiferenciado

No que se refere às perfurações (Perf) quando existentes refere-se o número e a forma como se apresentam

1. isoladas

2. apareadas

Os mamilos (Mam)

1. verticais

2. horizontais

3. isolados

4. apareados

A decoração (Dec) foi considerada

1. impressa

2. impressa – incisa

3. incisa

4. plástica

As carenas (Car) foram distribuídas pelas seguintes categorias em relação à sua posição:

1. alta (quando se encontram acima de metade da altura do recipiente)

2. baixa (quando se encontram abaixo de metade da altura do recipiente)

3. média (quando se situam sensivelmente a metade da altura do recipiente)

4. indeterminada (quando devido à falta de bordo ou fundo não é possível verificar a sua posição)

Nas medições consideraram-se os seguintes parâmetros:

DIA. Diâmetro interno da boca

DEA. Diâmetro externo da boca

Dbj. Diâmetro do bojo

DMX. Diâmetro máximo

Mediram-se as seguintes alturas:

ALT. Altura total do recipiente

Mediram-se as seguintes espessuras:

EB. Espessura do bordo

Ebj. Espessura do bojo

EF. Espessura do fundo

Em relação às formas (Forma) distinguiu-se entre:

A. aberta, quando o DEA coincide com o DMX

F. fechada, quando o DEA é inferior ao DMX

Quanto à classificação das formas (Classe) foram consideradas dentro das formas fechadas e abertas

1. pote, em peças fechadas quando o ângulo se situa a partir dos 135°

2. esférico, em peças fechadas quando o ângulo se situa entre os 90° e os 135°

3. vaso de paredes rectas, quando se trata de uma forma fechada com o ângulo de 90°

4. taça, em peças abertas quando o ângulo se situa entre os 45° e os 90°

5. prato, em peças abertas quando o ângulo se situa até aos 45°

Tal como já foi verificado para a vizinha região de Pavia (Rocha, 1996: 20), são raros os fragmentos cerâmicos recolhidos à superfície nos sítios arqueológicos de Montargil. Esta situação pode dever-se a uma real escassez destes materiais ou a fenómenos pós-deposicionais relacionados com as características dos solos. A má visibilidade do solo não poderá ser uma hipótese, pelo menos, nos casos onde são abundantes outros vestígios, nomeadamente utensílios de pedra lascada de pequenas dimensões.

Dada a fraca representatividade de fragmentos cerâmicos recolhidos nos outros sítios arqueológicos, elaborou-se uma matriz de análise mais simplificada, comum para os recipientes provenientes das sondagens no povoado Bernardo 1, da sondagem na anta da Matanga e de todas as recolhas de superfície. Os atributos que considere necessários já

foram descritos na matriz supra referida: o número (N.º) atribuído no presente trabalho; o Sítio onde foi recolhido; o número de inventário (Inv), a quadrícula (Quad) e a camada (Cam) nos materiais de escavação; a direcção do bordo (DB); o espessamento do bordo (Ebd); a decoração (Dec); a presença de mamilos (Mam), de carena (Car) e de perfurações (Perf); a forma (Forma) e a classificação morfológica dos recipientes (Class).

5.2 Os pesos de tear

Todos os elementos de tear recolhidos até ao momento, quer em escavação quer à superfície, enquadram-se na morfologia dos pesos tipo “crescente”. Para além da identificação (que nos casos dos exemplares de escavação contempla a quadrícula e a camada) considerou-se se o fragmento apresenta a perfuração.

5.3 A pedra polida

O conjunto dos materiais de pedra polida é composto por peças recolhidas em prospecção e por peças resultantes das escavações, recolhas de superfície e doações de Leite de Vasconcellos e do casal Leisner. A diversidade dos contextos de recolha conduziu à elaboração de diferentes abordagens metodológicas, tendo sempre em conta as limitações que cada um coloca à interpretação dos dados, e que será justificado caso a caso.

O tratamento dos artefactos de pedra polida resultantes de recolhas de superfície, quer em povoados, quer enquanto achados isolados, foi efectuado com base no trabalho de Leonor Rocha (Rocha, 1996). Também os artefactos que estão depositados no MNA, que não oferecem fiabilidade quanto à proveniência, mereceram o mesmo tipo de análise, como é o caso da Anta do Bernardo.

No sítio arqueológico Serra 1, que foi alvo de sondagens arqueológicas, recolheu-se à superfície do terreno blocos de anfíbolito que correspondem a 1 lingote e 1 esboço de artefactos de pedra polida. A distinção entre lingote e esboço e a terminologia adoptada baseou-se no trabalho de reconstituição da cadeia operatória para produção/utilização de

artefactos de pedra polida desenvolvido por António Valera (Valera, 1997: 16 e 119). Como são apenas dois exemplares, optei por inclui-los no grupo dos outros instrumentos de pedra polida e foram considerados os seguintes atributos:

Todos os artefactos são identificados com a indicação do local de proveniência e o n.º de ordem no presente trabalho.

O tipo (TIPO) de instrumento pode ser

1. machado
2. enxó
3. indeterminada

A secção (SEC) foi observada no sentido transversal da peça e foi considerada como

1. arredondada
2. poligonal
3. indeterminada

A matéria-prima (MP) foi identificada entre as seguintes hipóteses:

1. anfibolito
2. xisto
3. calcário
4. indeterminada

Para a colecção de instrumentos de pedra polida proveniente da anta 1 de Cavaleiros fez-se uma descrição mais pormenorizada, baseada na ficha descritiva proposta em 1989 para materiais do Alto Algarve Oriental (Victor Gonçalves, 1989).

Para além da referência ao monumento (MON) de onde provém, do n.º de Inventário do MNA (INV) e do número de ordem (N.º) no presente trabalho, foram descritos os seguintes atributos:

O tipo (TIPO) de instrumento de pedra polida e foi considerado

1. machado
2. enxó
3. indeterminado

O estado actual (EST) do artefacto

1. inteiro
2. talão
3. talão e área mesial
4. área mesial
5. extremidade distal

As dimensões foram lidas em mm e foram consideradas as seguintes medidas

Comprimento (COMP)

Largura (LARG)

Espessura (ESP)

A geometria dos bordos (GB) foi lida com a peça orientada com a extremidade distal para cima

1. paralelos
2. divergentes
3. rectilíneos
4. convexos
5. côncavos
6. sinuosos
7. convergentes

A geometria do gume (GG) compreende as seguintes possibilidades

1. rectilíneo
2. convexo
3. simétrico
4. dissimétrico

O estado do gume (EG) foi ordenado como

1. intacto
2. com ligeiros sinais de uso

3. com intensos sinais de uso
 4. boleado
- A extremidade proximal (EP) compreende as seguintes possibilidades
1. truncado
 2. arredondado
 3. ponteagudo
 4. plano
 5. convexo
- As faces (FC) foram consideradas como
1. planas
 2. convexas
 3. côncavas
- A extremidade distal (ED) foi considerada como sendo
1. bisel duplo
 2. bisel simples
 3. convexo simétrico
 4. convexo dissimétrico
 5. simples
- A secção (SEC) pode ser designada como
1. arredondada
 2. poligonal
 3. indeterminada
- O acabamento (ACAB) da peça pode ser
1. polimento total
 2. polimento na extremidade distal
 3. polimento nas faces
 4. polimento nos bordos
 5. polimento no talão
 6. picotado
- A matéria-prima (MP) foi classificada como
1. anfibolito
 2. xisto

5.4 A Pedra lascada

5.4.1 Lascas, lâminas e lamelas

Os critérios descritivos adiante enunciados são comuns a estas três categorias e referem-se a material de debitação e a utensílios retocados. Nem sempre os atributos são observáveis ou se justifica a sua análise detalhada, o que sucede sobretudo com as lascas.

Os atributos foram seleccionados a partir dos trabalhos desenvolvidos por António Carvalho sobre o Neolítico antigo do maciço calcário estremenho e sobre a transição Neolítico – Calcolítico no Centro e Sul de Portugal (Carvalho, 1996: 31-37, iii, 1998).

Todas as peças foram identificadas com o local de proveniência, no caso dos materiais de escavação com a quadrícula, camada e n.º de inventário, bem como o n.º de ordem no presente trabalho.

O tipo (Tipo) de artefacto inclui

1. lasca
2. lâmina
3. lamela

A matéria-prima (MP) usada

1. sílex
2. jaspe
3. quartzo hialino
4. quartzo translúcido
5. xisto silicioso
6. quartzito
7. outra

O estado actual (EST) do artefacto

1. inteiro
2. distal
3. mesial
4. proximal

Córtex (Ctx)

1. sem córtex
2. parcialmente cortical
3. cortical

A secção transversal (ST) contempla (para as lâminas e lamelas)

1. triangular
2. trapezoidal
3. irregular

As dimensões foram lidas em milímetros:

1. comprimento máximo (CM)
2. largura na área mesial (Lm)
3. espessura máxima (EM)

O retoque foi observado em várias sub-categorias quanto à presença (RP)

1. presente
2. ausente

quanto à inclinação (RI)

1. abrupto
2. semi-abrupto
3. rasante

quanto à repartição RE (VG sequência)

1. parcial
2. descontínuo
3. total

Tipo de fracturação (Frt)

1. inteira
2. acidental
3. por flexão
4. por percussão
5. micro-buril

5.4.2 Pontas de seta

Devido à escassez registada, optei por construir uma ficha descritiva simplificada para as pontas de seta, com os atributos julgados necessários, baseada nos trabalhos de V. Gonçalves e A. Valera (Gonçalves, 1989a: 119 e 120; Valera, 1997: 19). Todas as peças foram identificadas com o local de proveniência, no caso dos materiais de escavação com a quadrícula, camada e n.º de inventário, bem como o n.º de ordem no presente trabalho.

A matéria-prima (MP) usada

1. sílex
2. jaspe
3. quartzo hialino
4. quartzo translúcido
5. xisto silicioso
6. xisto
7. outra

O estado actual (EST) do artefacto

1. inteiro
2. distal
3. mesial
4. proximal

O formato da base (FB) pode ser

1. recta
2. côncava
3. convexa

As dimensões foram lidas em milímetros:

1. comprimento máximo (CM)
2. largura (LM), medida a meio do comprimento
3. espessura (EM), idem.

O suporte (SUP) pode ser

1. indeterminado
2. lâmina
3. lasca
4. lamela

O retoque foi observado em várias sub-categorias quanto à posição (RP)

1. directo
2. inverso
3. alterno
4. alternante
5. bifacial
6. cruzado

quanto à repartição (RPr)

1. parcial
2. descontínuo
3. total

quanto à extensão (RE)

1. marginal
 2. invasor
 3. cobridor
- quanto à inclinação (RI)
1. abrupto
 2. semi-abrupto
 3. rasante

5.4.3 Micrólitos geométricos

O tipo (Tipo) de micrólito inclui

1. triângulo
2. trapézio
3. segmento

A matéria-prima (MP) usada

1. sílex
2. jaspe
3. quartzo hialino
4. quartzo translúcido
5. xisto silicioso
6. xisto
7. outra

O estado actual (EST) do artefacto

1. inteiro
2. distal
3. mesial
4. proximal

A secção transversal (ST) contempla (para as lâminas e lamelas)

1. triangular
2. trapezoidal
3. irregular

As dimensões foram lidas em milímetros:

1. comprimento máximo (CM)
2. largura na área mesial (Lm)
3. espessura máxima (EM)

O retoque foi observado em várias sub-categorias

quanto à presença (RP)

3. presente
4. ausente

quanto à posição (RP)

1. directo
2. inverso
3. alterno
4. alternante
5. bifacial
6. cruzado

quanto à inclinação (RI)

1. abrupto
2. semi-abrupto
3. rasante

quanto à extensão (RE)

1. marginal
2. invasor
3. cobridor

5.4.4 A macroutensilagem

Dadas as características e limitações desta indústria lítica foi elaborada uma grelha de análise simplificada que contempla os seguintes descritores:

O tipo (Tipo) de artefacto

1. lasca
2. núcleo
3. seixo talhado
4. fragmento de seixo

A matéria-prima (MO) usada

1. quartzito
2. quartzo
3. outra

Quanto ao córtex (Ctx) as lascas foram consideradas

1. cortical
2. parcialmente cortical
3. não cortical

Quanto ao retoque (Rtq) as lascas foram consideradas

1. retocadas
2. não retocadas

5.5 A pedra afeiçãoada

Nesta categoria incluem-se percutores e elementos de mó manuais, moventes e dormentes. Estes artefactos apenas foram descritos quanto ao número de registos e, no caso dos percutores, quanto à matéria-prima.

5.6 As placas votivas

Os objectos aqui considerados resultam das escavações realizadas por Leite de Vasconcellos na região de Montargil, encontrando-se alguns publicados por Georg e Vera Leisner (Leisner, 1953, 1959). Actualmente, fazem parte do acervo arqueológico do MNA, local onde procedi ao seu estudo.

O presente conjunto provém exclusivamente de monumentos funerários. Existe um fragmento de placa de xisto recolhido à superfície do terreno no povoado Serra 1, do qual falarei em pormenor no respectivo capítulo. A amostra é reduzida e, apenas num caso, anta 1 de Cavaleiros, é certa a correspondência entre o espólio o monumento. A placa de xisto de decoração geométrica das antas do Zambujeiro poderá, eventualmente, provir da Anta 2 desta herdade. As duas placas de xisto recolhidas na herdade de Portugal têm a indicação vaga de pertencerem às Antas de Portugal, tendo sido recolhidas por Manuel de Matos Silva e doadas a Leite de Vasconcellos (Leisner, 1953: 243).

Face às características da amostra adoptei para o presente estudo, a matriz de análise apresentada por Leonor Rocha (Rocha, 1996: 32-33) para uma colecção semelhante, introduzindo ligeiras adaptações. Na análise e interpretação dos dados considerei alguns dos trabalhos que têm sido desenvolvidos sobre esta temática (Gonçalves, 1989a, 1992, 1999).

Jorge Oliveira propõe uma organização simplificada e prática para os ídolos-placa, criando dois grupos baseados na matéria-prima em que foram obtidos: 1 – placas de xisto ardosiano e 2- placas de arenito e micaxisto (Oliveira, 1995: 592-593). Ponderei a hipótese de analisar separadamente os materiais de acordo com a matéria-prima, porém, como apenas dois exemplares não são em xisto e apesar da diversidade de suportes poder significar diferentes representações (Gonçalves, 1999: 114), optei por considerá-los em conjunto.

- PROV. – Proveniência: nome da anta
N.º INV. – Número de inventário do MNA
DES. – Designação;
N.º - Número atribuído sequencialmente, no âmbito deste trabalho;
Estado de conservação do artefacto (Est) de acordo com as medidas que é possível obter
1. completo
2. incompleto mas é possível obter todas as medidas
3. incompleto não é possível obter todas as medidas
O número de perfuração (Perf)
1. uma
2. duas
3. nenhuma
4. indeterminado
A matéria-prima (MP)
1. xisto
2. grés
A qualidade do acabamento (QACB)

1. elevada, com polimento em todas as superfícies;
 2. média, com superfícies irregulares devido à má qualidade da matéria-prima e/ou mal acabada;
 3. reduzida
 4. indeterminada
- Reutilização (Reut)
1. reutilizada
 2. não reutilizada
 3. indeterminada
- Em relação às dimensões, foram consideradas as medidas máximas e apresentadas em milímetros
- COMP. – Comprimento:
- LARG. – Largura
- ESP. – Espessura
- A localização da decoração (Dec)
1. num dos lados
 2. nos dois lados
 3. ausente
- Organização da decoração (Odec)
1. decoração organizada em áreas distintas
 - a) separação feita por uma ou mais faixas horizontais, vazias ou preenchidas
 - b) separação feita através da mudança dos componentes decorativos
 2. tratada como um todo
 3. placas de contorno retocado
 - a) “cabeça” e “pescoço” b) “cabeça” e “ombros”
 4. indeterminada, sempre que o fragmento não permitir essa identificação
- Tipo de decoração (Tdec)
1. faixas largas verticais, preenchidas com traços
 2. faixas estreitas:
 - a) rectas, verticais ou horizontais b) ziguezagueantes c) em segmentos de círculos
 3. triângulos:
 - a) vazios b) preenchidos c) duplo triângulo
 4. quadrados ou rectângulos preenchidos
 5. riscos dispostos de uma forma anárquica
 6. antropomórfica
 7. simbologia solar:
 - a) representação dos olhos b) representação das sobrelhas c) ambas
 8. ausente
 9. indeterminada

5.7 Outros

Nesta categoria foram incluídos objectos que por estarem pouco representados não justificavam a elaboração de uma grelha analítica, sendo eles, contas de colar, “peso de rede” e matriz em cobre. Estas peças foram descritas individualmente, preenchendo-se os campos referentes à identificação da peça, à matéria-prima, às dimensões, bem como a outros critérios julgados pertinentes de acordo com as suas características específicas.

6. Alguns comentários sobre a neolitização do Alentejo interior

A investigação arqueológica em torno do tema da transição Mesolítico-Neolítico no território português tem sofrido um acréscimo significativo na última década. Por um lado, assiste-se à polarização do debate em torno de duas perspectivas principais, uma difusionista e outra claramente evolucionista. Por outro, assiste-se à publicação de dados obtidos no âmbito de projectos de carácter regional, que têm vindo a contribuir decisivamente para o conhecimento do(s) processo(s) de neolitização (Calado, 1995, 2000a; Carvalho 1996, 1998a, no prelo b; Bicho et al., 2000; Diniz, 1996, 2001). Alguns destes trabalhos têm procurado efectuar um balanço sobre as principais características tecnológicas e estratégias de subsistência das comunidades mesolíticas e neolíticas, bem como, das diversas teorias vigentes sobre a neolitização do Centro e Sul do actual território português (Carvalho 1996, no prelo a; Calado, 1995, 2001; Bicho et al., 2000). No âmbito do presente trabalho dispensa-se uma descrição exaustiva e procura-se abordar o tema na perspectiva da neolitização do interior alentejano e do enquadramento regional da área em estudo.

As tradicionais áreas de incidência da investigação arqueológica acerca do processo de neolitização localizam-se no litoral ou nos antigos estuários dos principais rios onde a ocupação mesolítica foi mais efectiva, Tejo, Sado e Mira. Dentro destes trabalhos destacam-se os trabalhos desenvolvidos por Jean Roche sobre os concheiros mesolíticos do Baixo Vale do Tejo, por Carlos Tavares da Silva e Joaquina Soares no litoral alentejano e por José Arnaud (1989, 1990, 1993) no estuário do Sado e do Mira. Mais recentes são os trabalhos sobre as primeiras comunidades neolíticas de territórios de interior onde, ou não são conhecidas ocupações mesolíticas ou estão muito mitigadas. Neste conjunto podem distinguir-se os trabalhos de João Zilhão (1992) na região de Tomar, de António Carvalho no Arrife da Serra d'Aire (Carvalho, 1996; Zilhão e Carvalho, 1996; Carvalho, 1998a; Carvalho no prelo b) e de Manuel Calado e Mariana Diniz no interior alentejano (Calado, 1995; Calado e Diniz, 1996; Calado, 2000a; Diniz, 1996; Diniz, 2001).

A neolitização do Alentejo interior era, até há pouco tempo (Calado, 1995), considerada um fenómeno tardio, associado aos primeiros construtores de monumentos

megalíticos. O modelo de uma rápida expansão do fenómeno da neolitização, baseado numa primeira colonização por via marítima de grupos associados ao Neolítico franco-ibérico, incompatível com uma incorporação lenta e gradual do pacote neolítico por parte das comunidades caçadoras-recolectoras, tem vindo a ser desenvolvido por João Zilhão (2001:14184). Porém, dentro do território actualmente português este processo era interpretado como um fenómeno lento ocorrido em três grandes etapas de neolitização (Zilhão, 1992). A primeira cardial, com o estabelecimento de pequenos grupos de colonos nas regiões não exploradas pelas populações mesolíticas, em terrenos do maciço calcário estremenho. A segunda, epicardial, na qual se daria uma expansão para sul e a assimilação dos grupos mesolíticos de Rio Maior, Muge, Sado e Mira (NA1). Uma terceira, de colonização do interior alentejano ligada ao megalitismo (NA2).

Os extensos trabalhos desenvolvidos por Carlos Tavares da Silva e Joaquina Soares têm versado quase exclusivamente sobre a neolitização do litoral alentejano. A identificação e escavação de vários povoados de ar livre enquadráveis no Mesolítico e no Neolítico antigo estão na base da elaboração de um modelo evolucionista de neolitização situado por volta de meados do 6º milénio a. C (Silva e Soares, 1981, 1987; Soares, 1995, 1997). Estes autores reconhecem a antiguidade da neolitização do Alentejo interior, presente na Gaspeia (Alvalade do Sado) e na Valada do Mato (Évora), mas ainda assim, não anterior ao Neolítico antigo evolucionado. Como tal, a expansão para o interior seria feita por comunidades neolíticas litorais ou estuarinas, numa fase de maior controlo das técnicas agrícolas que permitissem trabalhar terrenos menos aptos (Silva, 1997; Soares, 1995, 1997: 588).

A detecção de uma extensa malha de povoamento genericamente atribuível ao Neolítico antigo/médio no Alentejo central, cujos primeiros sítios começaram a ser identificados nos inícios da década de 90, refutou a teoria de uma neolitização tardia do interior alentejano associada ao apogeu do megalitismo funerário (Calado, 1995; Calado e Sarantopoulos, 1996).

A recente proposta de neolitização do Alentejo interior preconizada por Manuel Calado identifica uma área nuclear de povoamento do Neolítico antigo/médio, localizada nos concelhos de Montemor-o-Novo e Évora, com uma particular concentração a Oeste desta cidade, a partir da qual o número de povoados com cerâmicas impressas se reduz

drasticamente (Calado, 2000a: 37). No conjunto destaca-se o sítio da Valada do Mato (Évora), cujo conteúdo artefactual é claramente integrável no Neolítico antigo e para o qual foi recentemente obtida uma datação C14 do primeiro quartel do 5º milénio a. C. em anos de calendário (Diniz e Calado, 1997; Diniz, 2001). Segundo este autor a neolitização do Alentejo Central deu-se no contexto de neolitização e abandono dos concheiros do Tejo e do Sado em direcção a regiões que já faziam parte da sua área de exploração de recursos. Os primeiros grupos neolitizados, ou em vias de neolitização, portadores de cerâmica (incluindo cardial) ter-se-ão instalado, num primeiro momento, na região de Évora. A partir desta região, que coincide com o festo principal Tejo-Sado, o fenómeno ter-se-á expandido pelas áreas limítrofes em tempos diversos e de forma mais difusa (Calado, 2000a). A neolitização da região de Pavia só terá ocorrido no Neolítico médio (Calado e Rocha, 1996; Rocha 1999b) e na região da Serra d'Ossa, embora raro, o Neolítico antigo está representado no povoado de Bencatel (Calado, 2001: 119).

Este autor tem procurado introduzir na discussão do processo de neolitização do interior alentejano o tema do megalitismo não funerário, fenómeno tradicionalmente associado a uma fase avançada do Neolítico. Os trabalhos por si realizados no corredor Montemor-Évora têm revelado a existência de vários menires e recintos megalíticos cujos contextos arqueológicos são caracterizados pela presença de sítios de habitat enquadráveis no Neolítico antigo/médio, como no recinto de Vale Maria do Meio (Calado, 1997; Calado, 2000 b). A obtenção de novas evidências levaram Mário Varela Gomes a reequacionar alguns dados que apontavam para a antiguidade do megalitismo menírico e a abandonar a teoria da sua associação ao apogeu do megalitismo funerário (Gomes, 1994). As primeiras manifestações do megalitismo menírico estariam assim associadas ao arranque do fenómeno de neolitização do interior alentejano, situado por volta do 6º-5º milénios a.C. (Calado, 2000 b). A instalação de populações com uma economia assente na pastorícia seria acompanhada pela construção de elementos simbólicos a demarcar a domesticação do espaço (Calado, 2000 a).

Mariana Diniz (1996), com base nos resultados destas prospecções mais recentes realizadas nos arredores de Évora (Calado, 1995; Calado e Sarantopoulos, 1996) e que detectaram a existência de *habitats* enquadráveis no Neolítico antigo, procura reanalisar o processo de neolitização do interior/Sul de Portugal. A autora questiona o desenvolvimento

de um processo de neolitização linear no sentido litoral atlântico – interior alentejano. A observação de algumas semelhanças ao nível da componente artefactual com a Andaluzia, leva-a a associar a possíveis grupos com origem no litoral, vias de neolitização terrestres. Ao contrário de Manuel Calado, relativiza o papel dos caçadores-recolectores dos concheiros mesolíticos no processo de neolitização do interior, que terá resultado da «... entrada efectiva de “colonos” neolíticos equipados com novas estratégias de exploração do espaço inseridas num novo cenário cultural.» (Diniz, 2000a: 27).

7. Alguns comentários sobre o Calcolítico do Alentejo interior

A discussão dos modelos explicativos (indigenista/colonialista) sobre as origens do Calcolítico do Sul Peninsular já foi amplamente desenvolvida (Gonçalves, 1989a). Pelo que, mais do que repetir as observações produzidas, interessa neste capítulo fazer uma apresentação sumária das principais características do Calcolítico do interior alentejano, tendo em vista a integração regional da área em estudo. Desta forma, destacam-se, por um lado, as propostas apresentadas por Carlos Tavares da Silva e Joaquina Soares a partir dos seus trabalhos no Baixo Alentejo e Algarve, especialmente no Monte da Tumba (Silva e Soares, 1984; 1987a; 1987b), e o modelo de “enxameamento” avançado por Victor Gonçalves com base na investigação decorrida no Alto Algarve Oriental e na Vidigueira (Gonçalves, 1989a). Por outro lado, os trabalhos de localização de sítios de habitat que têm sido desenvolvidos, nos últimos anos, em áreas do interior alentejano, como Pavia, Évora, Serra d’Ossa e Reguengos de Monsaraz (Calado, 1995; 2001; Rocha, 1996; Gonçalves e Sousa, 2000).

A metalurgia do cobre e a construção de fortificações constituíam os elementos inovadores do Calcolítico que estavam na base do modelo colonialista do Ocidente peninsular. Sem desvalorizar estes aspectos fulcrais, os trabalhos desenvolvidos desde as décadas de setenta e oitenta em território nacional têm procurado integrar a metalurgia e as fortificações numa teia de relações mais complexa e ampla da qual as comunidades do Neolítico final são parte integrante. O reconhecimento de um crescimento demográfico que conduziu à fragmentação da comunidade e ao estabelecimento de novos povoados parece ser ponto assente, porém, a teorização em torno do assunto apresenta diversas matizes (Silva, 1987; Gonçalves, 1989a).

A implantação dos povoados, a estratigrafia e o espólio detectados nas escavações efectuadas por Carlos Tavares da Silva e Joaquina Soares (Silva e Soares, 1984; Silva, 1987) estão na origem de um modelo de evolução do Calcolítico do Sul, claramente indigenista, baseado em três fases principais. A estas fases correspondem conteúdos artefactuais com características próprias, diferentes morfologias de ocupação dos povoados e diferentes estratégias de povoamento. Apesar das diferenças observadas, estas fases

revelam uma continuidade cultural, quer entre si, quer em relação ao Neolítico final, “uma transformação em continuidade” (Silva, 1987: 69). As duas primeiras fases correspondem, ao Calcolítico inicial e ao Calcolítico pleno e a última a um momento final marcado pela presença da cerâmica campaniforme. O gradual crescimento económico das comunidades do Neolítico final que conduziu a uma consolidação do sistema agro-pastoril terá sido possibilitado pela exploração dos produtos secundários inerentes à criação de gado. As preocupações defensivas, já presentes no Neolítico final, relacionadas com a necessidade de defender os excedentes resultantes de uma economia essencialmente agro-pastoril, terão conduzido a uma mudança das estratégias de povoamento e permitido mais facilmente a implantação da metalurgia do cobre. Surgem assim os povoados de cumeada, com boas condições naturais de defesa e sistemas defensivos, característicos do Calcolítico pré-campaniforme, como Monte Novo em Sines, Cortadouro em Ourique e Monte da Tumba no Torrão (Silva e Soares, 1976-77, 1987, Silva, 1987).

Na sequência de outros trabalhos efectuados no Alentejo e no Alto Algarve Oriental, tem vindo a ser relativizada a generalização da validade crono-cultural de alguns dos elementos considerados indicadores cronológicos, entre os quais, as taças carenadas e a cerâmica campaniforme (Gonçalves, 1989a, 1994). O cenário aparenta ser menos linear que o apresentado pelos investigadores do Museu de Setúbal, revelando maior variedade nos conjuntos artefactuais e uma multiplicidade de modalidades de povoamento. Por um lado, existem povoados com uma forte componente agrícola que ocupam extensas áreas próximas de solos favoráveis à agricultura e que não revelam preocupações defensivas. Entre estes constam Porto Torrão, em Ferreira do Alentejo e Mangancha e Sala n.º 1, na Vidigueira. Por outro lado, e ainda dentro da primeira metade do 3º milénio, assiste-se à construção de povoados fortificados, aparentemente pelos primeiros metalurgistas do cobre, como Santa Justa, em Alcoutim e Monte Novo dos Albardeiros em Reguengos de Monsaraz (Gonçalves, 1994). Também a nível das formas de enterramento se podem encontrar distintas soluções. A par da continuação das deposições em antas de corredor inicia-se a construção de um novo tipo de arquitectura funerária, os *tholoi*. As datações disponíveis para a região de Reguengos de Monsaraz indicam o mesmo intervalo de tempo para o monumento b da Anta 2 do Olival da Pega e para o povoado do Monte Novo dos Albardeiros (Gonçalves e Sousa, 2000).

O modelo do “enxameamento” apresentado em 1989 por Victor Gonçalves baseou-se na análise das áreas de recursos e nas escavações de alguns povoados do Sul de Portugal. O desequilíbrio entre o crescimento demográfico e os recursos disponíveis terá provocado pontos de ruptura que terão levado à ocupação de solos menos aptos para a agricultura. No centro deste processo encontra-se o que Sherratt designou como Revolução dos Produtos Secundários (Gonçalves, 1989a: 420). Se por um lado a exploração de alimentos e a utilização da força animal permitiu o crescimento demográfico e a acumulação de excedentes, por outro, conduziu à ruptura e, simultaneamente, permitiu o sucesso de novas estratégias de povoamento e de subsistência. Este modelo prevê a existência, na transição do 4º para o 3º milénio a. C., de “... uma rede de influências exógenas que, assimiladas localmente, produziram combinatórias diferenciadas.” (Gonçalves, 1994:127).

Nesta perspectiva, a ocupação de determinadas áreas, anteriormente desocupadas devido a limitações de natureza tecnológica, poderá ter ocorrido no contexto de um processo de enxameamento de grupos pré-existentes (Gonçalves, 1989a: 413). A implantação de povoados calcolíticos, como o Monte Novo dos Albardeiros, Santa Justa e Corte João Marques, cada um à sua maneira, resultará do enxameamento de grupos portadores das inovações técnicas decorrentes da Revolução dos Produtos Secundários que tornaram viáveis terras que não o eram anteriormente. No caso de Reguengos de Monsaraz é questionado se a sua origem estaria nas populações que ocupavam a região no Neolítico final/Calcolítico em povoados como TESP 3 (Gonçalves e Sousa, 1997: 611). Para a serra algarvia é colocada a hipótese da calcolitização ser efectuada pelo enxameamento de grupos provenientes do Baixo Alentejo ou da área mineira de Huelva (Gonçalves, 1989a: 415). Se para a região algarvia a estratégia de povoamento parece ter privilegiado a sua riqueza mineira, para outras regiões é a presença de solos com elevada rentabilidade agrícola, muitas vezes de classe A, que estará na origem da implantação dos povoados. São exemplos o Monte Novo dos Albardeiros, o povoado dos Três Moinhos, em Beja (Soares, 1992), a região da Serra d’Ossa (Calado, 2001: 113) e provavelmente o povoado não fortificado da Serra 1 em Montargil.

8. Os vestígios de povoamento: a amostra disponível

A desproporção da informação existente sobre os monumentos megalíticos de Montargil e os respectivos vestígios de *habitat* era, até há pouco tempo, bastante significativa. Não se conhecem referências a sítios de *habitat* pré-históricos nos trabalhos anteriores à Carta Arqueológica de Ponte de Sor (PONTIS, 1999), enquanto que o número de antas referidas pelo casal Leisner ascendia a quase quatro dezenas (1953, 1959). Como seria de esperar, a realização de prospecções arqueológicas direccionadas para a detecção de vestígios do povoamento das comunidades humanas que habitaram a região nos 5º, 4º e 3º milénios a. C., alteraram o panorama de uma paisagem exclusivamente megalítica (Mapa 3).

No enquadramento deste trabalho procurou-se, a partir da informação publicada (PONTIS, 1999), detectar novos vestígios e visitar alguns dos sítios referidos a fim de recolher um maior número de dados de cultura material e efectuar novas observações. No entanto, na quase totalidade dos casos não foi possível obter melhores indicadores cronológicos; os materiais arqueológicos mostraram-se escassos, principalmente as cerâmicas, e a maioria dos terrenos continuou a não oferecer boas condições de visibilidade. As principais características do povoamento desta região parecem ser: a dispersão aparente do povoamento, a longa diacronia da sua ocupação (desde o Mesolítico ao Calcolítico pleno/final) e a fraca representação dos vestígios materiais.

A sistematização dos dados disponíveis revelou uma heterogeneidade de situações que conduziram a diferentes níveis de leitura, nem sempre fáceis ou possíveis de conciliar. O primeiro focará os *habitats* melhor conhecidos que foram objecto de sondagens arqueológicas, Bernardo 1 e Serra 1 (em 8.1 e 8.2 respectivamente). Nestes sítios a abordagem metodológica divergiu devido às características de cada jazida. O segundo procurará analisar os restantes povoados identificados dentro de determinados parâmetros cronológico-culturais estabelecidos (em 8.3 e 8.4).

Tal como na vizinha região de Pavia (Rocha, 1996, 1999b) verifica-se uma grande raridade de cerâmicas, o que dificulta a integração cultural dos sítios por se tratar de um dos melhores indicadores cronológicos. A categoria de materiais arqueológicos melhor

representada é a indústria macrolítica supostamente pós-glaciar, tendo sido recolhidas numerosas lascas, com e sem retoque, seixos talhados e núcleos, maioritariamente em quartzito. Todavia, as fortes limitações cronológicas e as características expeditas deste tipo de materiais aconselharam alguma prudência na sua análise, pelo que será apenas referida a sua ocorrência. Quando estas constituem o único indicador de povoamento, utilizou-se a classificação Indeterminado.

N.º	Sítio	Coord. UTM P M	Alt.	Tipo	Cronologia
1	Maltim 1	56362 432521	201	Achados avulso	Indeterminado
2	Zambujeiro 1	56311 432401	94	Achados avulso	Indeterminado
3	Courelas de Sto André 1	56602 432363	93	Mancha de ocupação	Indeterminado
4	Courelas de Sto André 2	56672 432332	116	Povoado	Indeterminado
5	Alminho 1	56783 432291	60	Povoado	Neolítico antigo/médio
6	Alminho 2	56780 432243	70	Povoado	Neolítico antigo/médio
7	Álamo	56832 432252	60	Mancha de ocupação	Indeterminado
8	Bernardo 1	56873 432271	70	Povoado	Mesolítico, Neolítico antigo, Calcolítico
9	Bernardo 2	56912 432252	72	Povoado	Indeterminado
10	Serra 1	56993 432313	90	Povoado	Calcolítico
11	Serra 2	57063 432443	198	Achados avulso	Indeterminado
12	Monte de Irmãos 4	57003 432222	50	Povoado	Neolítico antigo/médio
13	Monte do Cabeço 1	56941 432320	137	Achados avulso	Indeterminado
14	Monte do Cabeço 2	56972 432271	90	Povoado	Neolítico final/Calcolítico
15	S. Martinho de Baixo 1	57090 432250	50	Povoado	Neolítico antigo/médio
16	S. Martinho de Baixo 2	57063 432270	50	Achados avulso	Indeterminado
17	Covão	57070 422410	170	Achados avulso	Indeterminado
18	Chão do Ribeiro	56990 432512	228	Achados avulso	Indeterminado
19	Charnequinhas	56981 432633	186	Achados avulso	Indeterminado
20	Guarita de Montargil	57050 432584	235	Povoado	Neolítico final/Calcolítico
21	Monte do Pereiro	56894 432362	170	Achados avulso	Indeterminado
22	Pedra Furada 2	57022 432630	195	Achados avulso	Indeterminado
23	Courelas 1	57334 432942	110	Povoado	Neolítico antigo/médio
24	Touris 1	57331 433081	173	Povoado	Neolítico final/Calcolítico
25	Touris 2	57270 433071	183	Povoado	Neolítico final/Calcolítico
26	Touris 3	57313 433013	200	Achados avulso	Indeterminado
27	Vale d'Areia	57223 433021	188	Mancha de ocupação	Indeterminado
28	Carvalhoso 2	57324 432712	84	Achados avulso	Indeterminado
29	Montalvo 1	57500 433002	95	Mancha de ocupação	Indeterminado
30	Montalvo 3	57432 433100	100	Achados avulso	Indeterminado
31	Mocho Novo 2	57243 432362	96	Achados avulso	Indeterminado

Quadro 1: Listagem dos vestígios de povoamento pré-histórico da região de Montargil de acordo com os números apresentados na cartografia

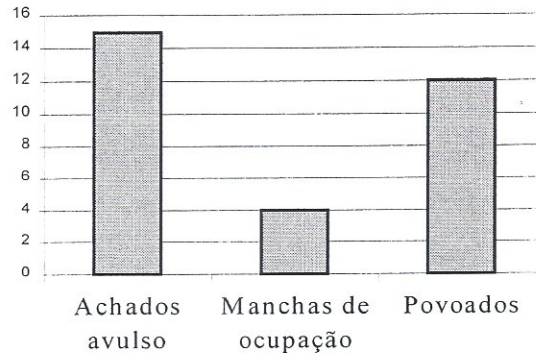


Gráfico 1: Distribuição dos vestígios de povoamento identificados

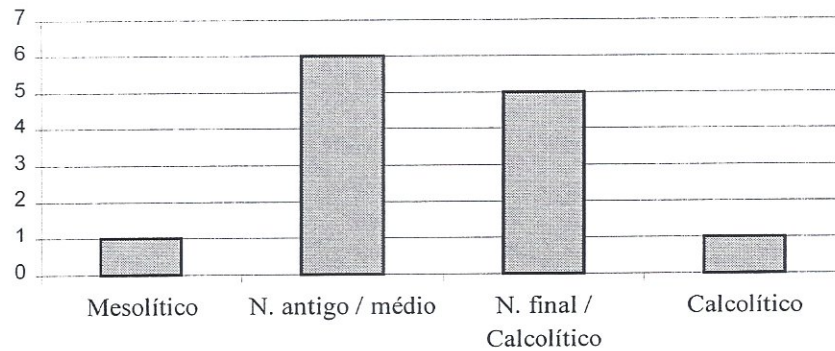


Gráfico 2: Distribuição crono-cultural dos povoados identificados

Da listagem dos sítios cartografados salienta-se a quantidade de achados avulso recolhidos (15). Esta categoria é constituída por materiais que apareceram isolados ou em pequenos conjuntos pouco característicos de cronologia indeterminada. Trata-se de elementos de moagem manual, geralmente dormentes, instrumentos de pedra polida, percutores e macro-utensilagem. As manchas de ocupação são núcleos pouco definidos, eventualmente de *habitat*, onde não foram recolhidas cerâmicas nem outros materiais de diagnóstico. O tipo de material recolhido é semelhante ao dos achados avulso,

distinguindo-se destes pela quantidade observada e pela área de dispersão. O conjunto destes vestígios é revelador da exploração do território, estando relacionados com actividades como a agricultura, a desflorestação e a obtenção de matérias-primas. Quanto aos povoados, foi possível propor cronologias de ocupação devido à presença de melhores indicadores cronológicos. A existência de fragmentos cerâmicos foi um dos aspectos fundamentais para a classificação de um sítio arqueológico como local de *habitat*. No âmbito deste estudo, a ocupação da região de Montargil apresenta uma diacronia que poderá ter tido o seu início ainda do 7º milénio a. C., prolongando-se até à segunda metade do 3º milénio a. C.. A presença mesolítica foi detectada num dos sítios escavados, o Bernardo 1. O Neolítico antigo/médio está presente em 6 povoados e no Bernardo 1 a ocupação do Neolítico antigo foi confirmada em escavação. Em número idêntico de sítios foram registadas ocupações que podemos classificar, à falta de indicadores cronológicos mais seguros, como do Neolítico final/Calcolítico (5).

8.1 O povoado do Bernardo 1

O sítio do Bernardo 1 (8) foi identificado pelo grupo PONTIS em 1996 e foi alvo de sondagens arqueológicas em 1998. Neste local era já conhecido um monumento funerário escavado por Leite de Vasconcellos em 1910, a anta do Bernardo, e apesar de existirem referências a recolhas de materiais nos terrenos à volta da anta (Vasconcellos, 1910; Cruz, 1986), nunca foram associados a um provável local de *habitat*. A quantidade e qualidade de materiais arqueológicos recolhidos à superfície, aquando da identificação do sítio, indicavam a presença de ocupações do Neolítico antigo ou médio e do Neolítico final/Calcolítico. Do inventário dos materiais constam, lascas, núcleos, lamelas, lâminas e outros restos de talhe em sílex, quartzito, quartzo, calcedónia, xisto e xisto silicioso; machados e enxós de pedra polida em anfíbolito; elementos de mós manuais e alguns fragmentos cerâmicos. Os vestígios encontram-se dispersos por uma área relativamente grande, que se estende desde o topo de uma suave vertente até uma zona aplanada situada mais a sul. Em termos de implantação na paisagem situa-se numa área aberta, no lado direito da ribeira do Sor, apresentando um bom domínio visual da área envolvente,

sobretudo para Sul, de onde se avistam os terraços da margem oposta que se encontram a uma altitude mais baixa. O substrato geológico é constituído por uma mancha de depósitos de terraço, situada numa faixa onde predominam as argilas e grés e que contacta a Norte com os terrenos do maciço antigo de Montargil. O terreno apresenta uma matriz arenosa que, de acordo com a actual classificação da capacidade de uso dos solos, corresponde a uma das poucas zonas susceptíveis de uso agrícola (Classe B+C). O povoado do Bernardo 1 encontra-se, portanto, na transição de uma paisagem relativamente aberta, que nas margens do Sor é formada por depósitos aluvionares escalonados que se prolongam pelo rio Sorraia, para uma área de fisionomia mais acidentada, constituída por terrenos argilosos, com um coberto vegetal arbustivo e florestal, com uma capacidade agrícola quase nula e que na região é designada como Serra.

Os intensos trabalhos agrícolas praticados e a abundância de artefactos observada à superfície, apontavam no sentido de uma considerável afectação da estratigrafia do sítio, sobretudo dos níveis de ocupação mais recentes, o que se veio a confirmar. Esta zona tem sido intensamente cultivada e em 2000 a seara foi substituída por uma plantação de tabaco, mantendo uma área com um olival relativamente antigo, onde a estratigrafia poderá estar menos afectada.

8.1.1 Trabalhos arqueológicos

Uma vez que o povoado da Serra 1 poderia, eventualmente, fornecer dados mais seguros para o conhecimento do povoamento calcolítico da região de Montargil, o Bernardo 1 afigurou-se o sítio onde mais provavelmente se identificariam ocupações das primeiras comunidades neolíticas. O local foi objecto de uma campanha de escavações que previa a realização de sondagens de caracterização, situadas ao longo da zona de dispersão dos materiais (Fig. 1 e 2). Por motivos vários, não chegou a ser efectuada a segunda fase de trabalhos inicialmente prevista. A escavação foi realizada no quadro do Projecto de PNTA e foram dirigidas por Fernanda Boto e Maria João Valente que disponibilizaram os materiais, os dados de escavação e o relatório para se proceder ao estudo do sítio, no âmbito do presente trabalho.

Os objectivos da intervenção eram: (1) localizar a(s) zona(s) de maior concentração de materiais, para proceder futuramente a escavação em área; (2) observar a estratigrafia existente e verificar a existência de níveis arqueológicos *in situ* e (3) recolher uma colecção de materiais arqueológicos que permitisse diagnosticar com maior precisão a cronologia e, se possível, a função do sítio (Valente e Boto, 1999). Foram intervencionadas três sondagens arqueológicas, divididas por quadrantes: sondagem J 29 escavada nos quadrantes NW, SW e SE, sondagem J 27 escavada em todos os quadrantes e sondagem J 2 escavada nos quadrantes NW e SW. A estratigrafia identificada é composta por três unidades distintas:

Camada A - Terra arenosa, com alguma argila, de cor acastanhada, solta e semi-solta, que embala pequenos calhaus rolados e apresenta entre 30 e 45 cm de espessura. Esta camada foi afectada pela passagem do arado que atinge cerca de meio metro de profundidade. Na sondagem J29 surgiu uma pequena camada de terra de cor amarelada que se designou A'.

Camada B - Terra arenosa de cor castanho-alaranjada, mais compacta que a A, que embala pequenos seixos rolados e areão. Apresenta uma profundidade de cerca de 20 a 25 cm e foi sujeita a remeximentos. Apresenta ainda materiais intrusivos.

Camada C - Terra de cor castanha-alaranjada composta por areão grosso, mais compacta e húmida que a anterior. Apenas na sondagem J 29 foram identificados materiais arqueológicos, nas outras apresentava-se estéril. Não se verifica penetração do arado e não foram encontrados materiais recentes.

8.1.2 A componente artefactual

Uma vez que nas zonas intervencionadas a estratigrafia se encontra muito revolvida, e dado que foram identificados materiais atribuíveis a diferentes épocas, a sua análise será limitada àqueles que constituem melhores indicadores cronológicos. Opção tomada quer em relação aos materiais de superfície, que são trabalhados separadamente, quer aos exumados em escavação (Fig. 3-10). Apesar das limitações, procedeu-se à apresentação da frequência de algumas categorias e atributos por camada e ao estudo da distribuição

espacial das peças de diagnóstico, na expectativa de contribuir para o esclarecimento da dinâmica de ocupação do espaço.

No grupo da cerâmica são considerados os fragmentos de “ídolos de cornos”, os fragmentos de recipientes que apresentem elementos indicadores (bordo, carena, mamilos, fundo, etc.) ou decoração. Na pedra lascada foram consideradas lâminas, lamelas, pontas de seta e micrólitos geométricos, incluindo utensílios e produtos debitados. Não foi efectuada a análise dos atributos dos núcleos, que no caso de estratigrafias conservadas poderia contribuir para o conhecimento da estratégia de exploração e obtenção líticas. A indústria macrolítica, ainda que retocada, apenas foi analisada quanto à ocorrência e à matéria-prima, tal como os percutores e os elementos de mó manuais.

8.1.2.1 Os dados de superfície

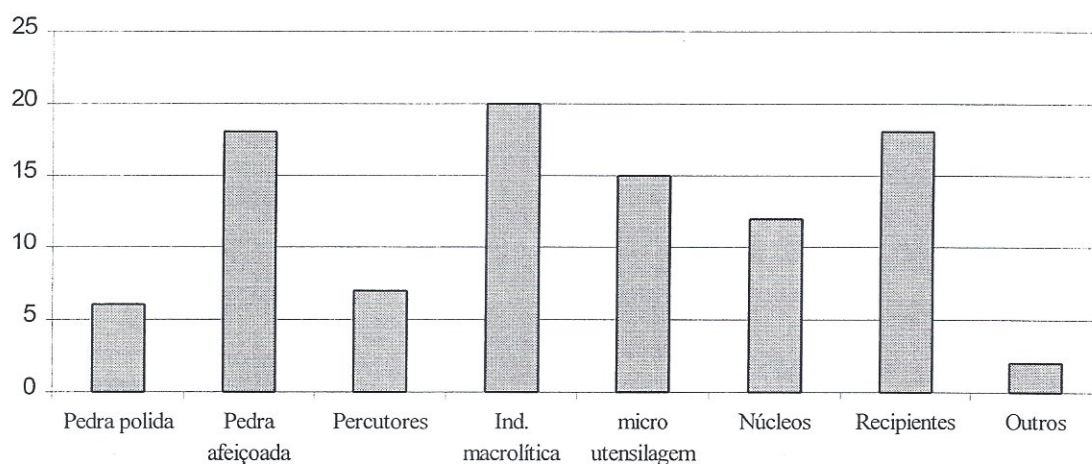


Gráfico 3: Bernardo 1. Materiais de superfície; a micro utensilagem inclui lascas, lâminas e lamelas alteradas ou não por retoque

A cerâmica recolhida à superfície é constituída por fragmentos de recipientes e um fragmento de “ídolo de cornos”. A grelha de análise dos recipientes recolhidos em prospecção e em escavação encontra-se em anexo (Quadro 1). Nem sempre foi possível calcular o diâmetro dos recipientes e classificação formal foi dificultada pelo facto do

tamanho dos fragmentos serem muito pequenos. A amostra é constituída exclusivamente por cerâmica lisa e apenas um dos 18 fragmentos apresenta mamilo junto ao bordo. Predominam as formas abertas (14) em relação às fechadas (4). Dentro da primeira registam-se alguns exemplares que apresentam espessamento no bordo, duas taças de bordo espessado, mais dois pratos e duas taças onde o bordo apresenta um ligeiro espessamento interno. Dentro das formas fechadas, registam-se duas peças com o bordo ligeiramente extrovertido. As formas abertas com bordo espessado podem ser atribuíveis a um momento final do Neolítico ou já ao Calcolítico. Não é possível propor uma cronologia para os restantes exemplares, dado que, os vasos de lábio aplanado, não espessado e sem decoração podem ocorrer em qualquer momento do Neolítico ou mesmo do Calcolítico. A presença de “ídolos de cornos” tem sido registada em contextos quer do Neolítico final, como a Foz do Enxoé (Diniz, 1999), quer do Calcolítico como Santa Justa (Gonçalves, 1989a).

Foram recolhidos seis instrumentos de pedra polida em anfibolito, registando-se três machados, uma enxó e dois de forma indeterminada. Dois machados têm secção arredondada e os restantes objectos apresentam secção sub-rectangular (Quadro 13 em anexo).

Na pedra afeiçãoada foram registados elementos de mós manuais dormentes (7), moventes (10) e um fragmento do que deverá ser um polidor de machados (Quadro 15 em anexo).

A indústria macrolítica é constituída por seixos talhados, alguns núcleos, lascas parcialmente corticais e não corticais, apresentando ou não retoque (Quadro 6 em anexo). O número de exemplares aqui apresentado não reflecte a quantidade de materiais que aprecem à superfície do terreno, uma vez que as recolhas foram selectivas. Trata-se de uma indústria obtida de forma expedita a partir de seixos, sobretudo em quartzito, abundantes nos terraços da região.

Na categoria da pedra lascada é significativa a presença de produtos alongados (Quadro 6 em anexo). Foram identificados fragmentos de lâminas robustas, de retoque semi-abrupto, obtidas a partir de sílex de pior qualidade, cujas características tecnológicas as coloca no Neolítico final/Calcolítico (Carvalho, 1998a). Regista-se também a presença de uma lâmina truncada, em sílex, que parece ter sido usada como elemento de um instrumento compósito. Existe um conjunto constituído por produtos laminares e lamelares

em sílex, de difícil atribuição cronológica no actual estado do conhecimento. Claramente atribuível ao Neolítico antigo é uma flecha transversal em sílex, presente em outros contextos desta época no Alentejo Central (Calado, no prelo a). Foram também identificados vários núcleos em sílex e quartzo translúcido, utilizados para obtenção de lamelas e lascas de pequenas dimensões.

8.1.2.2 Os dados de escavação

A grande maioria dos fragmentos cerâmicos recolhidos na escavação do Bernardo1, têm dimensões reduzidas (frequentemente não chegam a medir 2 cm) e tanto as superfícies como as fracturas se encontram extremamente roladas. Estes aspectos dificultam seriamente a sua classificação e consequentemente a sua contagem. Muitas vezes não é possível verificar se se trata de um fragmento de um recipiente pré-histórico fabricado manualmente, ou de uma produção cerâmica posterior. À superfície e em escavação foram detectados fragmentos de época romana, recentes e outros de altura indeterminada.

	A	B	C	Corte	Total
Taça bordo espessado	1				1
Esférico de bordo espessado	1				1
Vaso bordo recto	2				2
Prato bordo recto	1				1
Bordo recto	2				2
Cerâmica incisa	3				3
Bojos (a)	448	57	0	0	505
Total	458	57	0	0	515

Quadro 2: Bernardo 1. Distribuição dos fragmentos de recipientes por camada.

(a) excluindo os que não são manuais

Como se pode observar no Quadro 2, os bordos e a cerâmica decorada constituem uma pequena parte da amostra, ocorrem exclusivamente na camada A e toda a cerâmica diminui de frequência, não se registando nenhum exemplar na camada C. Desta forma, existem na camada A materiais que podem ser enquadráveis no Neolítico final/Calcolítico

(prato e taça de bordo espessado) e no Neolítico antigo/médio (cerâmica com decoração incisa).

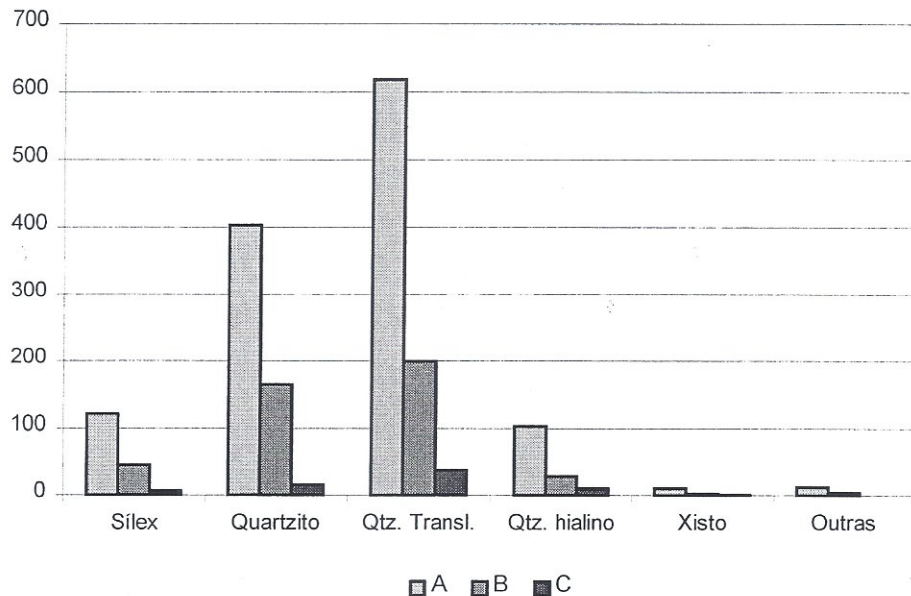


Gráfico 4: Bernardo 1. Distribuição da indústria de pedra lascada por matéria-prima em cada camada. Não foram contabilizadas as esquirolas

A indústria de pedra lascada é variada e revelou-se abundante em elementos macrolíticos (sobretudo em quartzito, mas também em quartzo), na sua maioria material de debitação (lascas) que surge em todas as camadas identificadas. A matéria-prima mais utilizada é de origem local e pode ser facilmente obtida sob a forma de seixos, nos terraços que constituem a bacia Terciária do Tejo e nos depósitos de terraço que existem ao longo do rio e que estão muito próximos do povoado. Existe uma quantidade significativa de elementos em quartzo translúcido, muito abundante na região. Os blocos de quartzo translúcido podem também ser facilmente obtidos na serra, nos terrenos do maciço antigo de Montargil. Na manufatura de utensílios retocados parece haver uma preferência pelo sílex e pelo quartzo, conforme se pode verificar no quadro abaixo.

Camada	Sílex	Quartzito	Quartzo translúcido	Quartzo hialino	Xisto	Total
A	21	4	18	12	2	57
B	9	1	2	1		13
C	1					1
<i>Total</i>	31	5	20	13	2	71

Quadro 3: Bernardo 1. Dispersão vertical dos utensílios quanto à matéria-prima. Sondagens J2, J 27 e J 29.

Tal como sucede na cerâmica, o número de utensílios diminui significativamente, ao longo da sequência estratigráfica. Aliás, esta situação é comum a todo o conjunto de materiais, cuja densidade média de peças recolhidas por m², na sondagem J29 é de: 310,7 na camada A, 135,0 na camada B e 34,0 na camada C (Valente e Boto, 1999).

Utensílios	A	B	C	Corte	Total
Triângulo				1	1
Triângulo de Muge		2	1		3
Trapézio	1				1
Segmento	2	1			3
Lamela	7	2			9
Lâmina	10	1			11
Lasca	24	4			28
Raspadeira	5	1			6
Ponta de seta	1				1
Flecha transversal		1			1
Furador	1	1			2
Fragmento	6	3			9
<i>Total</i>	57	16	1	1	75

Quadro 4: Bernardo 1. Tipologia dos utensílios distribuídos por camada. Quadrículas J2, J27 e J 29.

Os micrólitos geométricos estão pouco representados e são constituídos por formas trapezoidais, em segmento de círculo e triangulares, destacando-se três “triângulos de Muge”, que se distinguem pela presença de uma espinha dorsal (Quadro 7 em anexo). Estes são característicos dos concheiros mesolíticos do vale do Tejo, mas também ocorrem nos concheiros do Sado, nomeadamente em Poças de S. Bento e Cabeço das Amoreiras

(Araújo, 1995-1997). Os geométricos estão presentes em todas as camadas, sendo de destacar que os triângulos mesolíticos surgem nas camadas B e C. Não é possível observar se a técnica do microburil, usual no fabrico de utensilagem microlítica do Mesolítico, foi aplicada aos exemplares em causa. A quantidade de lascas, lamelas e lâminas retocadas é extremamente reduzida, quando comparada com o número de produtos debitados (Quadro 8 em anexo) constituindo as lascas o grupo melhor representado.

Na camada A recolheu-se uma ponta de seta em xisto negro, de base côncava, retoque rasante e marginal, que pode ser atribuível ao Neolítico final/Calcolítico. É interessante verificar a presença de uma flecha transversal recolhida na camada B, publicada por António Carvalho (no prelo a), cuja categoria já tinha sido identificada em prospecção e que veio confirmar a suspeita de uma ocupação do Neolítico antigo.

No grupo de utensílios de fundo comum foram identificados artefactos que por vezes apresentam vestígios de córtex, dois furadores em sílex, raspadeiras e fragmentos de peças retocadas pouco características.

Ao contrário do que foi recolhido em prospecção, os materiais em pedra polida e os elementos de moagem são quase inexistentes (um fragmento de cada na camada A).

8.1.3 A interpretação crono-estratigráfica possível

Tendo em conta as limitações contextuais e estratigráficas dos dados de escavação, é possível, com base na dispersão vertical dos elementos de diagnóstico, supor uma sequência estratigráfica representando três momentos crono-culturais de ocupação. A ocupação mais antiga terá ocorrido durante o Mesolítico e está representada através de materiais que surgem nas camadas B e C (2 e 1 “triângulo de Muge” respectivamente). A este momento poderia corresponder a camada de base (C), que só foi identificada na quadrícula J 29 e onde se regista a total ausência de cerâmica. Esta presença de materiais mesolíticos no Bernardo 1 já foi referida por António Carvalho (no prelo a). A segunda ocupação terá ocorrido no Neolítico antigo, provavelmente no Neolítico antigo evolucionado, uma vez que não foi detectada cerâmica impressa (incluindo cardial) e com elementos plásticos. Porém, esta situação pode dever-se a fenómenos de perturbação pós-

deposicional e não a uma real ausência das técnicas decorativas. Os melhores indicadores desta ocupação são as flechas transversais, uma encontrada à superfície e a outra recolhida em escavação, na camada B (Carvalho, no prelo a). Nesta camada registam-se micrólitos geométricos atribuíveis ao Mesolítico, uma menor quantidade de produtos alongados quando comparada com camada A e a cerâmica está representada através de fragmentos de bojos incharacterísticos. O último momento de ocupação do espaço como povoado terá ocorrido num momento genericamente designado como Neolítico final/Calcolítico. Está atestado pela presença de taças de bordo espessado, presentes na camada A e à superfície, de lâminas robustas e por um fragmento de ídolo de cornos, recolhidos em prospecção. Todavia, apesar da inexistência de indicadores cronológicos, como as cerâmicas com sulco situado abaixo do bordo, não é de excluir a hipótese de ocupações ocorridas durante o Neolítico médio. A sua aparente ausência pode resultar de uma continuidade tecnológica dos conjuntos artefactuais em relação ao Neolítico antigo, como foi documentado na Pena d'Água no Arrife da Serra d'Aire (Zilhão e Carvalho, 1996), imperceptível devido ao revolvimento da estratigrafia.

8.1.4 Funcionalidades e estratégias de ocupação do espaço

Apesar de os vestígios da presença mesolítica detectados no Bernardo 1 serem ténues, é possível relacioná-los, com bastante segurança, com os grupos que habitavam o antigo estuário do Tejo, na região de Muge e Salvaterra de Magos. Recorde-se que as ribeiras do Sor e do Raia se unem, a pouco mais de 9 km, dando lugar ao Sorraia que desemboca no estuário próximo de Benavente. A geomorfologia desta região, caracterizada por extensos terraços e áreas relativamente planas ao longo dos principais cursos de água, tornaria os vales dos rios vias naturais de comunicação onde a circulação se faria sem grande dificuldade. Estas incursões a territórios de interior podem ter sido realizadas no âmbito de explorações logísticas dos seus recursos naturais, tal como sugerido por diversos autores para alguns sítios da Estremadura. Estações como Forno da Telha e Abrigo de Bocas em Rio Maior (Araújo, 1993 e Bicho, 1994), situam-se ao longo dos principais rios tributários

do Tejo e correspondem a acampamentos ocupados sazonalmente desde a fase inicial do Mesolítico a ver pelas datações absolutas disponíveis (Carvalho, no prelo a).

A fraca representatividade dos materiais e a total ausência de outros elementos, tais como restos faunísticos, não permite saber em que contexto surgem estes vestígios. Se para a zona de Rio Maior é pacífico supor a existência de estabelecimentos vocacionados para a exploração do sílex, aliada à obtenção de determinados produtos alimentares (Bicho, 1994: 671-672; Carvalho, no prelo a), para a região de Montargil coloca-se a questão de que recursos naturais interessavam às comunidades de caçadores-recolectores. Aparentemente, a região não teria ainda grande interesse em relação a algumas matérias-primas abundantes no maciço antigo, tais como o quartzo, o anfíbolito, o granito e o micaxisto, devido às características da componente artefactual mesolítica. À falta de indicadores paleoambientais apenas é possível supor a prática de algumas actividades de subsistência como a caça e a recollecção de eventuais espécies vegetais. A exploração do *hinterland* alentejano por parte dos grupos de caçadores-recolectores dos concheiros do Tejo e Sado tem sido proposta por Manuel Calado na perspectiva da neolitização do interior alentejano (Calado, 1995, 2000 a, 2000b). A presença dos “triângulos de Muge” no Bernardo 1, em Montargil, poderá resultar de incursões esporádicas de grupos mesolíticos da região de Muge para o interior alentejano, num panorama semelhante ao sugerido para os sítios da Estremadura. É interessante verificar que os concheiros de Muge estão implantados na Bacia Sedimentar do Tejo e que os terrenos de maciço antigo mais próximos são precisamente Touris e Montargil. Esta região poderia constituir um ecossistema privilegiado devido à sua proximidade e ao fácil acesso, situado, tal como os concheiros, na margem esquerda do Tejo. Os dados disponíveis para o conhecimento da ocupação do Neolítico antigo são insuficientes para determinar o carácter do estabelecimento, o modelo de implantação no espaço e o tipo de subsistência praticado. Neste contexto, a procura de quadros interpretativos é especialmente arriscada e aconselha alguma prudência, dada a longa diacronia de ocupação do sítio e as limitações estratigráficas detectadas. Corre-se o risco de analisar sob o mesmo modelo aspectos que podem ter resultado de diferentes tipos de ocupações, ocorridas em tempos diversos. Devido à ausência de cerâmica cardial os materiais podem ser provisoriamente, e com algumas reservas, atribuídos ao Neolítico

antigo evolucionado, não sendo de excluir as hipóteses de uma ocupação mais antiga e de outra enquadrável no Neolítico médio.

A inexistência de indicadores paleoambientais e de estruturas domésticas e a descontextualização dos materiais não permitem verificar se o sítio se reporta a um acampamento de base, ocupado provavelmente ao longo de todo o ano por uma parte significativa do grupo, ou a um acampamento sazonal destinado a actividades específicas, sucessivamente ocupado. A ampla dispersão dos materiais à superfície e a quantidade das recolhas de escavação não se compadecem com um pequeno acampamento relativamente efémero. Apesar da extensa área ocupada, tratar-se-ia, provavelmente, de uma ocupação descontínua do espaço.

No actual estado de desenvolvimento dos trabalhos, não é possível comprovar se a agricultura fazia parte do sistema de subsistência praticado pelas comunidades aqui instaladas. Não existem indícios directos da produção de alimentos e os elementos de moagem surgem descontextualizados, quer por aparecerem à superfície, quer devido às condições da jazida. Contudo, alguns factores permitem presumir a prática desta actividade: (1) a implantação do Bernardo 1 numa das poucas manchas de solos com capacidade agrícola (B+C); (2) tal como em outros sítios da área em estudo, enquadráveis no Neolítico antigo/médio, verifica-se a escolha de um terreno areno-argiloso próximo de um curso de água; (3) a existência de elementos de mós manuais nos conjuntos artefactuais daqueles sítios - Alminho 1, Courelas 1; e (4) o carácter aparentemente permanente da ocupação. Devido ao revolvimento do terreno, aliado às características do sedimento, não se conservaram restos faunísticos nas áreas escavadas, pelo que, não há qualquer indício acerca das espécies caçadas ou de uma eventual actividade pastoril.

Apesar dos instrumentos de pedra polida não estarem directamente associados aos materiais atribuíveis ao Neolítico antigo, é perfeitamente admissível que faziam parte da sua componente artefactual. Aliás, dadas as características litológicas da região de Montargil, um dos factores de fixação de comunidades neolíticas poderá ter sido a obtenção de matérias-primas, nomeadamente o anfíbolito.

No Bernardo 1 foram detectados materiais que, há falta de indicadores cronológicos mais seguros, se integram num momento genericamente designado como Neolítico final/Calcolítico. O conjunto, apesar de escasso, aponta para a existência de um povoado

que se encontra muito destruído devido às lavouras mecânicas praticadas no local. A sua localização numa vertente suave, em área aberta e em solos com alguma capacidade para a agricultura (Classe B+C de acordo com a actual classificação), podem indiciar a existência de uma forte componente agrícola. Podem corresponder a este momento de ocupação boa parte dos elementos de moagem identificados à superfície. Ao contrário do que foi registado no povoado da Serra 1, não existem indícios seguros da prática de outras actividades económicas que certamente existiriam e que caracterizam as comunidades com um sistema agro-pastoril mais consolidado.

Dentro da cultura material, foram identificados dois pequenos fragmentos de pratos e duas taças de bordo espessado. É de salientar a presença de um fragmento de “ídolo de cornos”, o único registado na região em estudo, até ao momento. A utensilagem lítica é constituída por matérias-primas exógenas (lâminas robustas em sílex e chert) e locais (ponta de seta em xisto e instrumentos em pedra polida). No Bernardo 1 foi encontrado um artefacto que foi classificado como um polidor de machados, porém, não é possível saber a que momento da diacronia pertence

A implantação topográfica do sítio sugere a não existência de preocupações defensivas.

A análise da distribuição dos artefactos por sondagem vai ao encontro do verificado durante as recolhas de superfície, dado que na sondagem situada mais a Norte (J2) foi detectado um maior número de vestígios atribuíveis ao Neolítico final/Calcolítico. O estabelecimento desta época estaria assim mais concentrado a Norte na área com altimetria ligeiramente superior, mais próximo da serra e mais afastado do rio. Os materiais neolíticos mais antigos estão presentes em todas as sondagens, mas a maioria foi exumada na quadrícula J 29, situada mais a Sul, numa zona praticamente plana. Nesta sondagem foram recolhidas duas cerâmicas incisas, a totalidade dos micrólitos geométricos e a flecha transversal, é também a única onde foi detectada a camada C e os materiais mesolíticos.

No Bernardo 1 está implantado um monumento megalítico de câmara poligonal que não conserva vestígios de mamoa nem de corredor. Esta situação ocorre em outros povoados, tais como Monte do Cabeço 2 em Montargil e Mangancha na Vidigueira (Gonçalves, 1989 a). A anta do Bernardo foi escavada em 1910 por Leite de Vasconcellos. A escavação forneceu poucos materiais que não se podem distinguir de outros recolhidos

na herdade (Vasconcellos, 1910), à excepção dos restos osteológicos humanos. Seria interessante conseguir esclarecer qual a relação do monumento com a ocupação do espaço como *habitat*.

8.2 O povoado Calcolítico da Serra 1

O povoado da Serra 1 (10) localiza-se numa rechã, na vertente sul do maciço antigo de Montargil (Mapa 3, 5 e 6). É ladeado por duas linhas de água, relativamente encaixadas, que descem da serra e confluem na margem direita da ribeira de Sor. Actualmente, a Norte do povoado, ao longo destas linhas de água existem vários poços e fontes e a pouco mais de 500 metros estão cartografadas duas nascentes. Do ponto de vista geológico está implantado em terrenos argilosos de gabro e diorito que se prolongam pelo maciço antigo. Situa-se sobre solos de capacidade de uso de classe C, curiosamente, a menos de 100 metros da única mancha de solos de classe A e próximo dos solos de capacidade de uso de classe B. Os vestígios da ocupação parecem estender-se por uma área relativamente reduzida que ronda os 2500 m².

A observação da sua implantação na paisagem, sugere a não existência de preocupações de natureza defensiva, uma vez que o povoado é facilmente alcançável, não apresenta condições naturais de defesa e o domínio visual do território é limitado. Verifica-se uma boa visibilidade do povoado para Sul, de onde seria possível observar os terrenos mais arenosos das margens do Sor, embora a visibilidade seja bastante restrita para Norte, Este e Oeste.

8.2.1 Trabalhos arqueológicos

No âmbito do projecto de investigação optou-se por intervir neste povoado por ser, no conjunto dos sítios identificados na região, o que parecia fornecer, com mais segurança, dados estratigráficos e planimétricos sobre a presença calcolítica. Com a intervenção pretendeu-se determinar com mais segurança a(s) cronologia(s) de ocupação do sítio e obter contextos seguros que pudessem auxiliar a integração crono-cultural de outras realidades

próximas, tendo sempre como pano de fundo o estudo da dinâmica do povoamento desta área em torno dos 4º e 3º milénios cal. a. C..

A observação das características do local e dos materiais recolhidos, apontava para a possibilidade de os níveis arqueológicos se encontrarem bastante revolvidos, daí optar-se por fazer a sondagem numa zona que, por se encontrar coberta de vegetação, poderia estar melhor preservada. Entretanto, na altura em que o projecto foi apresentado ao PNTA, parte do sítio foi afectado por uma surribo para plantio de pinheiros que permitiu antever a fraca potência estratigráfica do povoado, sem ter afectado a área que se julgava melhor conservada.

A sondagem incidiu numa área de 14 m², definidos de acordo com os meios humanos disponíveis, não tendo sido ainda totalmente escavados. As camadas escavadas até ao momento, são camadas com materiais que foram distinguidas a partir das características intrínsecas do sedimento, como a textura, a cor, a dureza, etc. (Fig. 11-13).

Camada 1A - Terra de cor esbranquiçada, muito solta e homogénea presente nas quadrículas L 32, L33, K32 e K 33. Apresenta uma espessura que varia entre os 4 e os 26 cm. e encontra-se sobre a camada 1 C. Apesar de ter sido recolhida uma das contas de colar parece resultar de uma acção de despejo intencional.

Camada 1 B- Camada de terra argilosa, pouco homogénea surgindo por vezes muito compacta e contendo muita matéria orgânica. A acção das inúmeras raízes formam canais e tornam o sedimento pouco homogéneo. Embala alguns seixos de quartzito de pequena e média dimensão. O sedimento de cor castanha escura, está presente em todas as quadrículas escavadas, excepto onde surge a camada 1 A. A espessura varia entre os 5 e os 14 cm. Foram recolhidos artefactos líticos, cerâmicos e faunísticos.

Camada 1 C- Camada de terra argilosa e muito compacta. Distingue-se da camada anterior por ser mais escura e mais compacta. Contém inúmeras raízes e embala alguns seixos de quartzito fragmentados de pequena dimensão (variam entre os 3 e 5 cm). Trata-se de uma terra de cor castanha escura que surge em todas as quadrículas da fiada L (escavada na campanha de 1999) e cuja espessura varia entre os 4 e os 18 cm. Nesta camada foram recolhidos artefactos líticos, cerâmicos e faunísticos.

Camada 02- O sedimento apresenta uma cor castanha mais clara que a da camada anterior. É bastante argilosa, compacta e difícil de escavar devido à sua dureza. Apresenta

uma espessura que varia entre os 6 e 18 cm. Contém ainda muitas raízes de plantas. Foram recolhidos artefactos líticos, cerâmicos e restos de fauna em menor número do que na camada anterior.

Camada 03 - Sedimento de cor castanha escura, bastante argiloso e difícil de escavar devido à sua dureza. Contém pequeníssimos nódulos de carvão que só é possível recolher juntamente com o sedimento. Embala várias pedras, algumas em desagregação, de pequena dimensão e muitas raízes. Esta camada só surge nas quadrículas L30, 31 e 32. Apresenta, até ao momento, uma espessura que varia entre os 4 e os 20 cm. Foram também identificados materiais líticos, cerâmicos e faunísticos.

Camada 04 - Foi identificada nas quadrículas L33, L34 e L35. Encontra-se sob a camada 02 e distingue-se desta por ser menos argilosa, mais homogénea e por ter textura mais fina. De cor castanha alaranjada, contém nódulos de cor esbranquiçada, que se verificou resultarem da desagregação do substrato geológico, correspondendo a uma camada de transição. Continuam a aparecer raízes de árvore, algumas prolongam-se para o substrato geológico, e é de salientar a grande presença de pequenos gastrópodes terrestres.

Camada 05- Foi identificada nas quadrículas J 31, 32 e 33. O sedimento desta camada é mais arenoso que a camada 1B, contém menos matéria orgânica e apresenta uma cor castanha mais clara. O topo desta camada foi delimitado mas não chegou a ser escavada.

Dada a exiguidade da área intervencionada, os dados agora tratados não podem ser tidos como representativos de todo o povoado. Os resultados alcançados valem enquanto hipóteses de trabalho, necessariamente provisórias, que não inviabilizam futuras reinterpretações.

Durante a escavação verificou-se que os vestígios arqueológicos se encontram muito próximos da superfície do terreno e que foram relativamente afectados por fenómenos pós-deposicionais. O principal factor que terá interferido na acumulação dos sedimentos parece ser a acção da grande quantidade de raízes detectada. Também existe afectação de natureza humana, uma vez que nesta zona foram depositados materiais resultantes das acções de limpeza do terreno aquando de trabalhos agrícolas. Foi aqui que se encontraram os elementos de mó dormentes e vários blocos de pedras. Também a camada 1A, de cor esbranquiçada, parece resultar de um despejo intencional ocorrido em época indeterminada.

O povoado aparenta ter apenas uma fase de ocupação, muito circunscrita e com uma diacronia de permanência não muito longa, o que é indiciado pela homogeneidade morfológica e cronológica do conjunto artefactual e pela fraca potência estratigráfica detectada.

8.2.2 Estruturas

Nas quadrículas J 30 e J 31 foi registado um conjunto de blocos de pedra (de granito, pegmatito e anfíbolito) que, pela sua dimensão e posição relativa, poderão pertencer a uma estrutura, cujo contorno e funcionalidade se desconhecem mas que poderá ter um cariz habitacional (Fig. 12).

8.2.3 A componente artefactual

O estudo dos materiais provenientes das escavações do povoado da Serra 1, é condicionado por limitações de varia ordem:

- 1- De natureza contextual e estratigráfica, uma vez que, até ao momento, não foram escavados níveis *in situ* e as camadas não foram integralmente escavadas em todas as quadrículas
- 2- Da dimensão da amostra, dado que, de um modo geral, todos os elementos de cultura material estão pouco representados e a área escavada é ainda reduzida
- 3- Do mau estado de conservação dos materiais, que se reflecte principalmente nas cerâmicas, e que impede a observação de alguns atributos fundamentais

Pelos motivos enunciados, e porque se trata de uma amostra muito homogénea e coerente em termos morfológicos, optou-se por tratar em conjunto os materiais recolhidos à superfície e em escavação (Fig. 14 a 21). Pelas mesmas razões decidiu-se não analisar a frequência relativa dos materiais por camada, inclusive das formas cerâmicas, nem tentar estabelecer relações entre materiais da mesma camada.

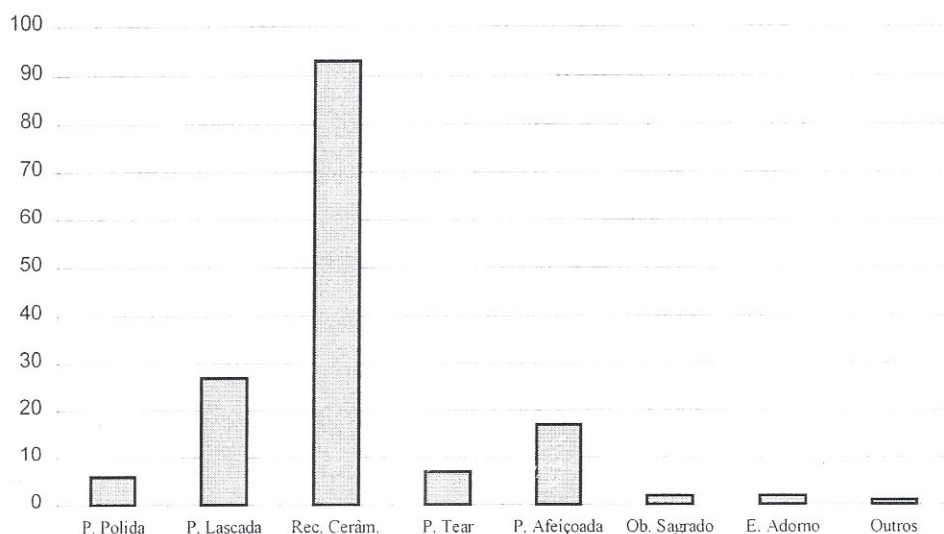


Gráfico 5 - materiais arqueológicos recolhidos em escavação e à superfície. Nos recipientes cerâmicos apenas foram considerados os fragmentos com bordo e na pedra lascada os materiais debitados alterados ou não por retoque

8.2.3.1 Os recipientes cerâmicos

De 486 fragmentos cerâmicos pertencentes a recipientes recolhidos em escavação, 441 são bojos, e apenas 45 apresentam bordo. Em conjunto com os fragmentos de bordo recolhidos à superfície a amostra perfaz um total de 93 exemplares (Quadro 9 em anexo).

Em primeiro lugar será feita referência às características morfológicas dos recipientes (formas, tipos e bordos), posteriormente, aos aspectos tecnológicos das produções cerâmicas.

Em termos morfológicos, a amostra caracteriza-se por um claro domínio das formas abertas sobre as fechadas (Quadro 5), verificando-se uma percentagem maior de taças (49 /53%) e de pratos (18 /19%) relativamente aos esféricos (12 /13%), aos vasos de paredes rectas (1 / 1%) e aos potes (1 /1%).

Formas	N.º	%
<i>Abertas</i>	71	74%
<i>Fechadas</i>	14	17%
<i>NI</i>	8	9%

Quadro 5 - Número e percentagem de formas abertas, fechadas e não identificadas

Tipo	N.º	%
<i>Pote</i>	1	1%
<i>Esférico</i>	12	13%
<i>P. rectas</i>	1	1%
<i>Taça</i>	49	53%
<i>Prato</i>	18	19%
<i>NI</i>	12	12%

Quadro 6 - Número e percentagem de tipos de recipientes

Os atributos relacionados com a morfologia dos recipientes (d direcção e espessamento do bordo), foram observados na forma como se distribuem dentro de cada tipo. Quanto à direcção do bordo (Quadro 7) predominam os bordos planos (62 / 67%) os bordos que apresentam espessamento são 27 (29%) e apenas 2 bordos são extrovertidos (2%). O espessamento dos bordos dá-se principalmente nas taças e pratos, sobretudo nos pratos. É interessante verificar que das 49 taças, 10 possuem o bordo espessado, ao passo que, dos 18 pratos registados, 13 apresentam o bordo espessado. O único pote identificado apresenta o bordo espessado externamente e o recipiente de paredes rectas apresenta o lábio aplanado. A direcção do bordo dos vasos esféricos é preferencialmente recta. De 9 exemplares, 2 são espessados interna e externamente e 1 é extrovertido (Quadro #).

DB Tipo	<i>Recto</i>		<i>Extrovertido</i>		<i>Espessado</i>		<i>NI</i>		Total N.º
	N.º	%	N.º	%	N.º	%	N.º	%	
<i>Pote</i>					1				1
<i>Esférico</i>	9		1		2				12
<i>P. rectas</i>	1								1
<i>Taça</i>	38		1		10				49
<i>Prato</i>	5				13				18
<i>NI</i>	9				1		2		12
Total	62	67%	2	2%	27	29%	2	2%	93

Quadro 7- Número da distribuição da direcção do bordo por tipo e percentagem final

Ainda no que concerne ao espessamento (Quadro 7), verifica-se que a maioria apresenta bordo espessado internamente (14), seguido de espessamento interno e externo (7) e, com número muito próximo de ocorrências, de espessamento externo (5). É de salientar que nas taças o tipo de espessamento se distribui de forma idêntica (4, 3 e 3 respectivamente), enquanto que nos pratos o espessamento dos bordos é predominantemente interno; a relação é de 10 peças espessadas internamente para 1 externamente e 2 interna e externamente.

Ebd Tipo	Intern.	Extern.	Intern. e extern.
<i>Pote</i>		1	
<i>Esférico</i>			2
<i>P. rectas</i>			
<i>Taça</i>	4	3	3
<i>Prato</i>	10	1	2
<i>NI</i>	1		
Total	15	5	7

Quadro 8- Variação do espessamento do bordo por tipo

No que respeita ao diâmetro dos recipientes, optou-se por seguir a metodologia apresentada para o Cabeço do Pé da Erra (Gonçalves, 1982). Do universo de 93 exemplares, 50 não permitiram cálculo do diâmetro e, dos restantes 43, a maioria apresenta diâmetros considerados pequenos e médios.

Recipientes de diâmetro muito pequeno (< 10 cm): 4

Recipientes de diâmetro pequeno (11/20 cm): 18

Recipientes de diâmetro médio (21/30 cm): 18

Recipientes de diâmetro grande (31/40 cm): 3

Foi efectuada a análise macroscópica das pastas, apesar da superficialidade inerente, procurando obter alguns dados de carácter tecnológico das produções cerâmicas, que permitissem ponderar algumas hipóteses. Na análise das características tecnológicas das pastas foi considerado o número total de recipientes e não efectuar a distribuição das pastas pelas formas ou pelos tipos identificados, devido à reduzida representatividade observada

dentro das formas fechadas. A homogeneidade das pastas é predominantemente semi-compacta (67/71%), existindo alguns casos de pastas pouco compactas (Quadro 9).

Compacta		Semi-compacta		Pouco compacta		Total
N.º	%	N.º	%	N.º	%	N.º
9	10%	67	72%	17	18%	93

Quadro 9 - Homogeneidade das pastas

Os componentes não plásticos nas pastas cerâmicas surgem em número razoável e, com valores muito próximos, de forma abundante (Quadro 10). Quanto às dimensões, a maioria dos componentes não plásticos são considerados finos (58/63%), surgindo estes também em número significativo, conjuntamente com componentes de dimensão média (Quadro 11).

Abundantes		N.º razoável		Escassos		Total
N.º	%	N.º	%	N.º	%	N.º
35	38%	42	45%	16	17%	93

Quadro 10 - Frequência dos Componentes não plásticos

Finos		Médios		Finos e médios		Finos e grandes		Médios e grandes		Total
N.º	%	N.º	%	N.º	%	N.º	%	N.º	%	N.º
58	63%	8	9%	19	20%	3	3%	5	5%	93

Quadro 11 - Dimensões dos Componentes não plásticos

Certamente de proveniência local, os CNP são constituídos, sobretudo, por quartzos, micas e feldspatos. Os quartzos estão presentes em todas as pastas, sendo de destacar o número de presenças de micas (22+6). Apenas num exemplar se detectou a presença de xisto ou grauvaque. É interessante verificar que alguns fragmentos cerâmicos contêm feldspatos (11+6) que são minerais característicos dos granitos (Quadro 12). Os xistos são abundantes na serra de Montargil, porém, os componentes presentes nas pastas dos recipientes do povoado da Serra são minerais que constituem o granito, também presente

em algumas zonas do maciço antigo, nomeadamente no maciço de Touris e em filões de gnaisses graníticos no maciço de Montargil.

Quartzo		Quartzo e xisto		Quartzo e mica		Quartzo e feldspato		Quartzo mica e feldspato		Total
N.º	%	N.º	%	N.º	%	N.º	%	N.º	%	N.º
53	57%	1	1%	22	24%	11	12%	6	6%	93

Quadro 12 - Matéria-prima dos componentes não plásticos

As cozeduras repartem-se, em percentagens muito próximas, entre oxidantes (39%) e redutoras (41%), sendo pouco frequentes as situações onde foi registada cozedura oxidante com arrefecimento redutor e vice-versa (Quadro 13).

Oxidante		Redutora		Oxidante/Redutor		Redutora/Oxidante		Total
N.º	%	N.º	%	N.º	%	N.º	%	N.º
36	39%	39	41%	7	8%	11	12%	93

Quadro 13 - Tipo de cozeduras

No que se refere ao tratamento das superfícies interna e externa predominam os casos em que os recipientes foram alisados (54 /58%). É de salientar que apenas em 6% dos casos a superfície interna se apresenta rugosa, contrapondo com a superfície externa onde se registam 22%. É também de registar o valor das superfícies internas que apresentam vestígios de polimento (27% contra 17%). São poucos os casos onde foram observados vestígios de engobe, que por vezes surge associado a polimento, o que poderá estar relacionado com o mau estado das cerâmicas. A observação do tratamento das pastas é dificultada pelo desgaste das superfícies, pelo que, acções como o polimento e o engobe podem ter desaparecido.

Não foi analisada a variação do tratamento das superfícies nas formas e tipos registados por motivos de representatividade já enunciados.

S U P	Rugosa		Alisada		Polido		Com engobe		Polido e com engobe		Total
	N.º	%	N.º	%	N.º	%	N.º	%	N.º	%	N.º
<i>SI</i>	6	6%	57	62%	25	27%	2	2%	3	3%	93
<i>SE</i>	20	22%	54	58%	16	17%	1	1%	2	2%	93

Quadro 14 - Tratamento das superfícies interna e externa

O conjunto cerâmico identificado suscita alguns comentários, sendo de registar não apenas as presenças, mas também as ausências. Foram vários os aspectos que estiveram na base da integração cronológica e cultural do povoado no Calcolítico, com afinidades no Calcolítico do Sul Peninsular (Gonçalves, 1989a). Neste sentido, é de assinalar o predomínio das formas abertas, a existência de pratos de bordo espessado, a quantidade de taças, cuja morfologia do bordo é maioritariamente plana, sendo de notar, até ao momento, a ausência de taças carenadas. Não foram identificados, mamilos, carenas e fragmentos decorados e apenas um bojo apresenta perfuração.

C. T. da Silva e J. Soares, num trabalho sobre o Calcolítico do Baixo Alentejo e do Algarve, integram os cinco povoados estudados em dois grandes horizontes culturais (Silva e Soares, 1976/77). O primeiro marca a fase inicial do Calcolítico que se reflecte no registo arqueológico pela presença de taças carenadas, taças de bordo espessado internamente, esféricos com mamilos e pesos de tear placa. O segundo horizonte marca o Calcolítico pleno e é caracterizado pela ausência de taças carenadas, pelo declínio dos esféricos com mamilos, pelo predomínio dos pratos e taças de bordo espessado, pela presença de pesos de tear “crescentes” e pela existência de vestígios da prática da metalurgia do cobre. Com base na estratigrafia e no espólio detectados na escavação do Monte da Tumba, os mesmos investigadores estabeleceram 3 fases principais de evolução do Calcolítico do Sul (Silva e Soares, 1987). As duas primeiras fases correspondem, respectivamente, aos horizontes atrás enunciados, aos quais se segue uma terceira fase campaniforme.

Victor Gonçalves levanta algumas questões sobre esta periodização (Gonçalves, 1989a: 165; 1991: 81-120) e sobre a validade da taça carenada como elemento indicador de uma fase “antiga” dentro do Calcolítico. Na base destas reservas estão os dados obtidos para outros povoados, onde a taça carenada surge associada a pratos de bordo espessado e a pesos de tear de tipo “crescente”, como por exemplo, TESP 3 em Reguengos de Monsaraz

(Gonçalves, 1990), Sala n.º 1 e Mangancha na Vidigueira (Gonçalves, 1987). Também em Porto Torrão, José Arnaud havia chamado a atenção para a presença de taças carenadas quer em níveis pré-campaniformes, quer em níveis campaniformes (Arnaud, 1982 e 1993).

8.2.3.2 Pesos de tear

Apenas estão registados 7 fragmentos de pesos de tear no povoado da Serra, 2 recolhidos à superfície e 5 provenientes da escavação. Todos os exemplares pertencem a pesos de tipo “crescente”, apresentam diferentes espessuras e a perfuração está presente em 3 fragmentos. É de salientar que, até ao momento, em nenhum outro sítio da área de Montargil foram registados pesos de tear.

De acordo com a proposta de C. T. da Silva e Soares, os pesos de tear “crescentes” fazem parte de um conjunto artefactual mais vasto que caracteriza o horizonte atribuível ao Calcolítico pleno e que está representado nos povoados do Monte Novo, Cortadouro e Alcalar (Silva e Soares, 1976-77). Os pesos de tear em placa seriam anteriores e característicos do Calcolítico inicial ou mesmo da passagem do Neolítico Final para o Calcolítico, presente no Cabeço da Mina e em Vale Pincel II. Contudo, estes autores não excluem a hipótese de os “crescentes” serem mais antigos e virem a desenvolver-se no calcolítico pleno (op. cit: 261).

Tem sido verificada a coexistência, em ocupações do Neolítico Final e do Calcolítico, de pesos de tear em placa e em “crescente”, como no Castelo do Azinhalinho (dados de prospecção) e Mangancha (Diniz, 1994: 144; Gonçalves, 2000: 61). Todavia, em sítios com uma ocupação única, atribuível ao calcolítico, têm sido registados conjuntos compostos apenas por pesos de tear crescentes (Diniz, 1994), situação onde se poderá integrar o povoado da Serra I.

8.2.3.3 Pedra polida

N.º	Tipo	Secção transversal	MP
1	Enxó	Poligonal	anfíbolito
2	Machado	Poligonal	anfíbolito
3	Indeterminado	Poligonal	xisto
4	Lingote	Poligonal	anfíbolito
5	Esboço de enxó	Poligonal	anfíbolito
6	Machado	Poligonal	anfíbolito

Quadro 15 - Distribuição dos artefactos de pedra polida

Da observação do quadro dois aspectos são realçados: a totalidade das secções transversais são poligonais e, à excepção de um objecto em xisto que suscita algumas dúvidas quanto à classificação, a matéria-prima principal é o anfíbolito. Verifica-se ainda igual número de machados e enxós, estando uma enxó sob a forma de esboço.

É interessante verificar a presença de dois momentos diferentes da cadeia operatória de fabrico da pedra polida. Um representado por um lingote que apresenta um polimento pouco intenso, aspecto que foi observado por António Valera em alguns exemplares do Castro de Santiago (Valera, 1997: 117). O outro por um esboço de uma enxó, cuja morfologia está muito próxima do resultado final, onde se notam bem os negativos dos levantamentos e não tem ainda vestígios de polimento.

A origem do anfíbolito é certamente local, a menos de 2 Km, no sentido N NE do povoado existem zonas de anfíbolitos, tal como em outros pontos da serra de Montargil. Os lingotes seriam retirados algures no maciço antigo sendo, eventualmente preparados no local de extracção, levados para o povoado onde eram transformados em esboços de utensílios e muito provavelmente polidos, apesar de não existirem vestígios da etapa final de transformação dos esboços em utensílios, porque não foram ainda identificados polidores/afiadores.

Se quanto à obtenção local da matéria-prima não parecem existir dúvidas, quanto ao seu destino é possível fazer algumas considerações. Certamente que se destinariam a uso doméstico dentro do povoado e corte da madeira nos campos fora do povoado, o que explicaria a existência de artefactos de pedra polida como achados isolados. É provável que

os artefactos produzidos na Serra 1 (ou em outros povoados da região dos quais não temos registo) se destinassem a trocas com comunidades mais afastadas, sem que se possa falar de uma produção especializada.

8.2.3.4 Pedra afeiçãoada: elementos de moagem e percutores

À superfície foram identificados vários elementos de mós manuais, moventes (4) e dormentes (5), que atestam a prática da farinhação, provavelmente de cereais.

Foram recolhidos 5 percutores sobre seixos de quartzito e 4 em quartzo. Ao contrário do que sucede na pedra lascada, onde é utilizado um tipo de quartzo translúcido, foram usados como instrumentos de percussão blocos ou seixos de quartzo leitoso, certamente mais resistente. De um modo geral os percutores apresentam poucos indícios de uso, o que resultará da disponibilidade de matéria-prima na região.

8.2.3.5 Pedra lascada

A representação desta categoria de artefactos na Serra 1 é reduzida e inclui os materiais recolhidos em escavação e à superfície. O conjunto é composto por vários grupos tipológicos, totalizando 62 exemplares. O quadro 16 contabiliza e agrupa os materiais distribuindo-os pelas matérias-primas, a percentagem de ocorrências só foi calculada quanto à matéria-prima. A análise mais detalhada dos utensílios retocados e dos produtos debitados é apresentada em anexo (Quadro 10 em anexo).

No grupo dos utensílios com retoque foram identificadas 1 lâmina, 1 raspadeira, 9 lascas e 2 pontas de seta. Dentro do material debitado mas não modificado por retoque, que constituem potenciais suportes ou componentes de utensílios, registaram-se 13 lascas e 1 lâmina não retocada. Os núcleos ou fragmentos somam 6 exemplares e regista-se 1 fragmento de seixo talhado. O material residual está representado por 6 esquirolas e 22 exemplares inclassificáveis.

No que à matéria-prima diz respeito, é de registar que o sílex constitui o suporte utilizado nas produções laminares, que apresentam a secção transversal triangular. A lâmina não retocada está reduzida a um pequeno fragmento; uma das lâminas retocada parece ter sido fracturada intencionalmente por flexão e a outra foi retocada na extremidade distal tendo sido usada como raspadeira.

Embora de pior qualidade que o sílex, verifica-se o recurso a matérias-primas claramente locais: o quartzo, o quartzo hialino, o quartzito, o jaspe e o xisto silicioso, que constituem 88% da amostra (55). O quartzo é abundante no maciço de Montargil e, de um modo geral, foi amplamente utilizado pelas comunidades pré-históricas que habitaram a região. No caso do povoado da Serra 1 só há vestígios de talhe de um quartzo translúcido que, por vezes, se aproxima do quartzo hialino. À superfície do terreno existem vários blocos deste quartzo, de forma mais ou menos quadrangular e de aspecto anguloso, que poderão ter sido extraídos de filões nos granitos da região e transportados para o povoado.

Talvez devido à dificuldade de classificação dos vestígios de talhe neste tipo de rocha foram detectados, maioritariamente, produtos residuais inclassificáveis (9). Este aspecto não se reflecte nas lascas, lâminas ou lamelas, transformadas ou não em utensílios, pois só se registaram 3 lascas não retocadas.

O quartzo hialino, que também poderá ter sido obtido nas imediações do sítio, foi utilizado na produção de lascas. Das 4 lascas identificadas apenas uma apresenta retoque e registou-se também um pequeno núcleo para obtenção de lascas e, eventualmente, de lamelas. O único utensílio que testemunha a utilização do jaspe é uma ponta de seta de retoque bifacial, rasante, cobridor e de base côncava, recolhida em prospecção. Em quartzito, de grão grosseiro, apenas foram registadas 4 lascas robustas e 1 fragmento de seixo talhado, o que resulta de uma recolha selectiva dos materiais de superfície mais evidentes. Dadas as limitações desta amostra apenas é possível observar que o quartzito foi utilizado na produção de indústrias macrolíticas, sendo uma matéria-prima facilmente obtida nos terraços que ladeiam a ribeira do Sor.

A matéria-prima local mais utilizada na produção da pedra lascada foi o xisto silicioso (22/35%), do qual encontramos, para além dos utensílios, material de debitage e fragmentos não trabalhados. Os suportes utilizados para o fabrico destes utensílios são exclusivamente lascas, situação comum em outros contextos residenciais calcolíticos

(Carvalho, 1998: 51), como no Monte da Tumba onde prevalece a indústria sobre lasca em quartzo (Silva e Soares, 1987; Carvalho, 1998: 51). Registaram-se 7 lascas retocadas e 1 ponta de seta em xisto silicioso. Tal como a ponta de seta em jaspe, esta apresenta a base côncava, o retoque é bifacial, cobridor, rasante e foi obtida sobre uma lasca. Encontram-se também produtos residuais e fragmentos de xisto muito semelhantes aos utensílios, de aspecto aplanado, com esmagamento de arestas e com levantamentos que terão sido usados na produção de lascas.

A indústria de pedra lascada a partir de rochas locais, menos resistentes que o sílex, é uma forma expedita de fazer face às necessidades de produção de utensílios, na qual a matéria-prima preferencialmente utilizada, poderá variar conforme as características geológicas da zona. No caso do povoado da Serra 1, há indícios do talhe de rochas abundantes na região – o quartzo e o quartzito- porém, devido às suas características, o xisto silicioso assumiu um papel preponderante. Devido às condicionantes das próprias matérias-primas, esta indústria parece estar vocacionada para a obtenção de produtos sobre lasca. A utilização do xisto silicioso em momentos do Neolítico final/Calcolítico, em substituição do sílex, está registada em outras zonas com características geológicas semelhantes, como na Serra d'Ossa (Calado, 1995: 119-120), ainda que algumas lâminas continuem a ser fabricadas em sílex.

A presença do sílex no povoado da Serra poderá integrar-se no panorama de trocas desta matéria-prima por anfibolito, no âmbito do qual o sílex chegaria ao interior alentejano na forma de produtos acabados de cariz essencialmente laminar.

	Sílex	Quartzito	Quartzo translúcido	Quartzo hialino	Xisto silicioso	Jaspe	Total
Material debitado							
Lascas corticais		1					1
Lascas parcialmente corticais		3	1	1	1		6
Lascas não corticais			3	2	1		6
Lâminas	1						1
Lamelas							
Utensílios retocados							
Lascas retocadas	1			1	7		9
Lâminas	1						1
Lamelas							
Raspadeira	1						
Pontas de seta					1	1	2
Núcleos							
Para lascas				1			1
Sobre lasca					1		1
Fragmento					4		4
Material residual							
Esquírola				3	3		6
Inclassificável	3		9	6	4		22
Outros							
Seixo talhado							
Fragmento de seixo talhado		1					1
Total	7	5	13	14	22	1	62

Quadro 16: Inventário geral das matérias-primas líticas

8.2.3.6 Objectos relacionados com o Sagrado

No povoado da Serra 1 há vestígios da produção ou reaproveitamento de objectos de carácter mágico-simbólico destinados a acompanhar os mortos. Em prospeção foi recolhido um fragmento da parte superior de uma placa de xisto reutilizada. As superfícies antigas foram polidas e a perfuração encontra-se descentrada em relação à actual morfologia da placa. A placa primitiva apresenta decoração geométrica, no espaço da “cabeça” existem faixas horizontais e no “corpo” são visíveis triângulos sem indícios de preenchimento. Na camada 3 da quadrícula L30 foram recolhidos pequenos fragmentos de uma placa de grés, que poderia ser obtido localmente, nos terraços da bacia cenozóica do Tejo que envolvem o substrato hercínico que aflora em Touris e em Montargil.

Nos monumentos megalíticos da região apenas há notícia da existência de uma placa de grés num monumento, a anta 1 de Cavaleiros, onde também estão registadas

reutilizações de placas de xisto decoradas. Do espólio desta anta faz parte uma placa de xisto cuja iconografia (representação dos olhos solares) pode ser integrada numa época já calcolítica², o que, tendo também em conta a arquitectura da anta leva a colocar a hipótese da utilização, e provavelmente construção, de monumentos de planta poligonal e corredor longo durante o calcolítico pleno, nesta região.

A pretensão de estabelecer relações entre povoados e necrópoles na área em estudo é limitada por vários factores: (1) o desconhecimento dos componentes artefactuais que fariam parte da maioria dos monumentos megalíticos; (2) a inexistência de povoados e necrópoles em clara associação espacial contendo espólios correlacionáveis e (3) a inexistência de escavações em mais sítios de *habitat*.

8.2.3.7 Elementos de adorno

Estão registadas duas contas de colar fabricadas em pedra verde, mais exactamente em malaquite, ambas recuperadas em escavação.

N.º	Forma	Diâmetro (mm)	Espessura (mm)	Perfuração
1	Cilíndrica	6	4	bicónica
2	discoidal	7	3	bicónica

Quadro 17 - Contas de colar

8.2.3.8 “Pesos de rede”

Foi recolhido à superfície o que poderá ser um peso de pesca obtido a partir de um seixo plano de quartzito, estrangulado nos dois bordos a meia altura. Apesar de não existirem provas directas do consumo de peixe, a presença de um “peso de pesca” e a proximidade da ribeira de Sor e do rio Sorraia, indiciam a prática desta actividade. Não é

² Este tema foi abordado em 10.2.4 a propósito das placas de xisto da anta 1 de Cavaleiros

possível saber que espécies existiam nesta zona durante o Calcolítico, porém, temos notícia de em meados do século XVIII existirem barbos, bogas, bordalos, panselhos, enguias e lampreias, na altura em que estas sobem o rio (1758: 1416).

8.2.4 Análise faunística

Foram recolhidos alguns restos faunísticos de mamíferos e de moluscos marinhos em praticamente toda a área da sondagem e inclusive em prospecção. Tanto as conchas, como os ossos (uma boa parte são esquirolas), estão muito fragmentados e alguns apresentam sinais de fogo. Apesar de não ter sido efectuado um estudo mais detalhado da fauna malacológica, a quantidade e a forma como se apresentam os restos, indicam que se destinavam ao consumo, sendo de excluir a hipótese de terem sido utilizadas como elementos de adorno.

Ao nível das malacofaunas apenas foi possível identificar a presença de amêijoia boa (nome vulgar) - *Venerupis decussata* = *Tapes decussatus* = *Ruditapes decussatus*. Esta espécie de molusco habita em fundos arenosos ou arenovasosos, em estuários abertos, rias e lagoas naturais. Ainda que referente a uma época crono-cultural anterior, esta espécie está representada nos inventários faunísticos dos concheiros mesolíticos de Muge (Roche e Veiga Ferreira, 1967: 36). Apesar das alterações ambientais ocorridas entre o Mesolítico e o Calcolítico, a apanha de moluscos terá sido feita no estuário do Tejo e provavelmente no braço do rio Sorraia, uma vez que, devido ao enchimento flandriano, o estuário do Tejo se terá prolongado, pelos seus afluentes. Aqui, o limite da ria flandriana carece de confirmação, mas poderia, por volta de 5000 anos BP, situar-se a cerca de 6 km a SW de Coruche (Daveau, 1980: 26). Todavia, não é ainda possível conhecer as modalidades e a frequência desta actividade, nem determinar o seu peso na dieta alimentar da comunidade calcolítica em questão.

A presença de restos malacológicos, em particular de amêijoia-boia, em contextos habitacionais calcolíticos, no Centro e Sul de Portugal, parece ser relativamente comum, inclusive em zonas de interior. Ela está presente em povoados como Liceia, Olelas, Penedo do Lexim e Vila Nova de S. Pedro na Península de Lisboa; Possanco, no Litoral alentejano;

Barrada do Grilo, Monte da Tumba, Porto Torrão, Torre do Esporão 3 (aqui não é possível saber se era destinada ao consumo) e Cerro do Castelo de Santa Justa no interior do Alentejo e Algarve (Melo *et al.*, 1996)³. Esta é também uma das espécies que ocorre em maior número de povoados e no que se refere ao interior alentejano surge a par do *Pecten*. O real significado destas presenças, só poderá ser conhecido através do estudo dos conjuntos faunísticos dentro de cada contexto habitacional, aspecto que poderá contribuir para o conhecimento das estratégias de subsistência e de mobilidade das comunidades calcolíticas.

Quanto aos mamíferos, foi realizado um estudo mais pormenorizado que confirmou a escassez da amostra, pois dos 22 exemplares apenas foi possível determinar com exactidão 5 restos faunísticos. Estão presentes ovelha ou cabra doméstica (*Ovies aries* ou *Capra hircus*), javali e/ou porco (*Sus scrofa*?) e coelho (*Oryctolagus cuniculus*). Existem ainda dois pequenos fragmentos de pequenos carnívoros (raposa, lince ou tamanho similar). Das espécies identificadas apenas uma é inequivocamente doméstica, a ovelha ou cabra e quase todos os restos pertencem a animais adultos. Existem assim provas directas de actividades complementares de obtenção de proteína animal, por um lado a domesticação de ovicaprídeos e por outro, a caça que poderia ser praticada na região e em áreas limítrofes. Não é possível determinar a forma de consumo destas espécies, nem o real significado da presença de pequenos carnívoros.

8.2.5 Interpretação funcional e enquadramento cronológico

No povoado da Serra 1, a conjugação dos materiais de superfície com os de escavação revelou dados interessantes sobre as actividades exercidas por aquela comunidade. A estratégia de exploração dos recursos naturais utilizados na produção de utensílios e de objectos ideotécnicos, abarcava uma panóplia de matérias-primas que podiam ser obtidas nos maciços de Touris e Montargil e nas coberturas sedimentares da bacia cenozóica do Tejo.

³ Agradeço a Ana Melo, Clara Salvado, Fernanda Boto e João Valente, terem facultado o seu trabalho académico realizado no âmbito do Seminário de Sociedades Mariscadoras do Litoral Alentejano no ano de 1996 do presente curso de Mestrado. Os dados referem-se à informação disponível na altura para o Centro e Sul de Portugal, à excepção da região da península de Setúbal.

O fabrico de instrumentos de pedra polida está atestado a partir da identificação de um lingote e de um esboço de enxó, ambos em anfíbolito. Ainda que o anfíbolito seja uma matéria-prima disponível na região, não é possível falar de uma oficina de talhe, ou de uma especialização do povoado na manufactura de instrumentos de pedra polida. A produção destes instrumentos deverá ter tido um cariz doméstico, para utilização no povoado e nos trabalhos agrícolas e florestais. Não é de excluir o fabrico de alguns excedentes para comércio, consentâneo com o sistema de trocas supra regionais do sílex e do anfíbolito, no âmbito do qual se poderão integrar a presença das produções laminares.

Para além do anfíbolito, outras matérias-primas podiam ser obtidas localmente, como o xisto silicioso, o quartzito, o quartzo (leitoso, translúcido e hialino), o granito, o xisto negro, o grés, ou o jaspe e as argilas utilizadas nas produções cerâmicas.

A prática da tecelagem está atestada pela presença de alguns fragmentos de pesos de tear “crescentes”. Dentro dos materiais cerâmicos é de sublinhar a ausência de artefactos como as “queijeiras”, os “ídolos de cornos” e a cerâmica campaniforme. Até à data não foram registados vestígios de artefactos de cobre ou da prática da metalurgia.

A estratégia de obtenção de recursos desenvolvida por esta comunidade calcolítica seria alargada, coexistindo actividades agrícolas, pastoris, de caça e de recollecção. A dieta alimentar seria certamente mais rica do que a enunciada pelos restos faunísticos recuperados, abrangendo outras espécies animais. Apesar de não existirem provas directas, será possível supor a prática de uma agricultura, provavelmente de pequena escala, de produção de cereais, cuja transformação e consumo se presumem pela presença, no conjunto artefactual, de elementos de mós manuais e de pratos de bordo espessado. A obtenção de proteína animal seria obtida, sobretudo, a partir da pastorícia e da caça. O registo arqueológico aponta também para a exploração de recursos aquáticos, através da pesca efectuada nos cursos de água do Sor e do Sorraia, e da recollecção de amêijoa que poderia ser obtida no estuário do Tejo. Apesar de não ser possível avaliar o peso alimentar destes recursos, talvez eles tivessem apenas um papel complementar na dieta alimentar do grupo. A pálida imagem conseguida sobre as actividades económicas praticadas por esta comunidade, poderá ser colmatada com a continuidade da investigação na região. As actividades exercidas por esta comunidade teriam um carácter essencialmente doméstico,

como é o caso da tecelagem ou mesmo do fabrico dos artefactos. Tratar-se-ia, muito provavelmente, de uma pequena povoação de agricultores e de pastores.

A conjugação de vários aspectos, tais como, a ausência da taça carenada, a exclusividade de pesos de tear de tipo “crescente”, a presença de pratos de bordo espessado, a percentagem significativa de taças, a presença de pontas de seta de base côncava e retoque bifacial plano, a indústria laminar e sobre lasca, permitem atribuir uma cronologia do Calcolítico pleno, ou mesmo do Calcolítico final, ao povoado da Serra 1, com afinidades em outros povoados do Calcolítico do Sul de Portugal.

Supondo a validade dos quatro primeiros aspectos acima enunciados como indicadores cronológicos, a ocupação do povoado da Serra 1 pode ser atribuída a um momento pleno do calcolítico. Ou, de acordo com uma perspectiva mais linear de faseamento do calcolítico do sul, defendida por alguns autores, a uma fase pré-campaniforme (Arnaud, 1982: 54, Soares e Cabral, 1993: 222). Porém, devido ao facto de nos contextos do Alentejo central a cerâmica campaniforme ser residual, a sua ausência ou presença como elemento de diagnóstico deverão ser tidas com alguma prudência. A percentagem de ocorrência em sítios como S. Gens, na Serra d’Ossa, é da ordem de 1% (informação pessoal de Manuel Calado). O espólio recolhida na Serra 1 tem paralelos com os povoados do Calcolítico final de Famão e Fonte Ferrenha, localizados na mesma região, onde foram recolhidos escassos fragmentos de cerâmica campaniforme de tipo “Ciempozuelos” (Calado, 2001: 95 e 125). O povoado da Serra 1 poderá, assim, ser atribuível ao Calcolítico apesar de no conteúdo artefactual cerâmico não constar, cerâmica campaniforme. O povoado da Serra 1 poderá ainda encontrar-se na transição do Calcolítico pleno para o Calcolítico final, em meados do 3º milénio ou provavelmente já dentro da 2ª metade. A semelhança com os povoados de Famão e Fonte Ferrenha verifica-se também quanto à ausência de sistemas defensivos. Em contrapartida, a Serra 1 não apresenta condições naturais de defesa, nem preocupações de controle visual, excepto sobre o vale do Sor, e está muito próxima da única mancha de solos de classe A; ao passo que os povoados da Serra d’Ossa se encontram em locais de difícil acesso, com grande defensabilidade natural, com elevado domínio visual sobre áreas de transitabilidade e afastados de solos com disponibilidade agrícola (Calado, 2001: 115 e 116).

É de salientar que, na região de Montargil, este é o único povoado, conhecido, com uma cronologia claramente calcolítica. O sítio Calcolítico mais próximo, conhecido, é o Cabeço do Pé da Erra situado a 25 km E/SE no vale do rio Sorraia. Foi intervencionado por Victor Gonçalves nos anos 80 no âmbito do projecto ANSOR, e poderá datar de meados do 3º milénio a. C. (Gonçalves, 1981 e 1983-84). Este sítio apresenta algumas diferenças artefactuais em relação à Serra 1, sendo de acrescentar no conjunto artefactual daquele, “queijeiras”, taças carenadas e objectos em cobre. Em Montargil não foram encontrados vestígios de povoados amuralhados, ficando em aberto a possível presença de fossos nos níveis do Neolítico final/Calcolítico do Bernardo 1. Apesar da existirem fossos em sítios calcolíticos como Santa Vitória em Campo Maior, estes poderão caracterizar apenas a fase inicial do Calcolítico. O carácter parcelar da informação disponível para Santa Vitória não permite situar com segurança a(s) cronologias(s) de construção e funcionalidade dos fossos. Para 3 áreas distintas do fosso 1 foram detectadas 2 fases de ocupação, ambas da 1ª metade do 3º milénio (Dias, 1996: 7 e 201). A escavação do povoado de Juromenha 1 contribuiu definitivamente para estabelecer como início da utilização de sistemas defensivos constituídos por fossos e estruturas adjacentes o Neolítico final (Calado, 2000a: 38). Na região de Montargil Serra 1 é o único sítio de *habitat* que revela uma concentração do povoamento.

8.3 O Neolítico antigo/médio: implantação e cultura material

Para além dos vestígios de povoamento do Bernardo 1, existe um conjunto de sítios que, apresentando características semelhantes a nível da implantação e da cultura material, foram atribuídos ao Neolítico antigo/médio (Fig. 22-25). Esta opção é fundamentada em alguns trabalhos recentes desenvolvidos noutras regiões do Alentejo que têm versado sobre contextos arqueológicos idênticos (Calado e Sarantopoulos, 1996; Calado e Rocha, 1996; Rocha, 1999b; Gonçalves e Sousa, 2000; Calado, 2001, no prelo a).

Os sítios em causa estão implantados em terrenos arenosos e areno-argilosos, em áreas abertas de morfologia plana ou em suaves vertentes e próximos dos principais cursos de água da região, sobretudo da ribeira do Sor (Mapas 5, 7 e 9 em anexo). Em um destes

sítios, Bernardo 1, as sondagens arqueológicas efectuadas confirmaram a hipótese de uma ocupação do Neolítico antigo. Em termos gerais, os materiais recolhidos são muito escassos e incluem: raros fragmentos cerâmicos, micro-utensilagem lítica, constituída por pequenas lamelas e restos de talhe, por vezes inclassificáveis, em sílex e quartzo; alguma indústria macrolítica em quartzito; elementos de mós manuais; poucos instrumentos de pedra polida. Na categoria da cerâmica é de realçar a presença de dois fragmentos com decoração impressa, um a “punto y raya”, ou boquique, (Monte de Irmãos 4) e outro com impressões sobre decoração plástica (Courelas 1). Desta forma, o tipo de implantação, a componente artefactual detectada e a inexistência de artefactos claramente integráveis em momentos posteriores (Neolítico final/Calcolítico), quando comparados com outras regiões e com contextos arqueológicos mais seguros na área em estudo (Bernardo 1), permitem supor uma cronologia do Neolítico antigo e/ou médio. Outros sítios apresentam uma implantação idêntica, Courelas de Santo André 2 e Bernardo 2, mas o inventário dos materiais aconselhou maior prudência, pelo que, foram classificados como indeterminados.

Tendo em conta as particularidades geográficas de cada região, a área em estudo apresenta semelhanças com outros povoados do Alentejo enquadráveis no Neolítico antigo e/ou médio. O povoado de Pipas, escavado por Carlos Tavares da Silva e Joaquina Soares (1992) era, até há pouco tempo, dos poucos indicadores da presença das primeiras comunidades neolíticas na região de Reguengos de Monsaraz. Entretanto, outros trabalhos arqueológicos desenvolvidos (Gonçalves et. al., 1992), alguns no âmbito da minimização dos impactes do empreendimento Alqueva (Gonçalves e Sousa, 2000), vieram ampliar o estado do conhecimento que, no caso de Xarez 12, irá contribuir decisivamente para o estudo do processo de neolitização do interior alentejano. Ambos os sítios estão implantados em zonas arenosas e próximas de importantes cursos de água. Em Pipas foram identificados dormentes, raros fragmentos cerâmicos, alguns com decoração impressa e plástica, indústria macrolítica e micro-utensilagem em sílex, nomeadamente, lamela de bordo abatido, micrólito geométrico e flecha transversal. Os trabalhos de prospecção realizados por Manuel Calado no Alentejo Central (Montemor-o-Novo e Évora) autorizaram a suposição de uma neolitização regional anterior à sugerida por João Zilhão (1992). A maioria dos vestígios do Neolítico antigo/médio desta região encontra-se, dadas as características geomorfológicas da área, em espaços onde se destacam grandes

afloramentos graníticos (Calado, 2001). De entre estes destaca-se a estação da Valada do Mato, em Évora, que tem sido objecto de escavações arqueológicas (Diniz e Calado, 1997; Diniz, 2001a e 2001b). A implantação de povoados do Neolítico antigo ou antigo evolucionado nas margens de importantes ribeiras, ocupando zonas abertas, sem condições naturais de defesa e em terrenos arenosos está presente no Sudoeste Alentejano, como Salema e Gaspeia (Silva e Soares, 1981:46).

Todos os povoados da região de Montargil enquadráveis no Neolítico antigo/médio apresentam implantações muito idênticas. Alminho 1 e Alminho 2 (5 e 6), localizam-se na base do maciço antigo de Montargil, em terrenos arenosos da faixa de argilas e grés do Paleogénico e Miocénico Inferior que separam o maciço do enchimento da bacia do Tejo. Actualmente estes solos, de classe de uso D, são considerados inaptos para utilização agrícola. No presente trabalho optou-se por considerar como Alminho 1 os sítios Alminho 4 e 5 da Carta Arqueológica de Ponte de Sor (PONTIS, 1999). Trata-se de uma extensa área onde os vestígios de povoamento surgem dispersos observando-se alguns núcleos onde a ocupação é mais evidente. O sítio cartografado corresponde à maior concentração de materiais e coincide com o local onde se encontram os monólitos que compunham o recinto megalítico do Alminho. Porém, os materiais arqueológicos do Alminho 1 estendem-se ao longo de suaves vertentes que formam uma paisagem de aspecto ondulante na base da encosta Sul da serra de Montargil. O inventário artefactual (Quadros 14-16 em anexo) é composto por vários elementos de mós manuais (moventes e dormentes) de dimensão média, indústria macrolítica em quartzito, raros fragmentos de paredes de recipientes em cerâmica, dois fragmentos de machados de pedra polida e indústria microlaminar maioritariamente em sílex (lamelas e material residual). O Alminho 2 localiza-se no topo de uma pequena elevação situada a sul do Alminho 1. Os materiais são mais escassos, registando-se a presença de cerâmica manual incaracterística, fragmentos de percutores, um geométrico e macro-utensilagem (Quadros 14, 17 em anexo). A proprietária do Monte do Alminho tem na sua posse algumas lamelas em sílex, vários núcleos em sílex para obtenção de lascas e lamelas e cerca de seis dezenas de moventes e dormentes. Estes materiais surgem um pouco por toda a zona do Alminho, apresentando áreas de maior concentração. Uma boa parte dos materiais em sílex foram recolhidos na área do Alminho 1 e os elementos de moagem aparecem em grande quantidade no Álamo (7), classificado como

de cronologia indeterminada devido à ausência de materiais de diagnóstico, mas, provavelmente, de uma fase mais avançada.

S. Martinho de Baixo 1 (15), Monte dos Irmãos 4 (12) e Bernardo 1 (8) localizam-se em depósitos de terraços, cujos solos estão classificados como aptos para a agricultura (classe B), ocupando zonas abertas e planas. Monte de Irmãos 4 e S. Martinho de Baixo 1 localizam-se na margem esquerda do Sor, os outros sítios encontram-se na margem direita, num corredor situado entre a ribeira e a serra de Montargil. No segundo destes sítios, a maioria dos materiais é composta por lascas em quartzito e apenas foi encontrado um fragmento de bordo (Quadros 12 e 18 em anexo) e 3 bojos de cerâmica manual. No Monte dos Irmão 4 registou-se a presença de uma cerâmica impressa, indústria lamelar em sílex, indústria macrolítica e um elemento de moagem dormente (Quadros 12 e 19 em anexo). S. Martinho de Baixo 1 e Monte dos Irmãos 4 são sítios muito afectados pelos trabalhos agrícolas especialmente pela plantação de arroz que se praticava nas margens do Sor e que pode, inclusive, ter provocado ligeiras alterações morfológicas do terreno. Como já foi referido em 8.1, a ocupação do Neolítico antigo do Bernardo 1 está atestada pela existência de flechas transversais.

Courelas 1 (23) é o único sítio do Neolítico antigo/médio situado na base do maciço antigo de Touris, apresentando uma implantação geográfica semelhante ao Alminho 1. Localiza-se numa vertente suave, em solos de argilas e grés do Paleogénico e Miocénico Inferior, em solos de classe de uso E que não são susceptíveis de utilização agrícola. Está próximo de uma linha de água que nasce no maciço de Touris e desagua na margem direita da ribeira do Sor. Os materiais são escassos, sendo de destacar a recolha de um fragmento de bojo com decoração plástica e impressa, material residual em sílex e um elemento de mó dormente (Quadro 12 e 20 em anexo).

Como tem vindo a ser referido todas as categorias artefactuais estão pouco representadas nestes sítios. Dadas as limitações da amostra, optou-se por não efectuar comparações percentuais e quantitativas. Em termos gerais, só se recolheram três artefactos de pedra polida em anfíbolito, dois fragmentos cerâmicos decorados, um bordo e vários bojos lisos. A micro-utensilagem lítica está presente em todos os sítios considerados, destacando-se a área envolvente ao Alminho 1, onde os proprietários têm recolhido muitos artefactos em sílex e quartzo: núcleos, lascas, lamelas, etc. É também de salientar que em

confirmar
Se feito
em figuras

todos estes sítios foram identificados elementos de mós m... nifica
necessariamente que estejam associados aos restantes mate... ez no
Alminho (e no Álamo) que surge a maior quantidade de... es que
apresentam dimensões médias ou pequenas. Verifica-se que é... ios que
aparecem as maiores concentrações de macro indústrias em qu... s, mas
também alguns seixos talhados.

pag. 88

8.4 O Neolítico final/Calcolítico: implantação e cultura material

A designação adoptada para este patamar cronológico-cultural, que se reconhece genérica, afigura-se a mais operante, uma vez que os vestígios de cultura material detectados não permitem distinguir entre ocupações do Neolítico final e do Calcolítico.

Os vestígios de povoamento integrados no Neolítico final/Calcolítico resumem-se a cinco povoados com espólios reduzidos e pouco expressivos (Mapas 5, 7, 9 em anexo). Esta situação condiciona o conhecimento da morfologia das ocupações, a atribuição de funcionalidades e o estabelecimento de comparações entre conteúdos artefactuais.

Ainda que em número reduzido, verifica-se que estes sítios apresentam diferentes formas de implantação no espaço. A diversidade de modalidades de povoamento, quer no Neolítico final, quer no Calcolítico, tem sido observada em diversas regiões do interior alentejano. Na área de Portel e da Vidigueira, Victor Gonçalves registou cinco módulos de povoamento que vão desde sítios de cumeada a sítios ribeirinhos (Gonçalves, 1989: 372). Também na região de Reguengos de Monsaraz se registam diferentes estratégias de estabelecimento dos povoados. Torre do Esporão 3 localiza-se numa área relativamente plana, enquanto que o Marco dos Albardeiros, sítio com semelhanças crono-culturais, foi implantado numa elevação alongada bem destacada na paisagem (Gonçalves e Sousa, 2001).

Dois dos sítios identificados apresentam um tipo de implantação que se pode considerar na tradição dos povoados atribuídos ao Neolítico antigo/médio, Bernardo I (8) e Monte do Cabeço 2 (14). Ao contrário do primeiro sítio, não é seguro que o Monte do Cabeço 2 tivesse sido ocupado durante o Neolítico antigo/médio apesar de alguns materiais

assim o sugerirem. Geologicamente, implantam-se em terrenos da mesma faixa de argilas e grés do Paleogénico e Miocénico Inferior. Os materiais do Monte do Cabeço 2 encontram-se em solos sem aptidão agrícola, numa vertente inclinada para Sul, nos dois lados da estrada de terra batida que liga Montargil ao Couço. No conjunto do espólio recolhido registam-se cerâmicas lisas de lábio plano e um fragmento com mamilo (Quadros 12, 21 em anexo). A indústria de pedra lascada inclui lamelas, lascas e lâminas robustas em sílex. Até ao momento, estão ausentes artefactos em pedra polida e elementos de moagem. Em ambos os sítios foi construído um monumento megalítico funerário. Apesar de não se dispor de dados contextualizados sobre a relação espaço-temporal entre os monumentos e os níveis de ocupação dos *habitats*, é possível colocar algumas hipóteses que serão desenvolvidas mais adiante (capítulo 11). No caso do Bernardo 1 trata-se de uma anta de planta poligonal que não conserva vestígios do corredor, ao passo que, a anta do Monte do Cabeço constitui uma pequena câmara alongada, fechada e que parece reaproveitar na sua estrutura, pelo menos, um menir.

Ainda no maciço antigo de Montargil, foram identificados vestígios de um provável povoado no ponto mais alto da região, a Guarita de Montargil (20). Trata-se de uma elevação bem destacada na paisagem, com um amplo domínio visual sobre a área envolvente, sobretudo no quadrante Este e Sul, de onde se pode observar, nos dias mais nítidos, até à Serra d'Ossa. O local apresenta boas condições naturais de defesa, excepto para o lado Oeste, mas não foram observados quaisquer vestígios de estruturas defensivas ou habitacionais. A quantidade de materiais recolhidos é bastante diminuta, resumindo-se a alguns fragmentos cerâmicos incharacterísticos, um pequeno fragmento carenado, um machado de pedra polida e uma ponta de seta de base recta em quartzo. O substrato geológico é formado por micaxistos com filões de anfíbolito, da Formação do Monte de Portugal. Os solos integram-se na grande mancha de Classe E que se estende por quase todo o maciço antigo e que actualmente é considerada inapta para utilização agrícola.

No maciço de Touris localizam-se os sítios que foram designados como Touris 1 (24) e Touris 2 (25). As áreas onde foram recolhidos os materiais formam pequenos esporões e a paisagem apresenta uma morfologia algo acidentada. Estão implantados em terrenos de granitos, sem aptidão agrícola, de classe E. Em Touris 1 os achados distribuem-se de forma descontínua por uma área relativamente vasta (Quadros 12, 13 e 22 em anexo).

Por vezes os núcleos de ocupação aparecem associados a afloramentos graníticos, os únicos na área em estudo. A concentração de vestígios junto de afloramentos é recorrente no Alentejo central, onde estes fazem parte da paisagem, como em Areias 15 (Reguengos de Monsaraz). No que se refere à cultura material, registam-se alguns vestígios de recipientes cerâmicos pertencentes maioritariamente a formas abertas. Destacam-se dois fragmentos de carenas, desconhecendo-se a morfologia dos recipientes, uma taça e um prato de bordos espessados, este de grande dimensão. Os instrumentos de pedra polida estão representados com cinco machados e três indeterminados, sendo a maioria das secções poligonais. A indústria de pedra lascada é composta por macro-utensilagem em quartzito, alguns produtos de debitagem, sobretudo lascas, em quartzo translúcido e uma lâmina em sílex. Foram identificados vários percutores e fragmentos de mós manuais, quer moventes, quer dormentes. Em Touris 2 foram recolhidos, um fragmento de machado de pedra polida, alguns percutores e fragmentos de cerâmica manual, entre os quais um bordo espessado de uma peça cuja forma foi impossível de determinar.

A nível da cultura material não é sensato efectuar comparações quantitativas, muito menos percentuais, uma vez que os espólios são extremamente diminutos e não têm representatividade estatística. Ao contrário do verificado no povoado do Calcolítico pleno/final da Serra 1, ainda não foram encontrados fragmentos de pesos de tear nestes sítios. Em contrapartida, estão presentes as carenas (Touris 1, Guarita de Montargil e Monte do Cabeço 2), os recipientes com mamilos (Monte do Cabeço e Bernardo 1) e um “ídolo de cornos” (Bernardo 1). Ainda no que se refere à cerâmica, a maioria dos recipientes pertencem a formas abertas, sobretudo taças, por vezes com o bordo ligeiramente espessado internamente. À excepção de um prato recolhido em Touris 1, os fragmentos a que foi possível calcular o diâmetro não pertencem a grandes recipientes abertos. Os espólios de Bernardo 1 e Touris 1 destacam-se pela quantidade de instrumentos de pedra polida e de elementos de moagem, principalmente no primeiro sítio. Em relação aos sítios do Neolítico antigo/médio assiste-se a uma rarefacção da quantidade da indústria de pedra lascada em sílex. Dentro das rochas obtidas localmente o quartzito foi maioritariamente utilizado na produção expedita de grandes lascas, por vezes retocadas, o quartzo, geralmente translúcido, foi utilizado no fabrico de utensílios como pontas de seta, lâminas e lamelas. Nas matérias-primas de proveniência supra-regional encontra-se o sílex,

presente em lamelas e em lâminas robustas características do Neolítico final/Calcolítico (Carvalho, 1998 b).

Apesar de existirem alguns povoados de altura, como Guarita de Montargil, Touris 1 e Touris 2, a defensabilidade não parece ter sido um factor prioritário na escolha dos lugares de *habitat*. Os povoados situam-se em áreas relativamente abertas, a morfologia das ocupações processa-se de forma dispersa e não há vestígios de dispositivos defensivos. A conjugação de vários aspectos permite supor que a estratégia de povoamento do espaço poderá ter resultado de dois factores principais: (1) a proximidade dos cursos de água mais importantes e dos terrenos mais aptos para a agricultura, no caso de Bernardo 1 e Monte do Cabeço 2 e (2) a exploração de matérias-primas, nomeadamente, o xisto, o granito e o anfíbolito, no caso dos três povoados citados no início do parágrafo.

As ocupações do Neolítico final/Calcolítico inicial da região de Montargil apresentam uma morfologia em alguns aspectos semelhante às da área limítrofe de Pavia, embora nesta região os dados de superfície permitam distinguir ocupações do Neolítico final e do Calcolítico inicial (Rocha, 1999). Os *habitats* não revelam preocupações defensivas, dispersam-se em áreas abertas e a nível da cultura material também é notória a raridade da cerâmica e abundância de elementos de mós manuais (Rocha, 1999: 78).

Tanto nos povoados de altura como nos da base da encosta existe um domínio visual que alcança a envolvente imediata, sobretudo os vales mais próximos.

8.5 Estratégias de ocupação do espaço

8.5.1 Topografia, acessibilidade e defensabilidade

A análise de alguns aspectos da morfologia da paisagem e dos recursos naturais mais evidentes, sugere a existência de diferentes estratégias de ocupação do espaço ao longo dos patamares cronológico-culturais considerados.

De um modo geral, os vestígios de povoamento encontram-se em várias formas de relevo, predominando os sítios localizados em vertentes, cabeços e patamares. Atendendo

apenas à implantação topográfica dos povoados, verifica-se que no Neolítico antigo/médio se encontram, por ordem decrescente, em vertentes, vales, patamares e cabeços situados em locais com comando pouco elevado. Por outro lado, no Neolítico final e Calcolítico não há indícios de *habitats* em vale, apenas se conhecendo um povoado implantado numa vertente e surgem povoados de altura situados em rechãs e em esporões.

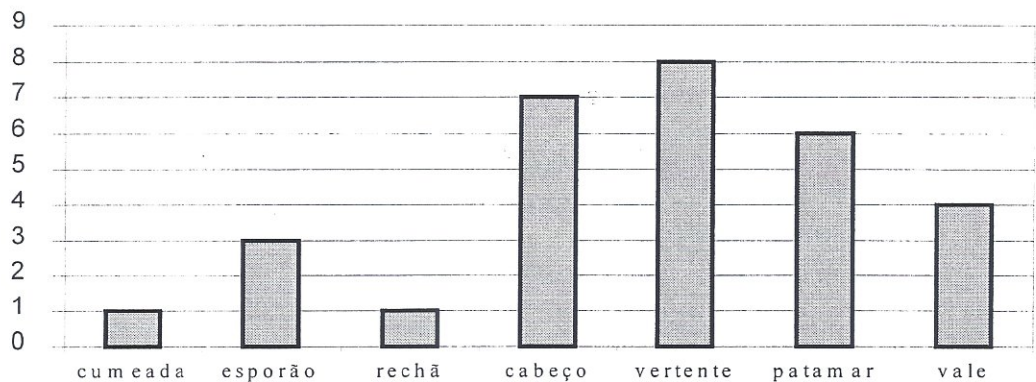


Gráfico 5: Distribuição dos vestígios de povoamento por forma de relevo

No que se refere à altitude (Quadro 1) constata-se que os povoados de cronologia mais antiga (os vestígios mesolíticos e os sítios do Neolítico antigo/médio) se situam a baixa altitude, entre os 50 e os 70 metros, à excepção de Courelas 1 com cota de 110 metros, mas ainda assim no sopé do maciço de Touris. No Neolítico final/Calcolítico e no Calcolítico pleno/final existem sítios implantados entre os 70 e os 90 metros, mas assiste-se à localização de povoados em altitudes elevadas, por volta dos 180 metros em Touris e dos 235 na Guarita de Montargil.

O relevo dos maciços antigos, soerguidos da bacia terciária do Tejo, constitui de certa forma um obstáculo à circulação, pelo que, algumas vias naturais de passagem parecem ter tido um carácter polarizador do povoamento pré-histórico. As principais vias naturais de circulação na área em estudo são: o vale da ribeira do Sor, as suaves elevações que contornam as bases dos maciços e as linhas de fecho da serra de Montargil e de Touris. É extremamente difícil atravessar a serra de Montargil no sentido longitudinal (Norte – Sul) fora dos 3 principais interflúvios que descem do topo até ao vale da ribeira e que

correspondem aos caminhos actuais. Um destes caminhos, que vem de Monte de Cavaleiros até ao Alminho, distingue-se pela quantidade de monumentos megalíticos aí localizados. O trajecto da serra no sentido Este – Oeste faz-se através de uma linha de festo que vai desde a actual povoação de Montargil até ao seu limite Oeste, próximo de Maltim e do Zambujeiro. Quase no início deste festo encontra-se o povoado da Guarita de Montargil. O povoado da Serra 1 localiza-se a meia encosta junto de um dos caminhos de atravessamento da serra. Os povoados do Neolítico antigo/médio situam-se em áreas baixas, planas e de fácil transitabilidade. O leito da ribeira do Sor é pouco profundo e é possível passá-lo a vau em alguns locais (confirmados na CMP de 1948 anterior à construção da albufeira de Montargil), fora das épocas de grande caudal, pensando-se que não constituiria um grande óbice à circulação. Bernardo 1, Bernardo 2 e Monte dos Irmãos 4 estão situados na proximidade destes lugares onde é possível atravessar a ribeira. A circulação por uma área de recursos mais vasta poderia ser feita com alguma facilidade ao longo das margens da ribeira do Sor e nos terrenos da bacia terciária do Tejo que formam nesta região extensas áreas aplanadas. Aliás, é no contexto de uma paisagem favorável à mobilidade dos grupos humanos que deve ser vista a presença de materiais mesolíticos no Bernardo 1.

A necessidade de defesa dos povoados (quer fosse da sua população, quer dos excedentes alimentares) não parece estar presente na estratégia de ocupação do espaço. Embora se verifiquem alguns povoados de altura (Touris 1, Touris 2 e Guarita de Montargil) com bom domínio visual da paisagem, constata-se que são sítios de acesso fácil, implantados em relevos com pouco comando, os vestígios das ocupações surgem dispersos e não há indícios de estruturas defensivas. À primeira vista, o maciço de Touris parece sugestivo para a localização de um povoado fortificado porque constitui um relevo bem destacado na paisagem, que, no limite Este, forma um esporão. Porém, a sua morfologia, extensão e acessibilidade revelam-se ineficazes em situações de eventuais “ataques”. A prospecção aí realizada detectou a presença de vários núcleos de ocupação distribuídos de forma dispersa e que provavelmente estão relacionados com a existência de rochas duras enquanto fontes de matéria-prima.

8.5.2 Os recursos naturais: geologia, solos e hidrografia

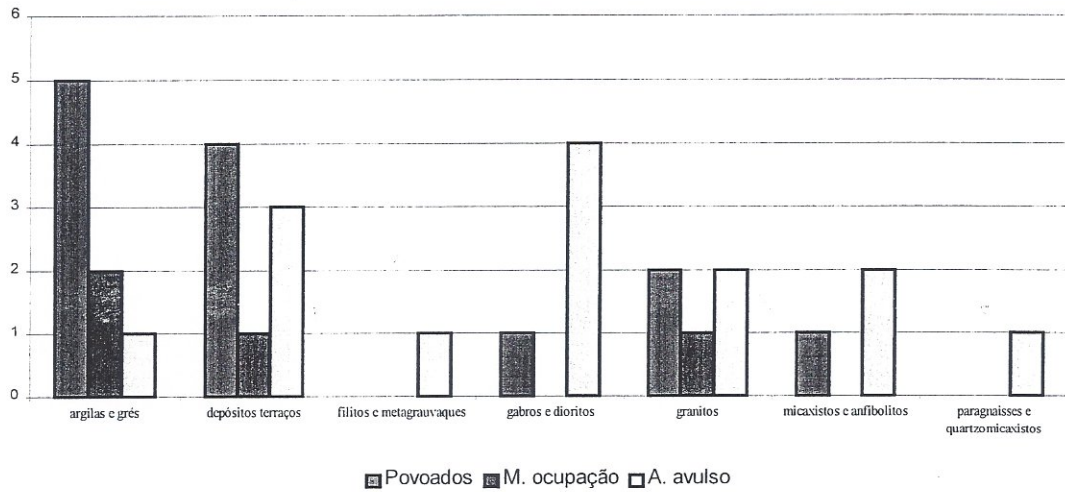


Gráfico 6: Distribuição dos vestígios de povoamento de acordo com a geologia

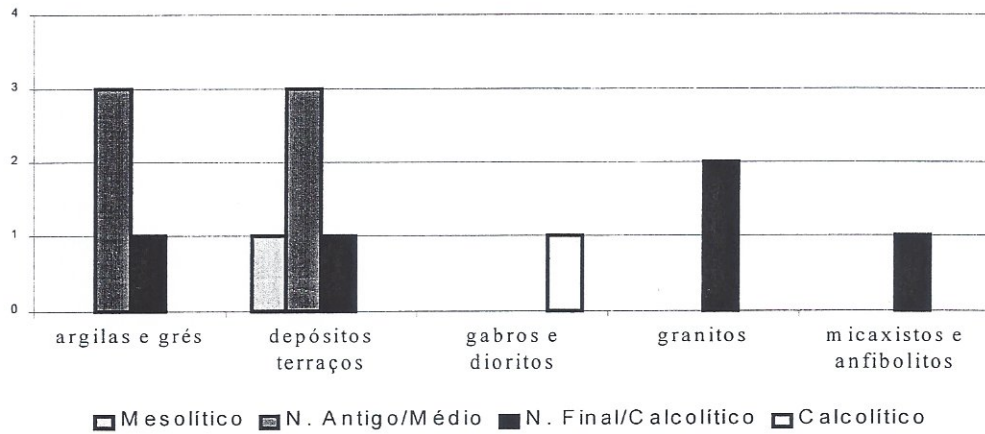


Gráfico 7: Distribuição crono-cultural dos povoados de acordo com a geologia

O cruzamento da informação dos dois gráficos permite fazer algumas observações quanto à geologia dos terrenos onde se localizam os vestígios do povoamento. Verifica-se que os povoados estão implantados principalmente em terrenos de argilas e grés e em

depósitos de terraços. Os vestígios do Mesolítico e do Neolítico antigo/médio localizam-se exclusivamente nestes solos, ao passo que no Neolítico final/Calcolítico e no Calcolítico pleno/final são ocupados terrenos do maciço antigo (granitos, gabros e dioritos, micaxistos e anfibólitos). Na área em questão estão cartografados dois tipos de argilas e grés. As mais recentes, datadas do Miocénico e do Pliocénico Inferior, constituem a grande mancha litológica que envolve os maciços antigos e correspondem á superfície culminante de enchimento da bacia do Tejo. Do Paleogénico e do Miocénico Inferior existem faixas, mais ou menos estreitas, de argilas e grés com níveis carbonatados que contornam o sopé dos socos do substrato hercínico e que foram expostas devido á erosão das de época mais recente. É nestes terrenos que se localizam os sítios arqueológicos identificados. O aparente vazio de povoamento na bacia terciária do Tejo (Calado, 2001: 111) também ocorre na região de Montargil. Não foram identificados vestígios de povoamento na grande mancha de terrenos terciários que envolve os socos de maciço antigo e as faixas de argilas e grés acima referidas. Fora destes núcleos de povoamento (Touris e Montargil) foram identificados achados avulsos e manchas de ocupação como Carvalhoso 2, Montalvo 1 e Mocho Novo 2, mas ainda assim, localizados em depósitos de terraços nas margens da ribeira do Sor. Nos conteúdos artefactuais destes sítios predominam as indústrias macrolíticas em quartzito que, na região, surgem em 3 contextos distintos: como achados avulso; formando extensas manchas de ocupação onde unicamente aparecem objectos macrolíticos ou muito pontualmente surgem percutores e pedra polida; e associados a locais de habitat como em Bernardo 1 e em Touris 1 (Boto e Valente, 1999). A maioria destas indústrias é composta por lascas de descorticamento, por vezes retocadas, seixos talhados e alguns núcleos.

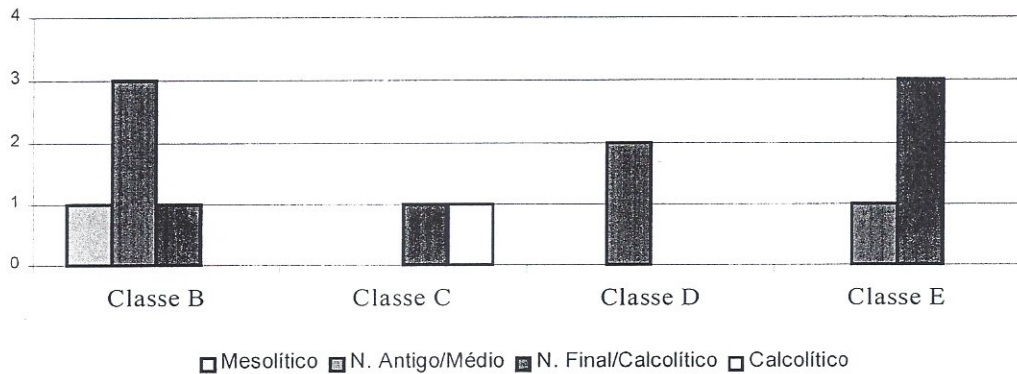


Gráfico 8: Distribuição crono-cultural dos povoados de acordo com as classe de capacidade de uso

A capacidade de uso dos solos é avaliada de acordo com a actual utilização agrícola e florestal, mas que auxilia na tentativa de conhecimento da ocupação do território durante a Pré-história. Como só uma minoria de sítios se localiza em terrenos compostos por mais de uma Classe e, de modo a simplificar a informação, foram consideradas as grandes Classes, segundo a seguinte fórmula: A (A+B, C, D e E).

Quando comparadas as implantações dos povoados, constata-se que, do Neolítico antigo/médio para o Neolítico final/Calcolítico e Calcolítico pleno/final existe uma crescente ocupação de solos de Classe E, considerados inadequados para a agricultura. Este aspecto está intimamente relacionado com o substrato geológico e a geomorfologia da região. O maciço de Touris e praticamente toda a serra de Montargil são constituídos, nas zonas de maior altitude, por micaxistos, gabros e dioritos, anfíbolitos e granitos, onde os solos são quase exclusivamente de Classe E.

Certamente que as primeiras comunidades neolíticas exploravam as matérias-primas e produtos alimentares fornecidos pela Serra. Porém, por motivos que se supõe vários, de ordem tecnológica, demográfica e/ou relacionados com a economia de subsistência, os indícios de *habitats* encontram-se circunscritos a uma determinada zona. Localizam-se em áreas abertas, a altitudes mais baixas, em terrenos pouco pesados, mais arenosos e com alguma capacidade agrícola, podendo, eventualmente, as actividades agrícolas terem sido praticadas junto das áreas de *habitat*. Por oposição, o povoamento do Neolítico final/Calcolítico parece ter feito um uso mais intensivo e extensivo do ecossistema, provavelmente devido a uma maior capacidade técnica, a uma crescente necessidade de

exploração de determinadas matérias-primas e de produção de alimentos. A serra de Montargil e o maciço de Touris seriam certamente atractivos devido à presença de rochas como o anfibolito e o xisto mas, em contrapartida, limitadas do ponto de vista da aptidão agrícola pois a grande maioria dos solos é de Classe E. As manchas das Classes B e C, estão presentes em pequenas áreas próximas do monte da Anta, do monte do Bernardo e de Besteiros. A maior mancha de solos de classe B encontra-se nas margens do Sor, todavia, aqui os terrenos são constituídos por cascalheiras, o que os torna relativamente difíceis de trabalhar sem os meios mais adequados, o que poderá ter sido uma limitação à actividade agrícola. Apesar de se tratar de terrenos muito pesados para uma agricultura rudimentar é interessante verificar que a única pequena área de solos de Classe A se situa próximo do povoado do Calcolítico pleno/final da Serra 1. Apesar de implantados em solos pouco aptos para a agricultura existiam nas imediações dos povoados solos mais favoráveis. É provável que tenha sido praticada alguma agricultura em terrenos de Classe E a ver pela presença de grandes dormentes de mós manuais que se encontram dispersos na Serra.

Na região de Montargil verifica-se que a totalidade dos sítios atribuíveis ao Neolítico antigo/médio se situam próximo dos principais cursos de água. Junto da ribeira do Sor no caso dos sítios da área do maciço de Montargil (Alminho 1, Alminho 2, Bernardo 1, S. Martinho de Baixo 1 e Monte de Irmãos 4) e junto de um afluente daquela ribeira no caso de Courelas 1 na área do maciço de Touris. No Neolítico final/Calcolítico inicial parece haver uma relativização da importância da proximidade da água, eventualmente devido à presença de outros recursos. Continuam a existir sítios próximos da ribeira, no entanto, observa-se que são ocupadas áreas menos irrigadas situadas a maior altitude. Pelo facto de esta região apresentar uma rede hidrográfica relativamente complexa, supõe-se que a localização em função da ribeira não tenha apenas a ver com os recursos hídricos mas também, com a fertilidade dos solos do vale.

Apesar de só existirem provas directas de domesticação no povoado da Serra 1 é possível supor a prática de actividades pastoris desde as primeiras ocupações neolíticas. As características naturais da paisagem, onde estão presentes a serra e os vales, podem ter oferecido condições favoráveis para a pastorícia.

A região de Montargil não teria interesse do ponto de vista da metalurgia do cobre, uma vez que não parece existirem recursos cupríferos.

9. Megalitismo não funerário

9.1 O recinto megalítico do Alminho

Na área em estudo é conhecido um recinto megalítico, referido pela primeira vez pelos autores da Carta Geológica de Montargil, o cromeleque do Alminho (Zbyzewski e Carvalhosa, 1984).

O recinto do Alminho (32) foi erguido próximo do topo de uma vertente suave situada no sopé da serra de Montargil, voltada a sul na direcção da ribeira do Sor. A implantação no topo de ligeiras elevações, geralmente expostas a nascente, é comum em monumentos das regiões de Pavia (Rocha, 1999) e Montemor-Évora como nos recintos dos Almendres, de Vale Maria do Meio e do Tojal (Calado e Sarantopoulos, 1996, Calado, 1997, no prelo b; Gomes, 1997). Está implantado em terrenos de argilas e grés do Paleogénico e Miocénico Inferior que definem uma paisagem formada por uma sucessão de elevações de declive suave, da qual estão ausentes os afloramentos rochosos. Este aspecto difere do observado para a região de Montemor-Évora, onde os recintos estão implantados em terrenos de gnaisses ou detríticos, mas nas imediações de afloramentos naturais (Calado, 1997, 2001a e 2001b).

Desconhece-se a planta do recinto porque os menires foram deslocados da sua posição original, que se presume próxima da actual, fracturados e agrupados da forma como hoje se encontram. Dada a sua implantação, deveria estar orientado para Sul ou para nascente. É possível aferir um número mínimo de 5 menires cuja morfologia se encontra na categoria dos monólitos arredondados ou ovóides, de pequenas ou médias dimensões, com paralelos em alguns recintos de Pavia, como Monte das Figueiras e alguns das Fontaínhas (Rocha, 1999 a: 91; 1999 b: 70). O menir maior encontra-se fracturado em dois e tinha originalmente cerca de 2,5 m de comprimento e 1,10 m de diâmetro.

Um dos menires apresenta uma face aplanada onde foram gravadas 8 covinhas. Estes elementos são frequentes em monólitos de outros recintos, como nos Almendres e Portela de Mogos (Évora) e em menires isolados como o do Tojal (Montemor-o-Novo). São

gravações de cronologia e significado incertos que também ocorrem em afloramentos naturais e em monumentos megalíticos funerários. Georg Leisner, a propósito destes últimos, interpretou-as como sendo o resultado da extração de pó de uma pedra que seria sagrada. No caso do menir do Tojal e noutros como Vale de Cardos e menir grande dos Perdigões, as covinhas devem ter sido feitas já com o monólito tombado porque se encontram apenas na superfície exposta. (Calado, no prelo b).

Dos três grandes conjuntos definidos por Manuel Calado (no prelo a), Évora-Montemor, Pavia e Reguengos de Monsaraz, é nos dois primeiros que o recinto do Alminho encontra mais paralelos, quer pela morfologia, quer pela semelhança dos contextos arqueológicos em que surgem.

Os trabalhos desenvolvidos por Manuel Calado e por Mário Varela Gomes (Calado, 1990, 1993, 1997, 2001a; Gomes, 1994 e 1997), têm refutado a tradicional atribuição cronológica dos menires ao Neolítico final, associados ao apogeu da construção das grandes antas. A conjugação de vários aspectos sugere que a construção, pelo menos de alguns monumentos, tenha ocorrido no Neolítico antigo e no Neolítico médio. As datações C14 obtidas para alguns menires, entre os quais o menir da Meada que aponta para o 1º quartel do 5º milénio a.C. (Gomes, 1994 e Oliveira, 1996), mas que têm sido analisadas com muitas reservas devido ao seu contexto de recolha; a presença recorrente de vários núcleos de *habitat* do Neolítico antigo/médio nos arredores dos recintos megalíticos da região de Montemor-Évora, como em Vale Maria do Meio (Calado e Sarantopoulos, 1996; Calado, 2000b), Almendres e Tojal (Calado, no prelo b); o espólio recolhido nas escavações de menires isolados e de recintos megalíticos é parco, o que dificulta a atribuição cultural e cronológica, mas a sua componente microlaminar em sílex aponta para a presença de grupos genericamente enquadráveis no Neolítico antigo/médio (Calado, 2001b).

A análise do contexto arqueológico regional em que se integram os monumentos, levou Manuel Calado a associar o megalitismo menírico ao processo de neolitização do Alentejo interior, como sendo um dos seus elementos integrantes, tal como a cerâmica, a pedra polida, a pastorícia e a agricultura. Este fenómeno assume uma especial dimensão nos arredores de Évora onde se concentra o maior número de menires e recintos do Alentejo e onde têm sido identificados vários locais de *habitat* com materiais

característicos do Neolítico antigo, tais como cerâmicas impressas e incisadas e indústrias microlaminares compostas por segmentos e pontas de flecha transversais (Calado, no prelo a). A não identificação de sítios do Neolítico antigo na região de Pavia colocou os pequenos recintos e alinhamentos aí encontrados numa fase mais recente do Neolítico, provavelmente no Neolítico médio (Rocha e Calado, 1996).

O contexto arqueológico em que se situa o recinto do Alminho merece alguns comentários (Mapas 3 e 10). Na área do Alminho estão identificados dois monumentos megalíticos funerários, anta 1 e 2 do Alminho (69 e 70 respectivamente) e vestígios de *habitats*, Alminho 1, Alminho 2 (Mapa 3). Os vestígios arqueológicos do Alminho 1 estão dispersos por uma área relativamente vasta onde se detectam algumas concentrações de materiais. A maior concentração está próxima dos menires prolongando-se pela mesma vertente onde estes se implantavam. O conjunto artefactual é composto por uma indústria lítica de feição microlaminar em sílex, cerâmica manual lisa e de morfologia indeterminada, poucos instrumentos de pedra polida e um número significativo de elementos de moagem. Não foram detectados materiais claramente atribuíveis ao Neolítico antigo nem ao Neolítico final/Calcolítico. Partindo do pressuposto que os recintos megalíticos são locais simbólicos onde não existiriam actividades domésticas (Calado, 2000 b) não faz sentido supor uma utilização simultânea do mesmo espaço como santuário e como local de *habitat*. Na esteira do que defende Manuel Calado (Op. Cit.: 180), pode tratar-se da reocupação subsequente de um espaço anteriormente sagrado, pelo que terá de aceitar-se uma cronologia anterior para a construção do recinto do Alminho. Desta forma, o recinto megalítico poderá ter sido erguido no Neolítico antigo evolucionado (que está representado na região no Bernardo 1), ou na transição para o Neolítico médio, num momento posterior do Neolítico médio, o mesmo espaço terá sido reocupado com função habitacional.

As antas 1 e 2 do Alminho (Cruz, 1986) encontram-se em mau estado de conservação e desconhece-se o seu conteúdo artefactual. Parece tratar-se de pequenos monumentos já de planta poligonal sem vestígios de corredor de acesso. Estas limitações não permitem discutir as eventuais relações culturais e cronológicas com os *habitats* e com o recinto megalítico.

Outro argumento a favor da provável antiguidade do recinto do Alminho é a reutilização de um menir na estrutura da anta do Monte do Cabeço, um monumento funerário de câmara alongada e fechada. Alguns dados do sul de Portugal, com paralelos em outras regiões da Europa atlântica, revelam a antiguidade das pequenas câmaras “protomegalíticas” em relação aos monumentos de corredor (Cardoso, et. al., 2000; Calado, 1995, no prelo b; Rocha, 1999 b; Silva, 2000). No caso em estudo não é possível relacionar directamente o menir do Monte do Cabeço ao monumento do Alminho, ao contrário do que sucede no recinto do Torrão em Elvas, onde parece evidente a proveniência dos menires utilizados na construção das sepulturas. A reutilização de menires na construção destas pequenas sepulturas reforça a hipótese da antiguidade do megalitismo menírico em relação ao megalitismo funerário no Alentejo Central (Calado, 2000 a, 2000 b, no prelo b; Gomes, 1994).

Apesar da região de Montargil apresentar uma localização periférica em relação ao grande núcleo central que parece ser Montemor-Évora, os paralelos cronológico-culturais e morfológicos estabelecem-se necessariamente com esta região e com a área de Pavia. Porém, as diferenças de quantidade de vestígios de cultura material, de número de sítios de *habitat*, de menires e de recintos megalíticos em relação aos arredores de Évora são enormes.

10. Megalitismo funerário: a amostra disponível

A primeira característica que sobressai do núcleo megalítico de Montargil é a reduzida dimensão dos monumentos quando comparados com outras regiões do Alentejo central, inclusive com a área limítrofe de Pavia.

A matéria-prima bastante diversificada revela a utilização das rochas localmente disponíveis, prevalecendo o gnaiss e o micaxisto sobre o granito, menos frequente. A dimensão dos monumentos poderá ter sido condicionada pelas características geológicas da região, uma vez que os afloramentos rochosos são escassos e pouco volumosos, ou, eventualmente, por outro tipo de limitações.

De um modo geral, os monumentos megalíticos funerários de Montargil encontram-se muito destruídos. De um total de 42 monumentos de que há notícia, conservam-se apenas 26, dos quais metade se encontra em mau estado de conservação. As câmaras raramente preservam o número original de esteios e poucas vezes é possível fazer uma medição aproximada dos diâmetros. Apenas se registaram cinco monumentos com chapéu. Os corredores estão geralmente muito afectados ou completamente destruídos, em nenhum exemplar foram identificadas tampas do corredor e os dados sobre as dimensões (largura e comprimento) revelam-se pouco fiáveis. Já no final dos anos 40 Georg e Vera Leisner tiveram dificuldade em aferir as dimensões dos corredores. O cruzamento das descrições destes autores (Leisner e Leisner, 1953) com os dados de campo permitiu registar a existência de doze antas com corredor, das quais só já existem oito. Estas situações dificultam seriamente a leitura dos descritores definidos no início deste trabalho, sobretudo os que se relacionam com a arquitectura dos monumentos e as suas orientações.

No conjunto dos monumentos alguns merecem especial destaque por motivos diversos. A anta 1 de Cavaleiros, um monumento de planta poligonal e corredor, o único que continha um conjunto artefactual significativo (Vasconcellos, 1910); a anta do Monte do Cabeço, uma sepultura de planta alongada cuja escavação forneceu uma "matriz" em cobre (Leisner, 1953); a anta 3 do Zambujeiro, que apesar de não se saber exactamente a que monumento corresponde forneceu alguns dados de natureza osteológica (Duarte,

2002); a anta da Matanga que em 1999 foi parcialmente destruída e alvo de uma sondagem de emergência (Canavilhas e Deus, 2000).

N.º	Designação	X	Y	Alt.	Conserv.	Câmara
33	1 de Chão Frio	57003	432303	86	Destruída	Poligonal
34	2 de Chão Frio	57024	432290	76	Reduzida	Indeterminada
35	Monte do Cabeço	56970	432281	92	Elevada	Alongada
36	Bernardo	56871	432262	70	Media	Poligonal
37	1 de Besteiros	56751	432503	199	Reduzida	Alongada
38	2 de Besteiros	56753	432482	190	Reduzida	Indeterminada
39	3 de Besteiros	56750	432433	180	Reduzida	Indeterminada
40	1 de Cavaleiros	56703	432570	223	Media	Poligonal
41	2 de Cavaleiros	56750	432584	202	Reduzida	Poligonal
42	1 de Portugal	56690	432533	210	Destruída	Alongada
43	2 de Portugal	56703	432552	216	Media	Indeterminada
44	3 de Portugal	56680	432542	187	Media	Poligonal
45	4 de Portugal	56701	432490	200	Destruída	Poligonal
46	5 de Portugal	56690	432504	201		Mamoas
47	6 de Portugal	56683	432500	201		Mamoas
48	7 de Portugal	56680	432453	202	Media	Poligonal
49	8 de Portugal	56703	432410	175	Destruída	Indeterminada
50	10 de Portugal	56650	432354	96	Destruída	Alongada
51	1 do Zambujal	56703	432392	168	Reduzida	Alongada
52	2 do Zambujal	56694	432371	145	Media	Poligonal
53	3 do Zambujal	56684	432350	110	destruída	Poligonal
54	1 de Santo André	56660	432323	105	destruída	Indeterminada
55	2 de Santo André	56531	432374	124	Media	Poligonal
56	3 de Santo André	56510	432380	114	Reduzida	Indeterminada
57	1 do Zambujeiro	56324	432372	82	Media	Poligonal
58	2 do Zambujeiro	56313	432373	88	Reduzida	Indeterminada
59	3 do Zambujeiro	56290	432463	116	Reduzida	Poligonal
60	4 do Zambujeiro	56290	432473	119	Media	Poligonal
61	1 das Charnequinhas	56962	432620	185	Media	Poligonal
62	2 das Charnequinhas	56960	432625	189	Reduzida	Indeterminada
63	Pedra Furada	57030	432624	197	destruída	Poligonal
64	Matanga	57070	432483	187	Media	Poligonal
65	Courelas 2	57290	433000	180		Mamoas
66	Courelas	57381	432981	116	Media	Poligonal
67	Sepultura de Touris	57310	433022	200	Destruída	Alongada
68	Guarita de Montargil	57004	432563	235	Reduzida	Indeterminada
69	1 do Alminho	56820	432292	80	Reduzida	Indeterminada
70	2 do Alminho	56812	432270	75	Reduzida	Indeterminada
s.n.	1 de Monte de Irmãos				Destruída	Indeterminada
s.n.	2 de Monte de Irmãos				Destruída	Indeterminada
s.n.	Herdade da Anta				Destruída	Indeterminada
s.n.	9 de Portugal				Destruída	Alongada

Quadro 18: Listagem dos monumentos megalíticos funerários da região de Montargil. Inclui os monumentos identificados, os que embora destruídos se conhece a sua localização e os de localização desconhecida (s.n.). A numeração corresponde ao número de sítio apresentado na cartografia.

10.1 A arquitectura dos monumentos

Os monumentos megalíticos funerários da região de Montargil podem enquadrar-se em dois grupos principais, já distinguidos por Georg e Vera Leisner (1953): um caracterizado por pequenas sepulturas de planta alongada, baixas e sem corredor e outro formado por antas com câmara maior, mais ou menos poligonal e com corredor de acesso (Mapas 3 e 10 em anexo). Sempre que não foi possível observar a planta da anta, recorreu-se às descrições publicadas anteriormente, quando disponíveis. O gráfico 9 salienta a fragilidade dos dados, pois de um total de 42 antas (38 cartografadas) não é possível, por motivos vários, determinar a morfologia de 18 monumentos (43%). Dos restantes, 17 correspondem a antas de câmara poligonal com corredor de acesso (40%), algumas já destruídas, e 7 incluem-se nas câmaras de planta alongada (17%), das quais se conhece a localização de 6, estando 3 delas destruídas.

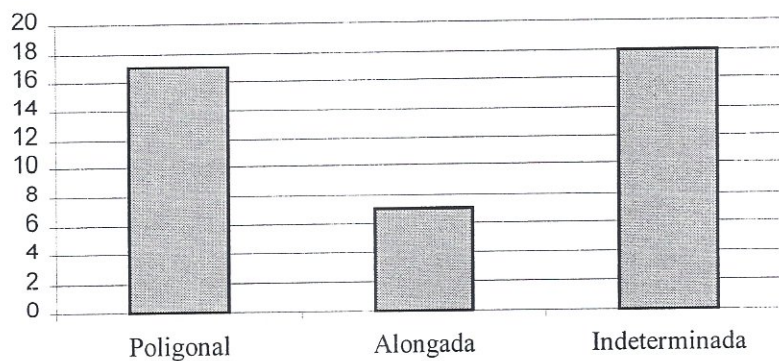


Gráfico 9: Distribuição dos monumentos megalíticos funerários de acordo com a planta

O generalizado mau estado de conservação dos monumentos impediu a análise mais pormenorizada e comparativa da sua arquitectura. As presentes observações foram em boa

parte apoiadas pelos únicos registos gráficos disponíveis elaborados por Georg e Vera Leisner.

No conjunto das câmaras de planta poligonal, o número de esteios preservados varia entre os dois e os nove, sendo impossível na maioria dos exemplares aferir o número original de ortóstatos. Aparentemente, parecem estar melhor representados os monumentos cujas câmaras foram originalmente construídas com sete esteios. Apenas a anta 1 das Charnequinhas se pode considerar um grande monumento. Apresenta 2, 60 m de altura, a câmara tem cerca de 3, 5 de diâmetro, no sentido Norte – Sul, e o corredor 3, 90 m de comprimento. Porém, não conserva o esteio de cabeceira, nem o chapéu. Os restantes monumentos apresentam alturas muitas vezes inferiores a um metro e raramente ultrapassam metro e meio.

As sepulturas de planta alongada são monumentos baixos e sem corredor. O grau de destruição não permite verificar se originalmente eram câmaras abertas ou fechadas. Apresentam dimensões que variam entre 1,70 m. e 2, 80 m. de comprimento e as larguras entre os 0,80 m. e o 1,30 m.. As alturas dos monumentos situam-se entre os 0,30 m e os 0,80 m, medidos em função do solo actual. São construídas com esteios de xisto ou blocos de gnaise, cujo número original pode estar entre 7 e 9, reforçados com pedras e cunhas. Neste conjunto a anta 1 de Portugal (42) apresenta uma planta peculiar. Era formada por uma câmara, um corredor intermédio e um átrio, que os Leisner (1953) incluíram no mesmo tipo arquitectónico da anta 3 da Comenda em Reguengos de Monsaraz.

Foi registada a presença de covinhas em três monumentos funerários. Nos casos da anta da Matanga e da Anta do Bernardo, as covinhas surgem nos chapéus onde se observaram 43 e 4 respectivamente. Na anta 2 do Zambujal as covinhas foram gravadas no topo aplanado de um pequeno monólito que se encontra no espaço do *tumulus*. A localização das “covinhas” sugere que possam ter sido gravadas numa altura em que os monumentos já estavam expostos devido ao desgaste das estruturas tumulares. Porém, a questão é certamente mais complexa uma vez que existem casos que demonstram claramente que as “covinhas” foram gravadas antes da colocação dos esteios nos alvéolos, tal como é referido por Victor Gonçalves (1992) a propósito da anta 2 do Olival da Pega (sendo de realçar o carácter tardio dos esteios em relação ao corredor do monumento). Aliás, a localização do monólito em relação à anta 2 do Zambujal indicia uma de duas

hipóteses: ou as covinhas foram feitas num bloco que foi integrado na estrutura tumular ou foram gravadas numa altura em que praticamente já não existiam vestígios do *tumulus*.

Na esteira dos trabalhos desenvolvidos por Manuel Heleno em monumentos da região de Montemor-o-Novo, Georg e Vera Leisner identificaram duas *facies* arquitectónicas no conjunto das antas de Montargil, que correspondem aos dois tipos aqui considerados. Defendem uma maior antiguidade dos pequenos monumentos de câmara alongada e a sua evolução para monumentos de câmara poligonal, admitindo a fragilidade da hipótese, dada a falta de cronologias absolutas. Com base na escavação da anta 1 de Portugal (Fig. 36 em anexo) associam estas pequenas construções alongadas ao machado de secção cilíndrica, aspecto que encontraria paralelos nas antas do Poço da Gateira em Reguengos de Monsaraz (Gonçalves, 1992). Porém, os dados de Montargil são extremamente frágeis devido à escassez de espólio. Os próprios autores da escavação descrevem, a propósito do monumento 1 de Portugal, que “Na superfície actual do sector central, encontrou-se um machado se secção oval, ficado ali na pilhagem da anta.” (Leisner e Leisner, 1953: 241). Todas as outras sepulturas por si escavadas já haviam sido totalmente pilhadas, à excepção da anta do Monte do Cabeço, cuja interpretação coloca outra problemática, a da provável reutilização.

A hipótese da maior antiguidade das pequenas câmara megalíticas em relação às antas de corredor tem vindo a ganhar forma, ainda que continuem a faltar datações radiométricas e existam poucos indícios estratigráficos em território hoje português. Atribuídas a um momento, designado por alguns autores como proto-megalítico (Soares e Silva, 2000), estas sepulturas marcariam a primeira fase de emergência do fenómeno. São, regra geral, cistas de pequenas dimensões, fechadas, ou não, de planta ovalada, parcialmente escavadas na rocha, delimitadas por blocos e/ou pequenos esteios, sob estrutura tumular e supostamente destinadas a um enterramento. Para além dos monumentos escavados por Manuel Heleno, sobre os quais pouco se conhece, o exemplo clássico das sepulturas proto-megalíticas é muito provavelmente a do Marco Branco, situada nos contrafortes da serra de Grândola (Silva e Soares, 1983). No entanto, nos últimos anos têm sido desenvolvidos trabalhos arqueológicos em outros monumentos como a sepultura n.º 2 do Cabeço do Torrão em Elvas e o monumento 6 do Couto da Espanhola, em Idanha-a-Nova (Cardoso, et al., 2000). A estratigrafia deste sítio demonstrou que na estrutura tumular de um

monumento de planta ovalada foi construída uma sepultura cistóide que afectou parcialmente a câmara primitiva. O espólio da última fase de ocupação, que pode ser atribuído ao Neolítico médio, apresenta a associação machado e enxó detectada em monumentos de corredor da região de Reguengos de Monsaraz e recipientes lisos (Gonçalves, 1992; Soares e Silva, 2000: 127). O espólio dos monumentos fechados e de planta ovalada é caracterizado pela presença de lamelas e geométricos em sílex e instrumentos de pedra polida, estando a cerâmica e alguns líticos eventualmente associados ao ritual funerário de colocação de terras do povoado na construção da mamoa (Soares e Silva, 2000). Em termos crono-culturais, Joaquina Soares e Carlos Tavares da Silva (*op. cit.*) defendem que as primeiras sepulturas proto-megalíticas terão sido construídas por populações do Neolítico antigo evoluído ou na transição para o Neolítico médio. Estas populações estão presentes em *habitats* como a Salema (Silva, 1987), Pipas em Reguengos de Monsaraz (Soares e Silva, 1992) e outros que se começam a conhecer no Alentejo central (Calado, 1995; Calado e Sarantopoulos, 1996).

Na bacia hidrográfica do Sever, Jorge Oliveira (1997 e 2000) identificou dois grupos megalíticos com diferenças a nível da matéria-prima utilizada nas construções (granito e xisto) e dos respectivos espólios. A arquitectura dos pequenos monumentos em xisto parece ter algumas semelhanças com as pequenas sepulturas alongadas, porém, segundo este investigador, as diferenças arquitectónicas e de conteúdo artefactual resultam das características da matéria-prima e do ambiente sócio-económico de cada um dos grupos.

A arquitectura da anta do Monte do Cabeço (35), em Montargil, pode enquadrar-se no grupo das sepulturas de planta ovalada, sem corredor de acesso, “proto-megalíticas” (Fig. 36 em anexo). Sobre alguns esteios do lado Sul encontra-se um monólito que, sem grandes reservas, se pode considerar um menir. O monumento foi escavado por Georg Leisner, Vera Leisner e Octávio da Veiga Ferreira e o espólio resume-se a uma “matriz em cobre” com 2,8x1 cm de diâmetro na chapa, com 5 filas longitudinais e 13 transversais de saliências rectangulares irregulares. O cabo de secção rectangular apresenta 1,2 cm de comprimento. Os autores da escavação consideram que a matriz é calcolítica. Interpretam a percentagem de arsénio, revelada pela análise espectrográfica, como fazendo parte do cobre usado como matéria-prima, proveniente provavelmente de jazigos cupríferos da região de Évora que apresentam, por vezes, minerais como, pirite de ferro, calcopirite e arsenopirite

(Leisner e Leisner, 1953: 252). Face à problemática da relação deste objecto com o monumento de cariz “primitivo”, e partindo das premissas de que a câmara estava intacta e que a “matriz” é calcolítica, Georg e Vera Leisner colocam a seguinte hipótese: a câmara foi construída no Calcolítico; terá havido uma inumação não remexida mas da qual não existem restos humanos devido à natureza destrutiva do terreno; a matriz não terá sido a única dádiva funerária, mas sim, um objecto perdido aquando da deposição do cadáver. Algumas questões se colocam a esta interpretação. De facto, a “matriz” pode ser calcolítica, mas não poderá também ser posterior? inclusive da Idade do Ferro, época em que faria algum sentido a sua utilização na decoração de recipientes estampilhados? Porque é que as características dos solos destruíram os restos osteológicos e não agiram sobre o objecto em cobre? De momento, coloca-se outra hipótese, a de o monumento pertencer a uma construção “proto-megalítica” reutilizada em época ainda não determinada com segurança. O conteúdo artefactual da sua primeira utilização, eventualmente escasso, poderá ter sido totalmente removido o que contribuiria para a aparente imagem da câmara estar intacta. A possibilidade de esclarecer esta situação talvez passe pela escavação da estrutura tumular que, para além de bem conservada, apresenta vários materiais arqueológicos, entre os quais indústria lítica em sílex de feição microlaminar. À superfície é difícil distinguir os materiais que poderão ter sido incorporados na mamoa, dos vestígios de um sítio de *habitat* identificado no mesmo espaço.

A anta da Matanga é um monumento de câmara poligonal, composta primitivamente por 8 ou 9 esteios, dos quais 5 se encontram *in situ* e muito inclinados para o interior. Apesar de existirem indícios do corredor não é possível observar a sua orientação. No chapéu do monumento foram gravadas 43 covinhas.

Este era, até há pouco tempo, o monumento megalítico melhor conservado na região de Montargil. Em 1999, parte da estrutura tumular, da câmara e provavelmente do corredor foram destruídos devido a trabalhos de terraplanagem para construção de uma moradia. Com o objectivo de evitar que os níveis arqueológicos postos a descoberto desmoronassem com as chuvas, foi realizada uma pequena sondagem arqueológica ao longo do corte, com cerca de 1 metro de largura e 7 metros de comprimento. Não foi intervencionada a área que corresponde ao interior da câmara e que já foi escavada por desconhecidos (Leisner, 1953). A potência estratigráfica é muito fraca e não foram detectados níveis arqueológicos

conservados. Foram recuperados escassos materiais líticos e cerâmicos, exumados na camada superficial e genericamente atribuíveis ao Neolítico final/Calcolítico (Fig. 34 e 35 em anexo).

Face aos dados disponíveis na área em estudo, não é de excluir a hipótese de uma maior antiguidade das pequenas construções alongadas em relação aos monumentos de câmara poligonal e corredor. Fica em aberto a possibilidade de um polimorfismo arquitectónico em momentos mais recentes, derivado eventualmente de princípios mentais e/ou de restrições da matéria-prima disponível localmente.

10.2 A Orientação dos monumentos

Como referiu David Fraser (1983: 364) colocam-se duas dificuldades principais na medição da orientação dos monumentos. A primeira é o problema teórico de decidir exactamente o que medir e o segundo é o problema prático para obter as medidas. Na esteira do trabalho realizado por Victor Gonçalves (1992, 1999) procurou-se ultrapassar a primeira dificuldade medindo a orientação dos monumentos a partir de dois pontos. Um, a partir do que deverá ter sido o primeiro esteio da câmara, o de cabeceira, e o outro a partir da direcção indicada pelo corredor. Porém, durante o trabalho de campo verificou-se que, devido ao seu estado de conservação, em poucos monumentos era possível ler uma orientação e apenas em um se podiam observar as duas orientações. Procurou-se ainda utilizar a informação disponível na publicação dos Leisner, o que também se revelou infrutífero. Por conseguinte, as medições conseguidas, para além de escassas, foram obtidas de forma diversa, a partir do esteio de cabeceira, da entrada da câmara e do corredor. Os dados obtidos referem-se a nove monumentos cujas orientações se situam entre os 100° e os 120°.

10.3 Os artefactos votivos

Estão depositados no Museu Nacional de Arqueologia materiais provenientes de escavações realizadas por Leite de Vasconcellos em monumentos megalíticos da região de Montargil. O conjunto é pouco expressivo, quer em termos quantitativos quer de variedade de materiais. Na análise do espólio seguiu-se a metodologia apresentada no capítulo 5. A confrontação destes materiais com os dados de Leite de Vasconcellos e as descrições e desenhos dos Leisner permitiram verificar que o espólio não se encontra completo. Constatou-se também que nem todos os materiais apresentam uma proveniência segura, pelo que se procurou analisar criticamente toda a informação e considerar no presente trabalho apenas os objectos que ofereciam confiança. O quadro 19 pretende fazer um ponto da situação, evidenciando as sucessivas perdas de informação e justificando a presente selecção. No tratamento destes materiais privilegiou-se a análise do conjunto proveniente da anta 1 de Cavaleiros, por ser o único que apresenta alguma coerência, quer quanto ao número de exemplares, quer no que respeita à segurança da sua proveniência. Destaca-se a colecção de placas votivas que, apesar de algumas já terem sido publicadas pelos Leisner (Leisner, 1953, 1959), foram desenhadas na totalidade, acrescentando-se alguma informação sobre as secções das peças e dando a conhecer as que não haviam sido contempladas nas publicações.

Designação	Leite de Vasconcellos (1910)	Leisner e Leisner (1953 e 1959)	MNA (2001)	Triagem
<i>Anta de S. Bernardo</i>	1 machado, ossos humanos e cacos cerâmicos	2 machados, 2 enxós de pedra polida, 3 frag. de faca, 1 micrólito, placa de xisto gravada, “cacos de cerâmica negrusca de grandes vasos”, restos humanos e várias pedras	3 machados e 2 enxós de pedra polida, 6 instrumentos de pedra lascada, restos osteológicos humanos, placa de xisto decorada e várias pedras incharacterísticas	Restos osteológicos humanos
Terrenos da herdade de S. Bernardo	3 facas de sílex, 4 machados e 2 mós			A placa de xisto deve ser de uma das antas da Ordem (Avis)
<i>Antas 1 ou 2 da herdade dos Irmãos</i>	Ossos humanos, cacos de cerâmica, 3 instrumentos de pedra polida	Mó dormente, 1 machado e 1 pedra amoladeira, 4 pontas de seta retocadas, uma caixa de cacos que pode pertencer à anta 1 de Cavaleiros		
Terrenos da herdade	3 facas de sílex	3 facas de sílex		
<i>Anta 1 de Cavaleiros</i>	8 machados, 6 placas de lousa, meia placa de lousa, 2 vasos, uma pedra de afiar, 1 faca. Alguns materiais foram doados pelo Sr. Lopes Castro, autor de uma escavação antiga na anta	9 objectos de pedra polida, 6 placas de xisto gravadas, meia placa de xisto, uma placa de grés, 3 recipientes cerâmicos, “uma caixa com cacos, talvez em parte desta anta”, 1 fragmento de bordo com decoração ziguezagueante, 1 “fragmento de um objecto rectangular de barro” e algumas pedras.	8 machados e 1 enxó de pedra polida, 2 recipientes cerâmicos, 1 placa de grés, 6 placas de xisto decoradas, 1 fragmento de bordo e 2 bojos de fabrico a torno, restos osteológicos humanos incluindo dentes e algumas pedras.	8 machados e 1 enxó de pedra polida, 2 recipientes cerâmicos, 1 placa de grés, 6 placas de xisto decoradas, restos osteológicos humanos incluindo dentes e algumas pedras.
		Mais 15 instrumentos de pedra polida, um disco com pequenas concavidades nas faces e uma faca de sílex que não é certo procederem da anta		
<i>Anta 1 de Portugal</i>		1 machado de secção oval, aí deixado aquando da pilhagem da anta		
<i>Da herdade de Portugal</i>	1 goiva “notável pelo seu comprimento”, 2 machados, 1 placa de ardósia e 2 fragmentos de outra placa, oferecidos pelo Dr. Matos Silva a Leite de Vasconcellos	1 goiva, 3 enxós, 1 placa de xisto sem decoração e 2 fragmentos de 1 placa de xisto decorada,	1 placa de xisto sem decoração e 2 fragmentos da mesma placa de xisto decorada	1 placa de xisto sem decoração e 2 fragmentos da mesma placa de xisto decorada

Anta 1 de Monte de Irmãos	Ossos humanos e restos cerâmicos, à superfície 3 machados			
Anta 2 de Monte de Irmãos		1 machado encontrado à superfície da câmara		
Terrenos da herdade	2 facas de sílex		3 laminas sílex, movente e 1 grande instrumento de pedra polida	
Anta 1 do Zambujeiro				
Anta 2 do Zambujeiro		1 machado de pedra polida, 1 fragmento de faca em sílex, vários fragmentos de uma placa de xisto decorada	1 placa de xisto decorada, 1 fragmento lâmina em sílex	1 lâmina 1 pedra de quartzito
Anta 3 do Zambujeiro	1 braçal de arqueiro	1 braçal de arqueiro e 1 fragmento de faca	3 machados e 1 enxó de pedra polida, e 2 pedras, 1 recipiente e restos osteológicos	1 enxó, 1 machado e 2 instrumentos de pedra polida indeterminados, 1 recipiente, restos osteológicos humanos ?
Anta 4 do Zambujeiro		1 machado de pedra polida, 3 fragmentos de facas de sílex, 1 micrólito, 1 recipiente cerâmico e algumas pedras	1 micrólito?	1 micrólito
Terrenos da Herdade	1 mó e várias facas			

Quadro 19: Listagem dos materiais depositados no MNA e dos considerados neste trabalho. Obs. Por engano na publicação de Leite de Vasconcellos as antas do Zambujeiro são designadas como Zambujal. Não é possível fazer a correspondência entre o espólio e as antas do Zambujeiro porque: (1) desconhece-se a numeração exacta dos monumentos (2) as informações do casal Leisner não coincidem com as de Leite de Vasconcellos e (3) os dados actuais não permitem esclarecer a questão

10.3.1 Os recipientes cerâmicos

No MNA apenas se conservam três recipientes cerâmicos sem decoração, um proveniente da anta 3 do Zambujeiro (59) e dois da anta 1 de Cavaleiros (40). O primeiro

corresponde a um vaso de fundo aplanado e os restantes a dois vasos semi-esféricos. Na sondagem realizada na anta da Matanga recuperou-se um pequeno fragmento cerâmico com decoração plástica formando duas pequenas linhas verticais Fig. 35 em anexo).

10.3.2 A pedra polida

Dos instrumentos de pedra polida referidos por Leite de Vasconcellos e pelo casal Leisner, apenas uma parte se encontra no conjunto do espólio das antas de Montargil, depositado no MNA (Quadro 27 em anexo). No caso da anta do Bernardo não é possível distinguir entre os materiais recolhidos na escavação do monumento e os provenientes de terrenos da herdade. Do material que é indicado como proveniente da herdade de Portugal só resta uma pequena enxó em anfibolito de secção poligonal. Não foi identificado o machado que Georg e Vera Leisner recolheram na anta 1 de Portugal, nem o restante material proveniente da herdade, do qual faria parte uma goiva, de xisto verde-acinzentado, que Leite de Vasconcellos adjectivou como “notável pelo seu comprimento” (Vasconcellos, 1910: 250), publicada pelos investigadores alemães (Leisner e Leisner, 1953: 243, n.º 4 Est. II). A “questão das goivas” foi recentemente abordada por Victor Gonçalves (2001: 159) num artigo que salienta a raridade deste artefacto e a diversidade de contextos funerários em que surge. No que se refere ao Alentejo Central, as goivas parecem estar representadas desde Elvas até Montargil sendo de destacar, pelo número de exemplares, a região de Reguengos de Monsaraz. Os artefactos de pedra polida recolhidos, eventualmente, na anta 3 do Zambujeiro apresentam intensos sinais de uso e dois deles estão fracturados.

Como provenientes da anta 1 de Cavaleiros estão presentes seis machados e duas enxós em anfibolito. As secções são arredondadas e poligonais e o acabamento é feito, maioritariamente, através de polimento total. Os gumes apresentam sinais de uso, por vezes intenso. Este conjunto não oferece confiança total porque alguns dos objectos não coincidem com as descrições efectuadas por Georg e Vera Leisner.

10.3.3 A pedra lascada

Esta categoria está pouco representada. Existem apenas um geométrico e uma lâmina retocada, supostamente das antas 2 do Zambujeiro e 4 do Zambujeiro, respectivamente. Os fragmentos de lâminas que estão com os materiais da anta do Bernardo não têm proveniência segura. A sondagem arqueológica realizada na anta da Matanga forneceu um fragmento de lâmina e um fragmento de lamela em sílex, não retocadas (Fig. 35 em anexo).

10.3.4 As placas votivas

A totalidade dos artefactos mágico-simbólicos presentes na região de Montargil são placas votivas, predominando as placas de xisto decoradas (Quadro 26 em anexo). Há também a registar a presença de uma placa de grés (anta de Cavaleiros 1) e outra fabricada num xisto de cor acinzentada clara e de aspecto luzente (herdade de Portugal).

No que se refere à anta 1 de Cavaleiros (40) existe um total de 8 placas votivas. A matéria-prima utilizada no seu fabrico é preferencialmente o xisto ardosiano, nem sempre de boa qualidade e com acabamentos medianos. Embora não tenha sido possível localizar no MNA a placa de xisto antropomórfica com simbologia solar (n.º 7), consideraram-se os parâmetros que foi possível obter a partir dos desenhos publicados pelos Leisner e por Virgílio Correia (Correia, 1921:81).

Existe uma placa fabricada em grés (ou arenito) a que os Leisner chamaram “placa rectangular de calcário, de bordos côncavos, numa das faces uma concavidade oval (pedra de afiar?)” (Leisner, 1953: 237). Trata-se de uma placa anepígrafa e estrangulada na área mesial, sendo o único objecto mágico-religioso deste monumento que não apresenta decoração nem perfurações. As placas de grés, estão amplamente representadas no grupo Crato/Niza, mas estão praticamente ausentes do registo arqueológico dos monumentos de Reguengos de Monsaraz. Victor Gonçalves (Gonçalves, 1989:291 e 1999:114) verificou que a sua distribuição parece coincidir com um largo corredor ao longo do Tejo, no qual se pode situar a área em análise, que ligaria o litoral ao interior, correspondendo a uma provável via comercial relacionada com comércio do sílex e do anfibólito.

Quanto às perfurações para suspensão, verifica-se que a maior parte dos ídolos- placa apresenta apenas uma perfuração (cinco dos oito exemplares). A única que apresenta duas perfurações é a placa de xisto recortada e que parece resultar da reutilização de uma placa mais antiga.

À excepção de uma, todas as placas de xisto estão completas ou praticamente completas, o que faz supor que houve uma selecção de exemplares nas recolhas de escavação, ou as características da deposição permitiram que se conservassem em bom estado.

Neste monumento, foram identificados três casos de placas de xisto reutilizadas. Quanto à placa de xisto recortada (n.º 1), os Leisner já haviam colocado a hipótese de ser uma reutilização de uma placa primitivamente rectangular, devido à posição descentrada das perfurações na sua “cabeça” (Leisner, 1953: 238). Para além disso, a decoração encontra-se muito ténue, sobretudo nas zonas que representam os “ombros”. Na placa de xisto de decoração geométrica (n.º 5) as novas gravações adoptaram muito bem a gramática decorativa já existente. A placa n.º 6 resulta do aproveitamento de outra, fracturada possivelmente a meio, no sentido longitudinal, e que foi transformada numa placa relativamente estreita que actualmente se encontra incompleta.

Todas as placas de xisto apresentam decoração apenas numa das faces, não evidenciando tão poucos esboços ou pequenos traços, no verso. A decoração da maioria das placas está organizada em áreas distintas, sendo a sua separação feita através da mudança dos componentes decorativos (5 exemplares). A decoração é fundamentalmente geométrica, sendo os motivos mais frequentes as faixas estreitas rectas verticais ou horizontais, que surgem no espaço da “cabeça”, e os triângulos preenchidos que estão presentes no “corpo” das placas.

A representação dos olhos verifica-se em dois casos, ambos antropomórficos: (1) na placa recortada, onde a presença dos olhos é sugerida pela localização das duas perfurações e (2) na placa n.º 7 onde foram gravados dois olhos raiados e provavelmente a representação das sobrancelhas.

Esta placa é bastante interessante mas, desafortunadamente, está desaparecida. É a única peça que apresenta os olhos raiados, linhas verticais e linhas horizontais a contornar os olhos. Estas poderão representar as sobrancelhas e o que Victor Gonçalves tem

designado como pinturas ou tatuagens faciais (Gonçalves, 1989). Este autor discute a possibilidade de a representação dos olhos ditos solares marcarem uma nova época, já calcolítica, na iconografia das placas de xisto de Reguengos de Monsaraz. Esta ideia é apoiada pela similitude com os motivos da cerâmica simbólica, detectada e datada por 14C, em Santa Justa e no Monte Novo dos Albardeiros (Gonçalves, 1992:80; Gonçalves, 1989, Gonçalves, 1988/1989; Gonçalves, 1999: 113). Em Reguengos de Monsaraz, as placas oculadas estão presentes em grandes monumentos colectivos como Farisoa 1, Farisoa 1b (*tholos*), Comenda 2 e Passo 1 e um vaso em OP1 (Gonçalves, 1992: 76). A presença dos olhos também é sugerida pelas duas perfurações para suspensão da placa recortada. Embora com algumas reservas, parece possível supor que a anta 1 de Cavaleiros tivesse sido utilizada já durante o Calcolítico. Porém, as formas cerâmicas pouco características não permitem confirmar esta hipótese.

Como provenientes das antas de Portugal existem: (1) dois fragmentos com decoração geométrica, muito possivelmente pertencendo à mesma peça, sendo que, um deles apresenta duas perfurações; (2) uma placa de grandes dimensões fabricada em micaxisto, na qual está gravada a representação dos olhos.

Possivelmente recolhida na anta 2 do Zambujeiro, existe uma placa de xisto com decoração geométrica e uma perfuração central na área da cabeça. Esta placa tem a particularidade de a sua secção ser muito fina.

10.4 Restos osteológicos humanos

A totalidade dos restos osteológicos humanos provém das recolhas de Leite de Vasconcellos. No geral, os ossos encontram-se muito fragmentados e não possuem qualquer informação adicional sobre o contexto de recolha, tal como sucede com todos os materiais.

A análise dos restos humanos da anta 3 do Zambujeiro indicia a presença de dois indivíduos. Um de dimensões mais gráceis, possivelmente do sexo feminino e outro do sexo masculino (Duarte, 2002). Apesar de não se saber ao certo a que monumento pertence no terreno, quer a anta 3 quer a anta 4 são monumentos de planta poligonal com corredor,

cujas câmaras têm cerca de 1 metro de altura. Como se pode observar no quadro 19 não é possível associar, com segurança, os materiais aos restos humanos nem existe correspondência entre o espólio e o monumento.

Na análise dos ossos da anta do Bernardo é colocada a hipótese de terem proveniências distintas devido às grandes diferenças de coloração. Aparentemente estão presentes 3 indivíduos, dois de pequenas dimensões e 1 mais robusto, podendo ser um dos sexo feminino (Duarte, 2002). Trata-se de um monumento de planta poligonal com cerca de 1,50 m. de altura, sem vestígios do corredor. Não é possível distinguir os materiais da anta de outros recolhidos nos terrenos da herdade.

O único espólio osteológico da anta 1 de Cavaleiros são dentes, mas é clara a presença de 2 indivíduos de idades diferenciadas. Um adulto de pouca idade, cujos dentes apresentam um nível de desgaste significativo. Um indivíduo entre os 3 a 5 anos de idade.

Apesar das limitações inerentes ao estudo de colecções osteológicas desta natureza, a sua observação minuciosa permite efectuar algumas observações. Em nenhuma das antas foram detectadas deposições individuais, os monumentos não são exclusivos de qualquer grupo etário ou sexual e nenhum tem indícios de inumações primárias (Duarte, 2002). Ainda que tratando-se de monumentos de câmara poligonal e corredor são antas de dimensões médias que naturalmente, não conteriam um número elevado de deposições.

10.5 Distribuição espacial. Implantação na paisagem e visibilidades

A primeira observação que se pode fazer da cartografia das antas de Montargil é a de que “...ficam nos terrenos montanhosos que se elevam ao Noroeste do rio Sôr, a maioria delas no planalto e à beira dos caminhos íngremes, que descem da serra ao vale daquele rio” (Leisner, 1953: 227).

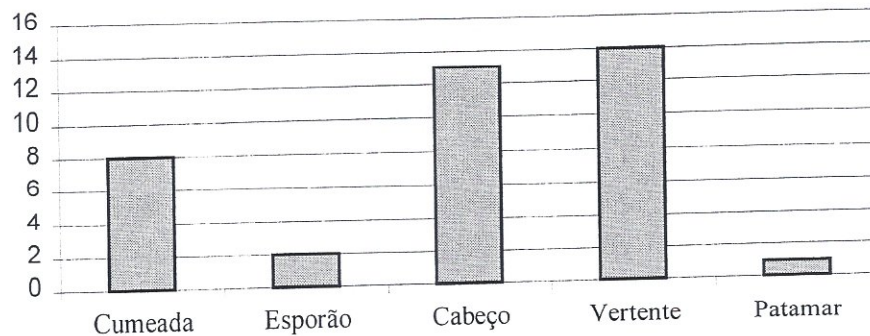


Gráfico 10: Implantação topográfica dos monumentos funerários

Quanto à implantação topográfica verifica-se que a maioria dos sítios escolhidos para construção dos monumentos funerários constituem áreas de topo e vertentes. Em 38 monumentos 8 localizam-se em cumeadas (21%), 13 em cabeços, (34%) e 14 em vertentes (37%). As construções em vertente situam-se quer nas principais linhas de fecho, quer em zonas de declive mais suave na base dos maciços antigos de Touris e Montargil. Apenas uma anta se pode considerar implantada num patamar, não se verificando actualmente a existência de monumentos situados em vales. Duas das antas escavadas por Leite de Vasconcellos, entretanto destruídas, no Monte de Irmãos, seriam os únicos monumentos localizados em vale e na margem esquerda da ribeira do Sor. Não parece existir um padrão de localização específico de cada um dos grupos arquitectónicos, nem tão pouco se distinguem pela matéria-prima utilizada. A implantação topográfica das câmaras de planta alongada é idêntica à das antas de planta poligonal, surgindo por vezes em associação espacial. A anta 1 do Zambujal, de planta alongada, situa-se a cerca de 250 metros a Norte da anta 2 do Zambujal, de planta poligonal, na berma do mesmo caminho situado na vertente sul do maciço. O mesmo se verifica em relação à altitude a que os monumentos se encontram. As sepulturas de planta alongada localizam-se em cabeços a baixa altitude como Monte do Cabeço (92 m.), na vertente da serra de Montargil, como Zambujal 1 (168 m.) e na linha de fecho que atravessa o maciço de Montargil, como Portugal 1 (210 m.). Situação idêntica observa-se no maciço de Touris.

A distribuição espacial dos monumentos parece fazer-se em função das vias naturais de passagem, sobretudo associados à circulação da serra para o vale e vice-versa. É

evidente a quantidade de monumentos localizados ao longo do fecho que desce de Monte de Cavaleiros e Monte de Portugal, no topo da serra de Montargil, até ao Monte do Alminho, situado na base da serra (Mapa 3 e 10). Actualmente, este é um dos caminhos utilizados para atravessar o maciço, à beira do qual se situam vários monumentos megalíticos. Existe também um número significativo de monumentos que contornam o sopé da vertente Sul do maciço de Montargil e que corresponde a uma área de fácil circulação no sentido Este - Oeste.

A hipótese de os monumentos megalíticos representarem marcos na paisagem aplicar-se-á na região em estudo. Como já foi referido por Ivone Canavilhas a propósito do núcleo megalítico de Montargil, para além de contentores de esqueletos e de objectos votivos, os monumentos "... can run from territorial markers as legitimising claims to land (in this case delimiting either directly the valley, or the access to other environments), to culturally constructed sites in specific locations as markers for routes of movement" (Canavilhas, 1996: 32).

No que se refere à geologia observa-se que os monumentos foram implantados em áreas com substratos geológicos diversos. O maior número encontra-se em terrenos de micaxistos (11), de argilas e grés (10) e de granitos e anfibolitos (8). Não se encontram monumentos situados próximo de afloramentos rochosos que são pouco comuns na região.

Os monumentos megalíticos, possíveis de cartografar, localizam-se exclusivamente em solos de fraca capacidade agrícola. Tanto as antas de planta poligonal como as câmaras alongadas foram construídas preferencialmente em solos das classes D e E. As únicas excepções poderiam ser as duas antas do Monte dos Irmãos escavadas por Leite de Vasconcellos, das quais não existe nenhuma referência precisa quanto à sua localização, uma vez que já estavam destruídas aquando dos trabalhos de Georg e Vera Leisner.

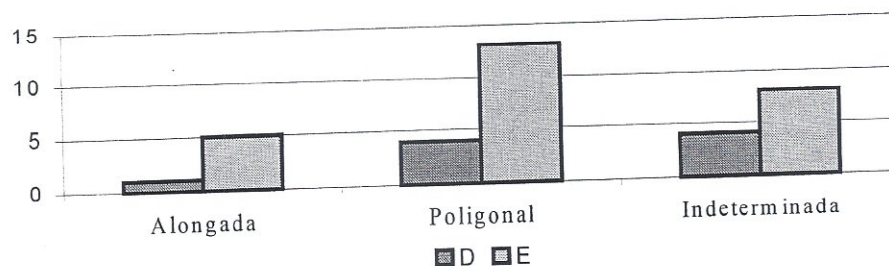


Gráfico 11: Implantação dos monumentos funerários por classe de capacidade de uso do solos

O desconhecimento de como seria o coberto vegetal na época em que foram construídos os monumentos megalíticos é uma forte limitação à actual leitura das visibilidades, sejam elas do monumento, para o monumento, ou entre monumentos. Todavia, procurou-se verificar no terreno até que ponto o tema das “estratégias de visibilidade” (Criado Boado, 1988) podia ser observado na região de Montargil. As observações foram posteriormente analisadas conforme as propostas de Criado Boado e Vaquero Lastres (1993). Uma característica comum a um número significativo de monumentos é a visibilidade que detêm sobre o vale, ainda que seja a longa distância. Bernardo 1, Chão Frio 1 e 2, Monte do Cabeço e Alminho 1 e 2 situam-se próximos do vale da ribeira do Sor e as 4 primeiras detêm sobre ele uma visão privilegiada. Mas também da anta da Matanga, localizada num esporão a maior altitude, se pode observar para nascente o vale da ribeira.

O campo visual dos monumentos implantados na base do maciço é tendencialmente circular até aos 250 metros e sectorial na banda intermédia, ou seja, entre os 250 e os 500 metros. Dada a sua localização é natural que não tenham visibilidade a longa distância. Os monumentos que se encontram a maior altitude apresentam situações de visibilidade um pouco diferentes. O campo visual da curta distância é geralmente circular e o da longa distância sectorial. A quase totalidade destes monumentos não tem visibilidade a uma distância intermédia. O mesmo sucede quando se procurou observar as visibilidades para os monumentos. Devido à fisionomia da paisagem o local de implantação das antas pode ser visto a longa distância, mas a maioria das vezes não é perceptível a média distância e apenas volta a ser observável na proximidade dos monumentos.

Os monumentos encontram-se relativamente próximos, sendo por vezes intervisíveis. Portugal 1 e 2 são intervisíveis, bem como Alminho 1 e 2 e Zambujeiro 3 e 4. Dentro do núcleo megalítico é possível individualizar grupos distintos, como em Besteiros, Zambujeiro, Alminho e Charnequinhas. Constata-se que estes grupos não são exclusivos de um tipo arquitectónico. No caso das duas antas de Charnequinhas, a menos de 10 metros da anta 1, a maior da região, localiza-se uma pequena sepultura com cerca de meio metro de altura, que, embora classificada como indeterminada por Georg e Vera Leisner, deve constituir uma pequena sepultura alongada.

Apesar de faltarem dados seguros sobre o início e o fim da construção de monumentos megalíticos na região, pode-se supor que tenha sido iniciada no Neolítico médio e perdurado pelo menos até uma fase plena do Calcolítico. Ideia suportada pela maior antiguidade possível das câmaras alongadas, pela identificação de *habitats* do Neolítico antigo/médio e pela provável ocupação da anta 1 de Cavaleiros já no Calcolítico. Os padrões de implantação parecem ter permanecido idênticos ao longo da diacronia de construção da paisagem megalítica. Os monumentos foram colocados em pontos específicos da paisagem, a escolha parece ter sido feita de modo a privilegiar a visibilidade sobre o território que ocupam, chamando a atenção para espaços concretos, como os vales.

Os monumentos podem ser vistos como marcas na paisagem na medida em que definem vias de passagem permanecendo assim, como elos de ligação entre diferentes comunidades e a paisagem. “The progressive intervisibility between monuments could be explained through the need to regulate and direct the way in which population had access to the territory and to the wider meanings inscribed in the landscape.” (Canavilhas, 1996: 46).

11. Integração cronológico-cultural e enquadramento regional

A sistematização dos dados disponíveis sobre o povoamento pré-histórico da região de Montargil permitiu detectar uma sequência de ocupação processada em diferentes fases. Apesar das limitações inerentes ao facto de se trabalhar com materiais de superfície e de escavações ainda preliminares, é possível vislumbrar diferentes modalidades de ocupação da paisagem ao longo dos patamares cronológico-culturais considerados.

1. A primeira fase detectada é atribuível ao final do Mesolítico e está representada no sítio do Bernardo 1. Apesar dos dados não permitirem falar de uma permanência no território são, no mínimo, testemunhos da exploração do *hinterland* por parte das comunidades mesolíticas que habitavam o antigo estuário do Tejo. Ocorridas muito provavelmente algures durante o *optimum* climático do Atlântico, altura em que as estratégias de subsistência mesolíticas sofrem alterações e o povoamento de cariz litoral, do Pré-Boreal e do Boreal, é preterido em relação ao estabelecimento nos estuários dos principais rios (Araújo, no prelo a). Aparentemente, até ao momento, não eram conhecidas provas directas das incursões mesolíticas no interior alentejano. Todavia, a sua presença era sugerida a partir de diversos aspectos e poderá inclusive estar relacionada com o próprio processo regional de neolitização (Calado, 2000). A fracturação de lamelas a partir da técnica do micro-buril, detectada na Valada do Mato em Évora, indicia uma filiação mesolítica para a tecnologia lítica do Neolítico antigo (Carvalho, no prelo a). Na perspectiva de Manuel Calado a ocupação da peneplanície centro-alentejana pelos primeiros grupos portadores de cerâmica deu-se no contexto da neolitização e abandono dos concheiros do Tejo e do Sado. Em primeiro lugar na região de Montemor-Évora que considera “a fronteira teórica entre os territórios de exploração de recursos de ambos grupos de mariscadores”, cujas estratégias de subsistência implicavam um território de caça no interior alentejano, seguindo as principais vias naturais de circulação (Calado, 2000: 40). Desta forma, os vales do Rio Sorraia e da Ribeira do Sor podem ter funcionado como um corredor natural de passagem entre o estuário e o interior.

2. A segunda fase foi genericamente designada como Neolítico antigo/médio face à impossibilidade de distinguir os dois momentos num conjunto de materiais que não eram certamente do Neolítico final ou posteriores. Os dados disponíveis apontam para que as primeiras ocupações neolíticas na região de Montargil tenham decorrido no Neolítico antigo, atestado principalmente pelas flechas transversais encontradas no Bernardo 1. Nos restantes sítios a ocupação neolítica é indicada pela presença de escassas cerâmicas com decoração incisa, plástica e impressa, uma indústria lítica em sílex de feição microlaminar, alguns elementos de mó manuais e alguma pedra polida. Uma vez que a cerâmica incisa e impressa pode ter perdurado em alguns contextos até ao início do Neolítico final (Cardoso e Carreira, 1992), não é possível atribuir com segurança uma cronologia do Neolítico antigo para os exemplares em causa. A totalidade dos vestígios conhecidos do Neolítico antigo/médio situam-se a baixa altitude, na base dos maciços de Touris e de Montargil. Estão implantados em terrenos arenosos e areno-argilosos aptos para a actividade agrícola, numa estreita faixa de solos de argilas e grés que contorna o sopé dos maciços e em depósitos de terraço.

As diferenças dos conjuntos artefactuais presentes em Montargil e nas áreas limítrofes, actualmente conhecidos, apontam para cenários distintos no interior alentejano.

O povoamento do Neolítico antigo da região de Montargil, quando comparado com a área de Montemor-Évora (Calado e Diniz, 1997, Calado, 2000), é substancialmente menos expressivo, tanto em termos numéricos quanto qualitativos. A ausência de um conjunto cerâmico mais numeroso e diversificado, sobretudo de cerâmica impressa cardial, em Montargil, sugere uma neolitização desta região mais tardia do que a verificada a Oeste da cidade de Évora, mas ainda assim enquadrável no Neolítico antigo evoluído. O sítio da Valada do Mato, recentemente datado na transição do 6º para o 5º milénio a.C. (Diniz, 2001), apresenta um conjunto artefactual, sem paralelos escavados no interior alentejano. Estão presentes recipientes com uma considerável variedade estilística, poucos elementos de moagem, poucos artefactos de pedra polida e uma significativa indústria lítica em sílex de cariz microlaminar (Calado e Diniz, 1997, Calado no prelo a), da qual fazem parte as flechas transversais (informação pessoal), também presentes em Montargil e no povoado de Pipas em Reguengos de Monsaraz (Soares e Silva, 1992). Na maioria dos sítios de Montargil atribuíveis ao Neolítico antigo/médio foi detectada muita indústria macrolítica

em quartzito que, no caso do Bernardo 1, surge a par de uma significativa indústria microlaminar em sílex. Esta situação difere da observada na região de Évora, nomeadamente na Valada do Mato onde apresenta uma percentagem mínima (Calado, 2001: 120), mas aproxima-se do contexto de Reguengos de Monsaraz (Soares e Silva, 1992), situação que se pode relacionar com as fontes de matéria-prima.

Na região da Serra d'Ossa foram detectadas ocupações do Neolítico antigo (Calado, 1995) aparentemente periféricas em relação ao epicentro (Calado, 2000), que é Montemor-Évora. No que concerne ao Neolítico médio aquela região parece apresentar algumas semelhanças com a área de Pavia, nomeadamente na presença de cerâmicas almagradas (Calado, 1995, Rocha, 1996: 105). Em Montargil não há materiais claramente atribuíveis ao Neolítico médio, como as cerâmicas com sulco abaixo do bordo como foi detectado na Fábrica da Celulose, Mourão.

Ao que tudo indica, o início da neolitização do território de Pavia parece ter ocorrido em momentos posteriores ao dos arredores de Évora, numa fase avançada do Neolítico antigo ou já Neolítico médio (Rocha, 1996: 103, 1999: 93). A região de Montargil terá tido uma neolitização anterior à de Pavia, uma vez que nesta área não existem materiais claramente atribuíveis ao Neolítico antigo (Rocha, 1999b), existindo assim uma faixa entre Montargil e Montemor-Évora sem indícios claros destas ocupações.

Os padrões de implantação dos povoados do Neolítico antigo/médio destas regiões apresentam algumas semelhanças quanto ao tipo de solos e à morfologia do terreno. A grande diferença, que tem a ver com questões paisagísticas, reside na inexistência de afloramentos naturais nas áreas planas e arenosas de Montargil pelo que os povoados se localizam em áreas abertas sem qualquer marca na paisagem.

O megalitismo não funerário de Montargil encontra-se numa situação periférica em relação ao núcleo central que parece ser o eixo Montemor-Évora-Reguengos. Tendo em conta as recentes propostas para o início do megalitismo menérico (Calado, 1995, 2000 a, 2000b; Calado e Sarantopoulos, 1996, Gomes, 1994) e a sequência cultural local, é possível que o recinto megalítico do Alminho tenha sido erguido ainda no Neolítico antigo evoluído ou nos inícios do Neolítico médio. Em termos morfológicos os menires do recinto megalítico do Alminho podem ser incluídos numa das categorias definidas para a área de Pavia; a dos monólitos arredondados ou ovóides, de pequenas ou médias

dimensões, (Rocha, 1999 b: 70). A implantação próxima do topo de uma suave vertente tem paralelos com alguns monumentos do Alentejo central, nomeadamente com Vale Maria do Meio (Calado, 2000 b) e Tojal (Calado, no prelo b).

Os dados sobre o megalitismo funerário são muito escassos. A possível associação de pequenos monumentos ao machado de secção cilíndrica e a geométricos, detectada na anta 1 de Portugal e na anta 3 do Zambujeiro, respectivamente, deve ser vista com algumas reservas. Todavia, face aos dados disponíveis para outras regiões (Rocha, 1999) não será de estranhar uma cronologia do Neolítico médio com paralelos na anta 1 do Poço da Gateira (Gonçalves, 1992).

Quanto às sepulturas fechadas de câmara alongada, supostamente “proto-megalíticas” (Soares e Silva, 2001), os dados de Montargil são pouco esclarecedores devido á falta de espólio e ao seu avançado estado de destruição. A reutilização de um menir na construção de um monumento de planta alongada, a anta do Monte do Cabeço, sugere uma antiguidade do megalitismo menírico em relação a estas sepulturas. Situação idêntica foi detectada no conjunto do Torrão em Elvas. A presença de vestígios habitacionais no espaço do recinto do Alminho aponta também para a antiguidade dos menires, representando a ocupação de espaços antes sagrados (Calado, 2000 b:180), provavelmente no Neolítico médio. Esta situação vai ao encontro da hipótese do megalitismo menírico preceder o megalitismo funerário no processo de “megalitização” do interior alentejano (Calado, 2000 a; Diniz, 2000 a).

3. No Neolítico final/Calcolítico assiste-se a uma expansão do povoamento por áreas que, aparentemente não eram ocupadas mas que fariam parte do território dos primeiros grupos neolíticos. Foram identificadas diversas opções de implantação na paisagem, surgindo as primeiras ocupações de altura a par da manutenção dos povoados na base da encosta. A estes sítios parece ser comum a ausência de preocupações defensivas, inclusive nos povoados situados no topo dos maciços, onde a morfologia da ocupação parece estruturar-se, tal como perto do vale, de modo disperso, em áreas abertas e amplas. Até ao momento não foram identificados vestígios de estruturas defensivas e o elevado grau de visibilidade proporcionado por Touris 1 e Guarita de Montargil pode estar relacionado com o controle visual dos vales, onde estão as melhores terrenos para cultivo. Apesar desta

imagem actual, é possível que no Bernardo 1 as escavações previstas venham a detectar estruturas defensivas escavadas no substrato geológico. Nos últimos anos têm sido identificados no interior alentejano os grandes povoados abertos do Neolítico Final/Calcolítico, com estruturas negativas, que já eram conhecidos na Andaluzia e Extremadura (Calado, 2000a). Dentro destes contam-se o povoado dos Perdigões, em Reguengos de Monsaraz (Lago *et al.*, 1998), que continuou a ser ocupado em momentos subsequentes, e o povoado de Juromenha 1, no Alandroal, cuja ocupação parece estar restrita ao Neolítico final (Calado, 2000 a).

Apesar da diversidade de estratégias de implantação do Neolítico final/Calcolítico, detectada na área em estudo, é nos povoados de baixa altitude, mais próximos da ribeira e de solos com melhor aptidão agrícola que a ocupação se processou de forma mais efectiva - Bernardo 1 e Monte do Cabeço 2.

Uma intensificação das actividades relacionadas com a exploração das rochas duras pode estar na origem da ocupação de terrenos argilosos de fraca capacidade agrícola, que coincidem com as áreas onde existe matéria-prima lítica: anfíbolito, granito, micaxisto e gnaiss. A presença de dormentes, de grandes dimensões, em algumas áreas do maciço de Montargil indicia a prática de alguma agricultura nestes terrenos pouco aptos. Nesta altura há uma intensificação das actividades praticadas nas áreas de serra, ocorrida eventualmente já num contexto de arranque da Revolução dos Produtos Secundários. Para além das actividades pastoris é possível que fosse praticada alguma agricultura nos terrenos do maciço, apesar de pouco aptos.

A comparação dos dados de Montargil com as regiões do Alentejo a que tem sido feita referência revelam algumas semelhanças quanto à diversidade de modalidades de ocupação do espaço. Em Reguengos de Monsaraz os povoados integráveis no Neolítico final/Calcolítico inicial revelam padrões de implantação diversificados. O Marco dos Albardeiros está implantado numa elevação bem destacada na paisagem com um bom domínio visual da área envolvente, ao passo que Torre do Esporão 3 e Areias 15 ocupam áreas aplanadas, neste último caso com um campo visual limitado (Gonçalves e Sousa, 2000).

A exiguidade da componente artefactual recolhida nos povoados de Montargil tem paralelos com a vizinha região de Pavia, onde a raridade de fragmentos cerâmicos é notória

(Rocha, 1999). Esta situação dificulta seriamente o estabelecimento de comparações entre conjuntos artefactuais provenientes de áreas diversas. Dentro dos recipientes cerâmicos estão presentes fragmentos carenados, taças de bordo espessado e cerâmicas mamiladas. Foi recolhido um fragmento de “ídolo de cornos” e até ao momento não foram identificados fragmentos de pesos de tear. A pedra polida surge de forma significativa, bem como os elementos de moagem manuais. A indústria da pedra lascada sofre algumas alterações em relação às ocupações mais antigas. No que se refere à matéria-prima, o sílex torna-se minoritário, a utilização do quartzo decresce, e começam a surgir produtos debitados em xisto e xisto silicioso. Também a nível da utensilagem se verifica a escassez de indústrias lamelares em relação às laminares. As mudanças de matéria-prima e das indústrias do Neolítico antigo para o Neolítico final/Calcolítico é característica de várias regiões do Centro e Sul de Portugal (Carvalho, 1998 b).

No que se refere às formas de enterramento, não existem associações directas entre povoados a monumentos megalíticos. A análise limita-se apenas a supor a construção e utilização de antas de câmara poligonal e corredor de acesso, com base nos espólios deste tipo de monumentos em outras regiões como Reguengos de Monsaraz (Gonçalves, 1992). O espólio dos monumentos funerários de Montargil é bastante reduzido e não oferece garantias de relação contextual. O conteúdo artefactual mais seguro é o da anta 1 de Cavaleiros, cujo espólio contém materiais que se coadunam com uma cronologia plenamente calcolítica.

4. A última fase de ocupação, do Calcolítico pleno/final está representada em apenas um povoado, a Serra 1. Apesar da ausência de cerâmica campaniforme e de metalurgia, o conjunto artefactual é semelhante ao de outros povoados, do interior alentejano, onde aquelas cerâmicas surgem de forma residual, como em Fonte Ferrenha na Serra d’Ossa (Calado, 2001: 125). Nesta região o povoamento do Calcolítico pleno é o melhor representado, por oposição ao Calcolítico final onde só são conhecidos os povoados da Fonte Ferrenha e do Famão (Calado, 2001: 124-125). Na região de Pavia esta fase está representada no Castelo de Pavia, um povoado com estruturas defensivas e com boas condições naturais de defesa. Em Reguengos de Monsaraz destacam-se os povoados fortificados do Monte Novo dos Albardeiros (Gonçalves, 1988/89) e o complexo dos

Perdigões (Lagos, *et al.*). Um aspecto comum a estas regiões, mas ausente em Montargil, é a presença de povoados fortificados e de vestígios de metalurgia. Quanto á última é possível que, tal como a cerâmica campaniforme, ainda venha a ser detectada no registo arqueológico. O povoado da Serra 1, em Montargil, está implantado a meia encosta, não revela preocupações de natureza defensiva nem detém um bom domínio visual da paisagem.

O facto de só se conhecer um povoado sugere que, tal como em outras regiões, se possa falar de uma regressão populacional (Rocha, 1999; Calado, 2001). Talvez o que se verifique é uma concentração do espaço de habitat, e necessariamente do grupo, a uma área mais reduzida e delimitada. Porém, o tipo de ocupação e as condições de visibilidade do terreno podem ter ocultado outros povoados contemporâneos. Na Serra 1 é evidente a substituição do predomínio do sílex por rochas eventualmente locais ou regionais na indústria lítica da pedra talhada. A maioria dos produtos debitados são lasca obtidas a partir de xisto silicioso; o sílex, que se tornou minoritário, é exclusivamente utilizado na indústria laminar e no fabrico de pontas de seta.

Os materiais da anta 1 de Cavaleiros apontam para a utilização de antas de câmara poligonal e corredor de acesso durante esta fase. Até ao momento não foram identificados *tholoi*, que em outras regiões são contemporâneos dos povoados fortificados da primeira metade do 3º milénio cal. a.C, a avaliar pelas datações disponíveis para o Monte Novo dos Albardeiros e para o *tholos* b da anta 2 do Olival da Pega (Gonçalves e Sousa, 2001: 66).

É tentador procurar estabelecer relações de directas entre vestígios de *habitat* e monumentos em associação espacial. Á primeira vista, parece óbvio que os construtores da anta do Bernardo, de câmara poligonal e corredor, tivessem sido os habitantes do Neolítico final/Calcolítico do povoado do Bernardo 1. Porém, a pretensão de estabelecer relações entre povoados e necrópoles na área em estudo é limitada por vários factores: (1) o desconhecimento dos componentes artefactuais que fariam parte da maioria dos monumentos megalíticos; (2) a inexistência de povoados e necrópoles em clara associação espacial contendo espólios correlacionáveis e (3) a inexistência de escavações num maior número de sítios de *habitat*.

12. Síntese final

As hipóteses, necessariamente provisórias, colocadas ao longo deste trabalho, devem ser vistas como o resultado das primeiras opções e interpretações. A abordagem efectuada pretendeu valorizar, na medida do possível, os dados das escavações arqueológicas, pois é a partir das questões suscitadas que se vão definir as estratégias de continuação dos trabalhos de campo e delinear as principais linhas de pesquisa.

Espera-se que os dados preliminares apresentados contribuam, não só para o conhecimento da realidade arqueológica local, mas também para a discussão de algumas problemáticas a nível regional, entre as quais a da neolitização do interior alentejano.

Seria fundamental para o estudo das estratégias de mobilidade das comunidades mesolíticas do Baixo Vale do Tejo, e do próprio processo local de neolitização, clarificar o contexto em que surgem os vestígios mesolíticos do Bernardo 1. A presença de materiais mesolíticos neste sítio aponta para a possibilidade do vale do Sor fazer parte de um dos caminhos naturais de penetração no interior, que poderá ter sido mantido durante o Neolítico.

Com base nos dados actualmente disponíveis, presume-se que a neolitização do território de Montargil tenha ocorrido durante o Neolítico antigo evolucionado; provavelmente num momento posterior à instalação dos primeiros grupos neolíticos na área de Montemor-Évora, mas anterior à neolitização da região de Pavia. À primeira vista esta situação parece colidir, em parte, com a teoria de um foco inicial de neolitização do interior na área de Évora, a partir do qual o fenómeno se terá expandido para as áreas limítrofes. A posteridade da neolitização da área de Pavia, localizada entre as regiões de Évora e Montargil, poderia ser explicada admitindo-se uma expansão, do centro para a periferia, através das tradicionais vias naturais de circulação. As mesmas linhas naturais de trânsito (festos e cursos de água) utilizadas pelos grupos mesolíticos na exploração de recursos de interior, e que estão na base da neolitização do Alentejo Central, poderão explicar a posterior expansão do fenómeno da região de Évora para as áreas limítrofes, em sentido inverso ao anterior. A região de Pavia teria, assim, permanecido à margem deste corredor até ao Neolítico médio. Face à proximidade da área em estudo aos concheiros do estuário

do Tejo, e dada a sua eventual localização numa via natural de passagem, não será de excluir a hipótese de uma neolitização paralela à da região de Évora. Porém, os dados são ainda escassos, só a continuação dos trabalhos de escavação e a obtenção de datações absolutas poderão contribuir para o conhecimento da velocidade de expansão do fenómeno.

O megalitismo não funerário está pouco representado e poderá estar associado às primeiras comunidades neolíticas instaladas na região. A reutilização de um menir na estrutura da anta do Monte do Cabeço tem paralelos na sepultura do Torrão, em Elvas, e sugere uma concepção mais antiga para o megalitismo menírico. Esta hipótese foi recentemente corroborada pela identificação de um pequeno menir sob uma estrutura de combustão do Neolítico antigo, em Vale Pincel 1 (informação pessoal de Carlos Tavares da Silva).

No que concerne ao megalitismo funerário, a maioria dos monumentos insere-se no tipo de câmara poligonal com corredor de acesso. Estas antas, genericamente atribuíveis ao Neolítico final terão sido utilizadas ainda durante o Calcolítico. A escassez de espólio, detectada pelos Leisner quando efectuaram escavações em pequenas sepulturas, não permite contribuir para o esclarecimento da antiguidade relativa dos monumentos de planta alongada. Tendo em atenção os dados alcançados em outras regiões, e dado que existe na área de Montargil povoamento do Neolítico antigo/médio, admite-se localmente a hipótese de uma maior antiguidade destes monumentos. Não obstante, aceita-se uma provável coexistência entre este tipo de construção e as antas de corredor, pelo menos numa fase de transição.

Do Neolítico antigo/médio para o Neolítico final/Calcolítico existem alterações a nível da estratégia de ocupação do espaço e da economia das matérias-primas. As modalidades de implantação na paisagem tornam-se mais diversificadas e estendem-se a áreas onde antes não existiam vestígios de povoamento. Esta situação pode revelar uma exploração mais intensa do ecossistema devido a um crescimento demográfico imperceptível no registo arqueológico. Em alguns sítios, Bernardo 1 e Monte do Cabeço 2, o tipo de implantação é idêntico ao verificado no patamar cronológico-cultural anterior; paralelamente, surgem os primeiros vestígios de *habitats* em pontos mais elevados situados nos maciços antigos de Touris e Montargil.

A indústria de pedra lascada, predominante nos conjuntos artefactuais dos primeiros povoados neolíticos, torna-se minoritária nos sítios do Neolítico final/Calcolítico e do Calcolítico pleno/final. Apesar de o sílex continuar a estar presente nos produtos alongados, verifica-se o decréscimo da indústria lítica microlaminar quase exclusivamente em sílex e regista-se uma utilização mais expressiva das matérias-primas locais ou regionais no fabrico de instrumentos sobre lasca. No Neolítico final/Calcolítico são utilizados o xisto negro e o quartzo translúcido e só no Calcolítico pleno/final existe uma intensa utilização do xisto silicioso.

A partir do Neolítico final/Calcolítico assiste-se a uma rarefacção dos vestígios de povoamento que, no actual estado do conhecimento, se revela de difícil interpretação. Não foram distinguidas ocupações claramente atribuíveis ao Calcolítico inicial e pleno e, do Calcolítico pleno/final apenas se conhece um sítio, Serra 1. A informação disponível parece apontar para uma redução significativa, ou mesmo para um hiato, do povoamento nos primeiros momentos do Calcolítico. Esta situação poderá encontrar explicação ou num contexto de instabilidade durante a primeira metade do 3º milénio a. C., que terá levado ao abandono da região (é de salientar que não se conhecem povoados fortificados), ou num eventual esgotamento da produtividade agrícola dos solos. Em alternativa, os sítios do Neolítico final/Calcolítico poderão ter sobrevivido durante toda a primeira metade do 3º milénio a. C. mas, por motivos vários, não se conseguem distinguir diferentes fases de ocupação a partir dos vestígios de superfície.

O povoado da Serra 1, o único sítio enquadrável no Calcolítico pleno/final, apresenta um tipo de implantação diferente dos de cronologia mais antiga. É um pequeno povoado aberto, implantado em solos argilosos, a meia encosta da vertente sul da serra de Montargil. É o único da região que revela uma concentração do povoamento, a eventual presença de estruturas habitacionais e indícios de outras actividades, como a tecelagem, o fabrico de instrumentos de pedra polida e de artefactos mágico-simbólicos. O conjunto artefactual e os restos faunísticos apontam para a exploração de diversos recursos naturais, tanto a nível local como regional. Para além dos alimentos alcançados localmente, a estratégia de obtenção de produtos alimentares incluía a recollecção de moluscos, efectuada provavelmente, no antigo estuário do Tejo.

A região de Montargil parece ter vivido, a partir do 3º milénio a. C., uma dinâmica de povoamento semelhante à da área de Pavia. O decréscimo populacional verificado a partir desta altura culmina com a total ausência de vestígios da Idade do Bronze e da Idade do Ferro.

Verifica-se assim que a arqueologia de Montargil não é apenas o núcleo megalítico ou, já em época romana, a necrópole de Santo André. O desconhecimento generalizado do mundo dos vivos não resultava da sua ausência, mas da escassez da investigação.

Castro Verde, Fevereiro de 2002

Referências Bibliográficas

- ANÓNIMO (1758) – Memórias Paroquiais da Villa de Monteargil. In *Diccionario Geográfico*. Lisboa. Vol. 24, m. 194, p. 1411-1418.
- ARAÚJO, A. C. (1993) – A Estação Mesolítica do Forno da Telha (Rio Maior). *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*. 1º Congresso de Arqueologia Peninsular. 1. Porto. 33: 1-2, p. 15-50.
- ARAÚJO, A. C. (1999) – A Indústria Lítica do Concheiro de Poças de S. Bento (Vale do Sado) no seu Contexto Regional. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. 4: 13-15, p. 87-159.
- ARAÚJO, A. C. (no prelo a) – *Long Term Change in Portuguese Early Holocene Settlement and Subsistence*. Actas da 6th International Conference on the Mesolithic in Europe (Stockholm, 2000).
- ARAÚJO, A. C. (no prelo b) – *En Passant la Frontière vers l'Holocène: Continuité ou Rupture dans les Systèmes d'Adaptation des Chasseurs-Cueilleurs?* Actas de Autours du Méso: Table-ronde Epipaléolitique-Mesolithique (2001).
- ARNAUD, J. M. (1982a) – O Povoado Calcolítico de Ferreira do Alentejo no Contexto da Bacia do Sado e do Sudoeste Peninsular, *Arqueologia*. Porto. 6, p. 48-64.
- ARNAUD, J. M. (1982b) – Néolithique Ancien et Processus de Néolithisation dans le Sud du Portugal. *Le Néolithique Ancien Méditerranéen (Archéologie en Languedoc, n.º spécial)*. Montpellier. p. 29-48.
- ARNAUD, J. M. (1987) – Os Concheiros Mesolíticos dos Vales do Tejo e do Sado: Semelhanças e Diferenças. *Arqueologia*. Porto. 15, p. 53-64.
- ARNAUD, J. M. (1989) – The Mesolithic Communities of the Sado Valley, Portugal, in their Ecological Setting. *The Mesolithic in Europe*. Edinburgh. p. 614-631.
- ARNAUD, J. M. (1990) – Le Substrat Mesolithique et le Processus de Néolithisation dans le Sud du Portugal. In CAHEN, D. ; OTTE, M., Eds., *Rubané et Cardial*. Liège : ERAUL, p. 437-446).
- ARNAUD, J. M. (1993a) – O Mesolítico e a Neolitização. Balanço e Perspectivas. *O Quaternário em Portugal. Balanço e Perspectivas*. Lisboa: Colibri, p. 173-184.
- ARNAUD, J. M. (1993b) – O Povoado Calcolítico de Porto Torrão (Ferreira do Alentejo): Síntese das Investigações Realizadas. *Vipasca*. Aljustrel. 2, p. 41-60.
- BICHO, N. (1994) – The End of the Paleolithic and the Mesolithic in Portugal. *Current Anthropology*. 35:5, p. 664-674.
- BICHO, N.; STINER, M.; LINDLY, J.; FERRING, C. (2000) – O Processo de Neolitização na Costa Sudoeste. Actas do 3º Congresso de Arqueologia Peninsular. 3. In *Neolitização e Megalitismo da Península Ibérica*. Porto: Associação para o Desenvolvimento da Cooperação em Arqueologia Peninsular, p. 11-22.
- BITTEL, K.; JUNGHANS, S.; OTTO, H.; SANGMEISTER, E.; SCHRÖDER, M. (1960) – Studien zu den Anfängen der Metallurgie. In JUNGHANS, S., SANGMEISTER, E. e SCHRÖDER, M. - *Metallanalysen Kupferzeitlicher und Frühbronzezeitlicher Bondenfunde aus Europa*. Vol. I. Berlin: Verlag Gebr. Mann.

- BOAVENTURA, R. (2001) – O Sítio calcolítico do Pombal (Monforte): Uma recuperação possível de velhos e novos dados. Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. (policopiado).
- BRADLEY, R. (1993) – *Altering the Earth*. Edimburgo: Society of Antiquaries of Scotland.
- BRADLEY, R. (1998) – *The Significance of Monuments. On Shaping of Human Experience in Neolithic and Bronze Age Europe*. Londres: Routledge.
- CALADO, M. (1993) – Menires, Alinhamentos e Cromlechs. In MEDINA, J; GONÇALVES, V. S. (dir.), *História de Portugal*. Lisboa: Ediclube, vol. 1, p. 294-301.
- CALADO, M. (1995) – *A Região da Serra d'Ossa: Introdução ao Estudo do Povoamento Neolítico e Calcolítico*. Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (policopiado).
- CALADO, M. (1996) – O Recinto Megalítico de Vale Maria do Meio (Évora, Portugal): Contexto Arqueológico e Geográfico. In Actas do I Congrès del Neolític a la Península Ibérica. *Rubricantum*. Gavà. 2: 1, p. 493-503.
- CALADO, M. (1997a) – Vale Maria do Meio e as Paisagens Culturais do Neolítico Alentejano. In SARATOPOULOS, P. (ed.). *Paisagens Arqueológicas a Oeste de Évora*. Évora: Câmara Municipal de Évora, p. 41-51.
- CALADO, M. (1997b) – Cromleches Alentejanos e Arte Megalítica. In *Actas do III Colóquio Internacional de Arte Megalítica*. A Coruña: Museo Arqueológico e Histórico, p. 289-297.
- CALADO, M. (2000a) – Neolitização e Megalitismo no Alentejo Central: Uma Leitura Espacial. In *Neolitização e Megalitismo da Península Ibérica*. Actas do 3º Congresso de Arqueologia Peninsular. 3. Porto: Associação para o Desenvolvimento da Cooperação em Arqueologia Peninsular, p. 35-45.
- CALADO, M. (2000b) – O Recinto Megalítico de Vale Maria do Meio (Évora, Alentejo). In GONÇALVES, V. S., ed. – *Muitas Antas, Pouca Gente?* Actas do I Colóquio Internacional Sobre Megalitismo. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia, p. 167-182.
- CALADO, M. (2001) – *Da Serra d'Ossa ao Guadiana. Um Estudo de Pré-história Regional*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia.
- CALADO, M. (no prelo a) – *Standing Stones and Natural Outcrops*. Comunicação apresentada ao congresso “Neolithic Landscapes of the Mediterranean”.
- CALADO, M. (no prelo b) – *Megalitismo, Megalitismos: o Conjunto Neolítico do Tojal*. Montemor-o-Novo
- CALADO, M.; ROCHA, L. (1996) – Neolitização do Alentejo Interior: os Casos de Évora e Pavia. In Actas do I Congrès del Neolític a la Península Ibérica. *Rubricantum*. Gavà. 2: 1, p. 673-682.
- CANAVILHAS, I. (1996) – *A Megalithic by Any Other Name: a Case Study in Central and South of Portugal*. Reading. (policopiado)
- CANAVILHAS, I.; DEUS, M. (2000) – *Anta da Matanga. Relatório de Escavação Arqueológica de Emergência. Outubro de 1999*. (policopiado)
- CARDOSO, J. L.; CANINAS, J. C.; HENRIQUES, F. (2000) – Arquitectura, Espólio e Rituais de dois Monumentos Megalíticos da Beira Interior: Estudo Comparado. In GONÇALVES, V. S., ed. – *Muitas Antas, Pouca Gente?* Actas do I Colóquio

- Internacional Sobre Megalitismo. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia, p. 195-214.
- CARREIRA, J.; CARDOSO, J. (1992) – Testemunhos da ocupação neolítica de Monsanto. *Al-madan*. Almada. 2ª s.: I, p. 15-18.
- CARVALHO, A. F. (1996) – *O Neolítico Antigo do Maciço Calcário Estremenho, Tecnologia e Tipologia da Indústria de Pedra Lascada*. Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. (policopiado)
- CARVALHO, A. F. (1998a) – O Abrigo da Pena d'Água (Rexaldia, Torres Novas): Resultados dos Trabalhos de 1992-1997. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 1: 2, p. 39-72.
- CARVALHO, A. F. (1998b) – O Talhe da Pedra e a Transição Neolítico Calcolítico no Centro e Sul de Portugal: Tecnologia e Aspectos da Organização da Produção. *Trabalhos de Arqueologia da EAM*. Lisboa. 3-4, p. 41-60.
- CARVALHO, A. F. (1998c) – A Pedra Lascada do Monumento Funerário 1: Análise dos Materiais Recolhidos. In LAGO, M.; DUARTE, C.; VALERA, A.; ALBERGARIA, J.; ALMEIDA, F.; CARVALHO, A. F. – Povoado dos Perdigões (Reguengos de Monsaraz): Dados Preliminares dos Trabalhos Arqueológicos Realizados em 1997. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia. 1: 1, p. 129-137.
- CARVALHO, A. F. (no prelo a) – *Current Perspectives on the Transition from the Mesolithic to the Neolithic in Portugal*. Comunicação apresentada ao Congresso “Neolithic Landscapes in the Mediterranean” (policopiado).
- CARVALHO, A. F. (no prelo b) – O Neolítico Antigo no Arrife da Serra d'Aire. Um “case-study” da Neolitização da Média e Alta Estremadura Portuguesa. In *Colóquio Internacional sobre Megalitismo*. Monsaraz. (policopiado)
- CARVALHO, A. (1968) – Contribuição para o Conhecimento Geológico da Bacia Terciária do Tejo. *Memórias dos Serviços Geológicos de Portugal*. Lisboa. 15.
- CARVALHO, G. (1964) – *Étude Géologique et Sédimentologique de la Région de Ponte de Sor: Bordadura Est du Bassin Tertiaire du Bas Tage*. Paris.
- CRIADO BOADO, F. (1989) – Megalitos, Espacio, Pensamiento. *Trabajos de Prehistoria*. Santiago de Compostela. 46, p. 75-98.
- CRIADO BOADO, F.; VAQUERO LASTRES, J. (1993) – Monumentos, Nudos en el Pañuelo. Megalitos, Nudos en el Espacio: Análisis del Emplazamiento de los Monumentos Tumulares Gallegos. *Espacio, Tiempo y Forma*. Madrid. Série I, Prehistoria y Arqueología. 6, p. 205-248.
- CRUZ, M. D. G. (1986) - *Carta Arqueológica de Montargil*. Policopiado existente na Biblioteca Municipal Calouste Gulbenkian. Ponte de Sor.
- DAVEAU, S. (1980) – Espaço e Tempo. Evolução do Ambiente Geográfico de Portugal ao Longo dos Tempos Pré-históricos. *Clio*. Lisboa. 2, p. 13-37.
- DAVEAU, S. (1984) – Géographie Historique du Site de Coruche, Étape sur les Itinéraires entre Évora et le Ribatejo. *Revista da Faculdade de Letras*. Lisboa. 5: 2, p. 115-135.
- DAVEAU, S. (1993) – Terraços Fluviais e Litorais. In *O Quaternário em Portugal: Balanços e Perspectivas*. Lisboa: Colibri, p. 17-28.
- DAVEAU, S.; GONÇALVES, V. S. (1985) – A Evolução Holocénica do Vale do Sorraia e as Particularidades da sua Antropização: Neolítico e Calcolítico. In *Actas da I Reunião do Quaternário Ibérico, 2*. Lisboa: Grupo de Trabalho Português para o Estudo do Quaternário, p. 187-197.

- DEUS, M. (1999) – Núcleo Megalítico de Montargil. Breves Considerações. In *Carta Arqueológica de Ponte de Sor*. Gavião: Câmara Municipal de Ponte de Sor., p. 205-206.
- DIAS, A. M. M. C. (1996) – *Elementos para o Estudo da Sequência Estratigráfica e Artefactual do Povoado Calcolítico de Sta. Vitória*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade Clássica do Porto (policopiado).
- DINIZ, M. (1994) – Pesos de Tear e Tecelagem no Calcolítico em Portugal. *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*. 1º Congresso de Arqueologia Peninsular. 1. Porto. 33: 3-4, p. 133-147.
- DINIZ, M. (1996) – A Neolitização no Interior/Sul de Portugal: uma Proposta Alternativa. I Congrès del Neolític a la Península Ibèrica. *Rubricantum*. Gavà. 1: 1, p. 683-688.
- DINIZ, M. (1999) – Povoado Neolítico da Foz do Enxóe (Serpa): Primeiros Resultados. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa, 2: 1, p. 95-126.
- DINIZ, M. (2000a) – As Comunidades Neolíticas no Interior Alentejano: uma Leitura Cultural e Cronológica. Actas do 3º Congresso de Arqueologia Peninsular. 3. In *Neolitização e Megalitismo da Península Ibérica*. Porto: Associação para o Desenvolvimento da Cooperação em Arqueologia Peninsular, p. 23-33.
- DINIZ, M. (2000b) – Neolitização e Megalitismo: Arquitecturas do Tempo no Espaço. In GONÇALVES, V. S., ed. – *Muitas Antas, Pouca Gente?* Actas do I Colóquio Internacional Sobre Megalitismo. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia, p. 105-106.
- DINIZ, M. (2001) – Uma Datação Absoluta para o Sítio do Neolítico Antigo da Valada do Mato, Évora. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 4: 2, p. 111-114.
- DINIZ, M.; CALADO, M. (1997) – O Povoado Neolítico da Valada do Mato (Évora, Portugal) e as Origens do Megalitismo Alentejano. In *II Congreso de Arqueología Peninsular, 2: Neolítico, Calcolítico y Bronce*. Zamora: Fundación Rei Afonso Henriques, p. 23-31.
- ENRIQUEZ NAVASCUÉS, J. J. (1990) – *El Calcolítico o Edad del Cobre de la Cuenca Extremeña del Guadiana: los Poblados*. Badajoz: Museo Arqueológico Provincial.
- FEIO, M.; MARTINS, A. (1993) – O Relevo do Alto Alentejo. *Finisterra*. Lisboa. XXVIII: 55-56, p. 149-198.
- FERREIRA, O. V. (1963) - Notícia de Algumas Estações Pré-históricas e Objectos Isolados Inéditos ou Pouco Conhecidos. *Boletim Cultural da Junta Distrital de Lisboa*. Lisboa. 59-60, p. 149-166.
- FRASER, D. (1983) – *Land and Society in Neolithic Orkney*. BAR – British Series. 2 volumes.
- GASPAR, J. (1993) – *As Regiões Portuguesas*. Lisboa: Ministério do Planeamento e da Administração do Território.
- GOMES, M. V. (1994) – Menires e Cromleques no Complexo Cultural Megalítico: Trabalhos Recentes e Estado da Questão. In *Actas do Seminário O Megalitismo no Centro de Portugal*. Viseu: Centro de Estudos Pré-históricos da Beira Alta, p. 317-342.
- GOMES, M. V. (1997) – Cromleque dos Almendres – Um dos Primeiros Grandes Monumentos Públicos da Humanidade. In SARATOPOULOS, P. (ed.). *Paisagens Arqueológicas a Oeste de Évora*. Évora: Câmara Municipal de Évora, p. 25 – 34.
- GONÇALVES, V. S. (1981) – Antas dos Penedos de S. Miguel, Campanha 1. *Clio*. Lisboa. 3, p. 153-164.

- GONÇALVES, V. S. (1982) – O Povoado Calcolítico do Cabeço do Pé da Erra (Coruche). *Clio*. Lisboa. 4, p. 7-18.
- GONÇALVES, V. S. (1983/84a) – Cabeço do Pé da Erra (Coruche): Contribuição da Campanha 1 (83) para o Conhecimento do seu Povoamento Calcolítico. *Clio – Arqueologia*. Lisboa. 1, p. 69-75.
- GONÇALVES, V. S. (1983/84b) – Povoados Calcolíticos Fortificados no Centro / Sul de Portugal: Génese e Dinâmica Evolutiva. *Clio*. Lisboa. 1, p. 141-154.
- GONÇALVES, V. S. (1983/84c) – Programa para o Estudo da Antropização do Baixo Tejo e Afluentes: Projecto para a Antropização do Vale do Sorraia (ANSOR). *Clio – Arqueologia*. Lisboa. 1, p. 203-206.
- GONÇALVES, V. S. (1987) – O Povoado Pré-Histórico da Sala nº 1 (Pedrógão, Vidigueira): Notas Sobre a Campanha 1 (88). *Portugália* (Nova Série). Porto. 8, p. 7-16.
- GONÇALVES, V. S. (1988/89) – A Ocupação Pré-Histórica do Monte Novo dos Albardeiros (Reguengos de Monsaraz). *Portugália* (Nova Série). Porto. 9-10, p. 47-60.
- GONÇALVES, V. S. (1989a) – *Megalitismo e Metalurgia no Alto Algarve Oriental: uma Aproximação Integrada*. Lisboa: INIC / UNIARQ. 2 volumes.
- GONÇALVES, V. S. (1989b) – Manifestações do Sagrado na Pré-História do Ocidente Peninsular. I. Deusa(s)-Mãe, Placas de Xisto e Cronologias: Uma Nota Preambular. *Almansor*. Montemor-o-Novo. 7, p. 289-302.
- GONÇALVES, V. S. (1990) – Sítios, «Horizontes» e Artefactos: o Caso da Parede (Cascais, Lisboa). *Arquivo de Cascais*. Cascais. 9, p. 13-44.
- GONÇALVES, V. S. (1990/91) – TESP3: O Povoado Pré-Histórico da Torre do Esporão (Reguengos de Monsaraz). *Portugália* (Nova Série). Porto. 11-12.
- GONÇALVES, V. S. (1991) – Sítios, «Horizontes» e Artefactos: 2. Algumas Breves Considerações Sobre as Chamadas “Taças Carenadas” e a Primeira Metade do 3º Milénio em Portugal. *Arquivo de Cascais*. Cascais. 10, p. 81-120.
- GONÇALVES, V. S. (1992) – *Revendo as Antas de Reguengos de Monsaraz*. Lisboa: INIC / UNIARQ.
- GONÇALVES, V. S. (1993) – As Práticas Funerárias nas Sociedades do 4º e 3º Milénios. In MEDINA, J. – *História de Portugal*, 1. Lisboa: Ediclube.
- GONÇALVES, V. S. (1994) – A Primeira Metade do 3º Milénio no Centro/Sul de Portugal. Algumas Breves Reflexões, Enquanto Outras não são Possíveis. *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*. 1º Congresso de Arqueologia Peninsular. 4. Porto. 34: 3-4, p. 117-131.
- GONÇALVES, V. S. (1999) – *Reguengos de Monsaraz: Territórios Megalíticos*. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia.
- GONÇALVES, V. S. (2001) – A Anta 2 da Herdade de Santa Margarida (Reguengos de Monsaraz). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 4: 2, p. 115-206.
- GONÇALVES, V. S.; SOUSA, A. C. (1997) – A Propósito do Grupo Megalítico de Reguengos de Monsaraz e das Origens do Megalitismo no Ocidente Peninsular. In *O Neolítico Atlântico e as Orixes do Megalitismo: Actas do Colóquio Internacional*. Santiago de Compostela, p. 609-634.
- GONÇALVES, V. S.; SOUSA, A. C. (2000) – O Grupo Megalítico de Reguengos de Monsaraz e a Evolução do Megalitismo no Ocidente Peninsular (Espaços de Vida, Espaços de Morte: Sobre as Antigas Sociedades Camponesas em Reguengos de

- Monsaraz). In GONÇALVES, V. S., ed. – *Muitas Antas, Pouca Gente? Actas do I Colóquio Internacional Sobre Megalitismo*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia, p. 11-104.
- HENRIQUE, F.; CANINAS, J. C.; CHAMBINO, M. (1995) – Rochas com Covinhas na Região do Alto Tejo Português. *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*. 1º Congresso de Arqueologia Peninsular. Porto. 35: 4, p. 191-206.
- JUAN-TRESSERRAS, J.; ECHAVE, C.; ALBERT, R. M. (1996) – El Procesado de Vegetales y la Interpretación Funcional del Utillaje Neolítico de Molido y Triturado en la Península Ibérica. I Congrès del Neolític a la Península Ibèrica. *Rubricantum*. Gavà. 1: 1, p. 201-206.
- LAGO, M.; DUARTE, C.; VALERA, A.; ALBERGARIA, J.; ALMEIDA, F.; CARVALHO, A. F. (1998) – Povoado dos Perdigões (Reguengos de Monsaraz): Dados Preliminares dos Trabalhos Arqueológicos Realizados em 1997. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 1: 1, p. 45-152.
- LEISNER, G.; LEISNER, V. (1953) - Contribuição para o Registo das Antas Portuguesas. A região de Montargil (Concelho de Ponte de Sor). *O Arqueólogo Português*. Nova Série: 2, pp. 227-256.
- LEISNER, G.; LEISNER, V. (1959) – *Die Megalithgräber der Iberischen Halbinsel: der Westen*, 2. Berlim: Walter de Gruyter.
- LEISNER, G.; LEISNER, V. (1985) – *Antas do Concelho de Reguengos de Monsaraz*. Lisboa: INIC.1
- LOPES, C.; BOAVENTURA, R. (1997) – O Povoamento Pré-Histórico dos 4º - 3º Milénios na Região (de) Monforte: o Estado da Questão. In *II Congreso de Arqueología Peninsular, 2: Neolítico, Calcolítico y Bronce*. Zamora: Fundación Rei Afonso Henriques, p. 381-387.
- MEDEIROS, C. A. (1996) – *Geografia de Portugal. Ambiente Natural e Ocupação Humana: uma Aproximação*. Lisboa: Estampa.
- MELO, A.; SALVADO, M. C.; BOTO, M. F.; VALENTE, M. J. (1996) – *A Fauna Malacológica nos Povoamentos Calcolíticos no Centro e Sul de Portugal*. (policopiado)
- OLIVEIRA, C. D.; OLIVEIRA, J. (2000) – Continuidade e Rupturas do Megalitismo no Distrito de Portalegre. In *Neolitização e Megalitismo da Península Ibérica*. Actas do 3º Congresso de Arqueologia Peninsular. 3. Porto: Associação para o Desenvolvimento da Cooperação em Arqueologia Peninsular, p. 459-467.
- OLIVEIRA, J. (1997) – *Monumentos Megalíticos da Bacia Hidrográfica do Rio Sever, 1*. Marvão: ed. especial da revista Ibn-Maruan.
- OLIVEIRA, J. (2000) – O Megalitismo de Xisto da Bacia do Sever (Montalvão – Cedilho). In GONÇALVES, V. S., ed. – *Muitas Antas, Pouca Gente? Actas do I Colóquio Internacional Sobre Megalitismo*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia, p. 135-158.
- OLIVEIRA, J.; BAIRINHAS, A.; BALESTEROS, C. (1996) – Inventário dos Vestígios Arqueológicos do Parque Natural da Serra de S. Mamede. *Ibn-Maruan*. Marvão. 6, p. 43-61.
- OLIVEIRA, J.; DIAS, A. C. (1982) – Povoado Pré-Histórico do Cabeço do Cubo (Campo Maior). *Clio*. Lisboa. 4, p. 137-140.
- OOSTERBEEK, L. (1994) – O Alto Ribatejo e o Mediterrâneo. Espaço Contínuo ou Hierarquizado? 1º Congresso de Arqueologia Peninsular. 3. *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*. Porto. 34: 3-4, p. 199-129.

- PAIS, J. (1972) – Vegetais Fósseis de Ponte de Sor. *Boletim da Sociedade Geológica de Portugal*. Lisboa. 18: 1-2, p. 124-135.
- PAIS, J. (1989) – Evolução do Coberto Vegetal em Portugal no Neogénico e no Quaternário. *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*. Lisboa. 75, p. 67-72.
- PARREIRA, R. (1983) – O Cerro dos Castelos de São Brás (Serpa). Relatório Preliminar dos Trabalhos Arqueológicos de 1979 e 1980. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. IV, p. 149-168.
- PARREIRA, R. (1996) – *O Conjunto Megalítico do Crato (Alto Alentejo): Contribuição para o Registo das Antas Portuguesas*. 2 vols. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto. (policopiado)
- PONTIS (1999) – *Carta Arqueológica de Ponte de Sor*. Gavião: Câmara Municipal de Ponte de Sor.
- RIBEIRO, O. (1977) – *Introduções Geográficas à História de Portugal*. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda.
- RIBEIRO, O. (1991) – *Opúsculos Geográficos, 4: O Mundo Rural*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- RIBEIRO, O. (1995) – *Opúsculos Geográficos, 6: Estudos Regionais*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- RIBEIRO, O. (1998) – *Portugal, o Mediterrâneo e o Atlântico: Esboço de Relações Geográficas*. Lisboa: Livraria Sá da Costa.
- RIBEIRO, O.; LAUTENSACH, H.; DAVEAU, S. (1987) – *Geografia de Portugal I: A Posição Geográfica e o Território*. Lisboa: Edições João Sá da Costa.
- RIBEIRO, O.; LAUTENSACH, H.; DAVEAU, S. (1988) – *Geografia de Portugal II: O Ritmo Climático e a Paisagem*. Lisboa: Edições João Sá da Costa.
- RIBEIRO, O.; LAUTENSACH, H.; DAVEAU, S. (1989) – *Geografia de Portugal III: O Povo Português*. Lisboa: Edições João Sá da Costa.
- RIBEIRO, O.; LAUTENSACH, H.; DAVEAU, S. (1991) – *Geografia de Portugal IV: A Vida Económica e Social*. Lisboa: Edições João Sá da Costa.
- ROCHA, L. (1996) – *Povoamento Megalítico de Pavia: Contributo para o Conhecimento do Megalitismo Regional*. 2 vols. Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. (policopiado)
- ROCHA, L. (1999a) – Aspectos do Megalitismo da Área de Pavia, Mora (Portugal). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 2:1, p. 71-94.
- ROCHA, L. (1999b) – *Povoamento Megalítico de Pavia: Contributo para o Conhecimento da Pré-História Regional*. Mora: Câmara Municipal de Mora.
- SILVA, C. T. (1987) – Calcolítico do Sul de Portugal: uma Introdução. In *El Origen de la Metalurgia en la Peninsula Iberica*. 1. Madrid: Universidade Complutense – Instituto Universitário Ortega y Gasset. (policopiado)
- SILVA, C. T. (1989) – Novos Dados sobre o Neolítico Antigo do Sul de Portugal. *Arqueologia*. Porto. 20, p. 24-32.
- SILVA, C. T. (1997) – O Neolítico Antigo e a Origem do Megalitismo no Sul de Portugal. In RODRIGUEZ CASAL, A., ed. – *O Neolítico Atlântico e as Orixes do Megalitismo*. Actas do Colóquio Internacional. Santiago de Compostela: Consello da Cultura Galega, Universidade de Santiago de Compostela, Unión Internacional das Ciencias Prehistóricas e Protohistóricas, p. 575-585.

- SILVA, C. T. (1990) – Do Mesolítico ao Neolítico no Sul de Portugal: para o estudo das estratégias de subsistência. In *Homenagem a J. R. dos Santos Júnior*. Instituto de Investigação Científica e Tropical, 1, p. 215-217.
- SILVA, C. T.; SOARES, J. (1976-77) – Contribuição para o Conhecimento dos Povoados Calcolíticos do Baixo Alentejo e Algarve. *Setúbal Arqueológica*. Setúbal. 2-3, p. 179-272.
- SILVA, C. T.; SOARES, J. (1981) – *Pré-história da Área de Sines*. Lisboa: Gabinete da Área de Sines.
- SILVA, C. T.; SOARES, J. (1983) – Contribuição para o Estudo do Megalitismo do Alentejo Litoral: a Sepultura do Marco Branco (Santiago do Cacém). *O Arqueólogo Português*. Lisboa. 4: I, p. 63-88.
- SILVA, C. T.; SOARES, J. (1984) – A Estratégia de Povoamento dos Chãos de Sines Durante a Pré-história. In *Hommage a Georges Zbyszewski*. Paris: Recherches sur les Civilizations, p. 393-410.
- SILVA, C. T.; SOARES, J. (1987) – O Povoado Fortificado do Monte da Tumba. I – Escavações Arqueológicas de 1982-86 (resultados preliminares). *Arqueológica*. Setúbal, III, p. 29-79.
- SILVA, C. T.; SOARES, J. (2000) – Protomegalitismo no Sul de Portugal: Inauguração das Paisagens Megalíticas. In GONÇALVES, V. S., ed. – *Muitas Antas, Pouca Gente?* Actas do I Colóquio Internacional Sobre Megalitismo. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia, p. 117-134.
- SOARES, A. M. (1992) – O povoado Calcolítico dos Três Moinhos (Baleizão, concelho de Beja). Notícia preliminar. *Setúbal Arqueológica*. Setúbal. IX-X, p. 291-314.
- SOARES, A. M.; CABRAL, J. M. P. (1993) – Cronologia Absoluta para o Calcolítico da Estremadura e do Sul de Portugal. *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*. 1º Congresso de Arqueologia Peninsular. Porto. 33: 3-4, p. 217-236.
- SOARES, J. (1995) – Mesolítico-Neolítico na Costa Sudoeste: Transformações e Permanências. *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*. 1º Congresso de Arqueologia Peninsular. 6. Porto. 35:2, p. 27-45.
- SOARES, J. (1997) – A Transição para as Formações Sociais Neolíticas na Costa Sudoeste Portuguesa. In RODRIGUEZ CASAL, A., ed. – *O Neolítico Atlântico e as Orixes do Megalitismo*. Actas do Colóquio Internacional. Santiago de Compostela: Consello da Cultura Galega, Universidade de Santiago de Compostela, Unión Internacional das Ciencias Prehistóricas e Protohistóricas, p. 587-608.
- SOARES, J.; SILVA, C. T. (1992) – Para o Conhecimento dos Povoados do Megalitismo de Reguengos. *Setúbal Arqueológica*. Setúbal. IX-X, p. 37-88.
- THADEU, D. (1965) – *Carta Mineira de Portugal: Notícia Explicativa, Escala 1:500 000*. Lisboa: Serviços Geológicos de Portugal.
- VALENTE, M. J. (2001) – *Relatório sobre o Estudo das Arqueofaunas Mamalógicas da Serra (Montargil, Ponte de Sor). Campanhas de 2000 e 2001 (policopiado)*.
- VALERA, A. (1997) – *O Castro de Santiago (Fornos de Algodres, Guarda): Aspectos da Calcolitização da Bacia do Alto Mondego*. Fornos de Algodres: Câmara Municipal.
- VALERA, A. (1998) – Análise da Componente Cerâmica. In LAGO, M.; DUARTE, C.; VALERA, A.; ALBERGARIA, J.; ALMEIDA, F.; CARVALHO, A. F. – Povoado dos Perdigões (Reguengos de Monsaraz): Dados Preliminares dos Trabalhos Arqueológicos Realizados em 1997. Lisboa: *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 1: 1, p. 80-104.

- VASCONCELLOS, J. L. (1910) - Chronica. Excursão Archeológica - Escavações – Acquisições. *O Archeólogo Português*. Lisboa. 15: 1-12, p. 247-252.
- WHITTLE, A. (1996) – *Europe in the Neolithic: the Creation of new Worlds*. Cambridge: Cambridge University Press.
- ZBYSZEWSKI, G. ; CARVALHOSA, A. B. (1984) - *Carta Geológica de Portugal na Escala de 1:50 000. Notícia Explicativa da Folha 31-D (Montargil)*. Lisboa: Serviços Geológicos de Portugal.
- ZILHÃO, J. (1992) – *Gruta do Caldeirão. O Neolítico Antigo*. Lisboa: Instituto Português do Património Arquitectónico e Arqueológico
- ZILHÃO, J. (2000) – From the Mesolithic to the Neolithic in the Iberian Peninsula. In *Europe's First Farmers*. Cambridge: Cambridge University Press, p. 144-182.
- ZILHÃO, J. (2001) – Radiocarbon Evidence for Maritime Pioneer Colonization at the Origins of Farming in West Mediterranean Europe. *Proceedings of the National Academy of Sciences of the United States of America*. 98: 24, p. 14180-14185.